

INTRODUÇÃO

1

BACIA DO AMAZONAS, SETEMBRO DE 1987

Por volta do meio-dia as nuvens que se agarravam ao topo do Cerro Gordo desprenderam-se e começaram a espalhar-se. Lá muito em cima, na parte mais alta do tecto da floresta, Whittlesey podia ver a coloração dourada da luz do sol. Animais — provavelmente macacos-aranha — agitavam-se e guinchavam por cima da sua cabeça. Uma arara fez um voo raso, grasnando obscenamente.

Whittlesey parou junto a um jacarandá caído por terra e observou Carlos, o seu suado assistente de campo, que chegava agora até junto dele.

«Vamos fazer uma paragem» disse ele em espanhol. «*Baja la caja. Põe a caixa no chão*» disse-lhe Whittlesey

Whittlesey sentou-se sobre o tronco da árvore e retirou a bota e a meia do pé direito. Acendeu um cigarro e começou a aplicar a ponta acesa a toda uma multidão de carraças que lhe percorriam a pele e o tornozelo.

Carlos retirou do ombro uma velha e pequena padiola do exército sobre a qual estava amarrada, sem grandes cuidados, uma caixa de madeira.

«Abre-a, por favor.» disse Whittlesey.

Carlos retirou as cordas, abriu uma série de fechos de latão e levantou a tampa.

Os conteúdos estavam firmemente empacotados com fibras de uma planta indígena, expondo alguns artefactos: uma pequena prensa de madeira para secar folhas e um diário encadernado a couro, cheio de manchas. Whittlesey hesitou então por momentos, em seguida retirou do bolso da camisa uma pequena estatueta estranhamente cinzelada de um monstro. Com a mão, avaliou-lhe o peso, admirando uma vez mais a sua requintada mão-de-obra e o facto de ser bem mais pesada do que seria de pensar. Depois, com uma certa relutância, voltou a colocá-la na caixa, cobrindo tudo com as mesmas fibras e voltando a fechar a tampa.

Da sua mochila, tirou uma folha dobrada de papel em branco que abriu sobre o joelho. Com uma caneta de ouro já muito amolgada, que retirou do bolso da camisa, começou a escrever:

Xingu Superior
17 de Set. de 1987

Montague:

Decidi pedir ao Carlos que regressasse com a última caixa de madeira e continuar sozinho em busca do Crocker. O Carlos é um homem de confiança e não me posso arriscar a perder a caixa, caso me venha a acontecer qualquer coisa. Repara na roca de guizos do xamã e em outros objectos rituais. Parecem-me extremamente originais. Mas a estatueta que te envio, que encontramos numa cabana deserta neste local, é bem a prova do que tenho vindo a procurar. Repara nas garras exageradas, na sua natureza reptilínea, no facto de se assemelhar a um bípede. Os Kothoga existem e a lenda de Mbwun não é apenas uma invenção.

Todas as minhas notas de campo estão nesse caderno que também contém um relato completo acerca do desmembramento da expedição, algo que já deverás saber logo que esta mensagem te chegue às mãos.

Whittlesey abanou a cabeça, recordando-se da cena que ocorrera no dia anterior. O parvalhão do Maxwell... Tudo o que lhe interessava era enviar para o Museu, o mais depressa possível e em segurança, todos os espécimes que ele descobrira por acaso. Whittlesey ria-se para consigo mesmo. Ovos antiquíssimos! Como se não fossem outra coisa senão vagens de sementes sem importância! O Maxwell deveria ter sido um paleobiólogo em vez de um especialista em Antropologia Física. Que ironia que tivessem arrumado o equipamento e partido, quando ele estava apenas a mil metros da sua descoberta...

De qualquer modo, Maxwell já se fora embora e os outros tinham ido com ele. Só o Carlos, o Crocker e dois guias tinham permanecido. Mas agora já só restava o Carlos. Whittlesey voltou à carta que estava a escrever.

Usa o meu caderno de notas e os artefactos como quiseres, para que eu possa restabelecer a minha reputação junto do pessoal do Museu. Mas, mais do que tudo, peço-te que tenhas os maiores cuidados com a estatueta. Estou convencido de que o seu valor para a Antropologia é incalculável. Descobrimo-la ontem, por acaso. Julgo tratar-se da peça

central do culto de Mbwun, se bem que não haja sequer rasto de outras habitações na zona circundante, o que me intriga bastante.

Whittlesey interrompeu então o que estava a escrever. Não tinha descrito a descoberta da estatueta nas suas notas de campo. Mesmo nesse momento a sua mente parecia evitar lembrar-se de tal coisa.

O Crocker tinha saído do trilho para poder observar melhor um jacamar, de contrário nunca teriam encontrado o carreiro escondido que descia abruptamente entre paredes húmidas de musgo. Em seguida, tinham-se deparado com a cabana tosca, meio enterrada entre árvores centenárias, nesse viscoso vale em que a luz mal penetrava... Os dois guias botosucos que, normalmente estavam sempre a falar um com o outro em tupi, calaram-se imediatamente. Assim que Carlos os interrogou, um deles limitou-se a murmurar qualquer coisa acerca do guardião da cabana e de uma maldição que vitimaria quem violasse os seus segredos. Então, pela primeira vez, Whittlesey ouviu-os pronunciar a palavra *Kothoga*. Kothoga. O povo das sombras.

Whittlesey não acreditava muito nisso. Já tinha ouvido falar de maldições, sob pretexto de uma subida de salário. Mas, quando emergiu da cabana, os guias já tinham fugido.

...Foi então que essa velha saiu aos tropeções da floresta. Ela era provavelmente Ianomami e não Kothoga. Mas conhecia estes. *Tinha-os visto*. As maldições que ela insinuou... E a forma como acabou por se esbater através da floresta, mais como um jovem jaguar do que como uma septuagenária...

Então, voltaram todas as atenções para a cabana.

A cabana... Cautelosamente, Whittlesey permitiu lembrar-se dela. Estava flanqueada por duas lápides de pedra com relevos idênticos de um monstro sentado sobre a parte traseira. A sua enorme garra segurava em algo delido pelo tempo e difícil de identificar. Por detrás da cabana havia um jardim selvagem, um oásis bizarro de cores berrantes por dentro da monotonia verde.

O chão da cabana encontrava-se a um nível bastante mais baixo e o Crocker quase partiu o pescoço quando aí entrou. Whittlesey seguiu-o mais cautelosamente, enquanto Carlos se pusera de joelhos à entrada. O ar lá dentro era escuro e fresco e cheirava a terra putrefacta. Ao acender a lanterna de bolso, Whittlesey viu a estatueta em cima de um monte de terra, no meio do recinto. Na sua base viam-se uns quantos discos de metal trabalhado. Então a luz da lanterna incidiu sobre as paredes.

A cabana fora forrada com caveiras humanas. Examinando algu-

mas, que estavam mais perto, Whittlesey deu-se conta de um número de profundos arranhões que ele, a princípio, não conseguia perceber. Grandes buracos abriam-se no topo. Em muitos casos, o osso occipital na base das caveiras também estava partido e esmagado e os pesados ossos escamosos encontravam-se completamente ausentes.

A mão tremia-lhe e a luz falhou. Antes de a ter voltado a acender viu uma claridade muito ténue que se filtrava através de milhares de órbitas vazias, e colunas de pó, flutuando preguiçosamente no ar pesado.

Em seguida, o Crocker decidiu que precisava de dar um passeio — de estar sozinho durante alguns momentos, segundo dissera a Whittlesey. Mas nunca mais voltara.

A vegetação aqui é muito pouco comum. As cicas e os fetos têm um ar primordial. É pena que não tenha mais tempo para um estudo mais aturado. Usámos uma variedade muito resistente para empacotarmos o material nas caixas. Deixa o Jörgensen proceder às suas observações, se ele estiver interessado.

Espero sinceramente poder encontrar-me contigo no Clube dos Exploradores daqui a um mês, celebrando o nosso sucesso com uma rodada de martinis secos e um bom *Macanudo*. Até lá, creio poder confiar-te todo este material e a minha reputação.

O teu colega,

Whittlesey

Inseriu então a carta sob no forro da tampa da caixa.

«Carlos» disse ele, «quero que leves esta caixa até Porto de Mós e que esperes lá por mim. Caso eu não regresse, dentro de duas semanas, fala com o Coronel Souto. Diz-lhe que a envie, juntamente com os outros caixotes, para o Museu, tal como combinámos. Ele pagar-te-á o frete.»

Carlos olhou para ele. «Não estou a perceber» observou. «Vai ficar aqui sozinho?»

Whittlesey sorriu, acendeu outro cigarro, e voltou a matar carraças. «Alguém terá que levar a caixa. Poderás ainda apanhar o Maxwell antes de chegares ao rio. Preciso de pelo menos dois dias para procurar o Crocker.»

Carlos deu uma palmada no joelho. «*Es loco!* Não o posso abandonar aqui. *Si lo dejo atrás, se morirá.* Vai morrer aqui na floresta e os seus ossos irão ser pasto para os macacos uivantes. Teremos que regressar juntos, é a melhor coisa a fazer!»

Whittlesey abanou a cabeça, cheio de impaciência. «Deixa-me o mercurocromo, o quinino e a carne seca que ainda tens» disse ele, voltando a calçar a meia suja e a atar a bota.

Carlos começou a retirar essas coisas do saco, ainda a protestar. Whittlesey ignorava-o, coçando distraidamente as mordeduras dos insetos no seu pescoço e olhando fixamente na direção do Cerro Gordo.

«Vão ficar muito desconfiados, *Señor*. Vão pensar que o abandonei. Vai-me trazer muitos problemas» disse o Carlos, rapidamente, colocando o que lhe fora pedido na mochila do Whittlesey. «As moscas-bravas vão comê-lo vivo» continuou ele, dirigindo-se à caixa, para a fechar. «Vai apanhar malária outra vez e morrer. Acho que devo ficar consigo.»

Whittlesey reparou então no cabelo completamente branco de Carlos, que se lhe colava na testa. Esse mesmo cabelo fora completamente negro, no dia anterior, antes de Carlos ter dado uma olhadela pela cabana. Os olhos de ambos cruzaram-se e Carlos baixou os seus.

Whittlesey levantou-se. «*Adiós*» disse ele e desapareceu no mato.

Ao fim da tarde, Whittlesey reparou que as nuvens espessas e baixas tinham regressado para amortalharem o Cerro Gordo. Durante os últimos quilómetros, ele continuava a seguir um velho trilho de origem desconhecida, um carreiro que mal se via no meio do mato. Esse trilho desviava-se convenientemente dos pântanos de águas negras que rodeavam a base do *tepui*, do planalto húmido coberto de vegetação que se erguia em frente. O trilho tinha a lógica de um caminho aberto por seres humanos, pensou ele. Desenrolava-se com uma finalidade específica. Os que eram abertos pelos animais acabavam muitas vezes por desaparecer no meio da floresta. Esse trilho começava a subir na direção do *tepui*. O Crocker devê-lo-ia ter seguido.

Parou então para reflectir, passando inconscientemente os dedos pelo seu talismã — um arco de flechas em ouro, colado a outro de prata — que ele trazia sempre ao pescoço desde criança. Para além da cabana, não se observara outro indício de habitações humanas, durante os últimos dias, excepto uma aldeia há muito abandonada de apanhadores de raízes. Apenas os Kothoga poderiam ter aberto esse trilho.

Ao aproximar-se do planalto, podia ver umas quantas cordas de água que caíam em cascata dos seus flancos abruptos. Poderia acampar na sua base, nessa noite, e fazer a subida de mil metros pela manhã. Esta seria demasiado íngreme, lamacenta e provavelmente perigosa. Se ele encontrasse os Kothoga... bem, talvez fosse feito prisioneiro.

Mas não tinha razões para pensar que a tribo dos Kothoga fosse assim tão agressiva. Apesar de tudo era a essa outra criatura, a Mbwn, que

os mitos cíclicos locais atribuíam todas as mortes e toda a selvajaria. Era estranho — uma criatura desconhecida controlada por uma tribo que jamais alguém vira. *Será que Mbwun existia realmente?* Pensou. De certo, poderia haver ainda um pequeno vestígio desse ser na vasta floresta tropical, a área nunca fora explorada por biólogos. Não era a primeira vez que ele desejava que o Crocker não tivesse levado a sua *Mannlicher* de calibre 30/.06, ao sair do acampamento.

Mas primeiro teria que encontrar o amigo. Depois, poderia tentar descobrir os Kothoga e provar que não tinham sido dizimados há já vários séculos. Tornar-se-ia famoso, aquele que descobrira um povo antigo que vivia na pureza da Idade da Pedra, no interior da Amazónia, num planalto que flutuava sobre a selva, como em *O Mundo Perdido* de Arthur Conan Doyle.

Não havia razões para temer os Kothoga. *Excepto que essa cabana...*

De súbito um cheiro forte e doentio penetrou-lhe nas narinas e fê-lo parar. Não poderia haver engano, tratava-se sem dúvida de um animal morto e de grande porte. Deu mais uma dezena de passos e o cheiro intensificou-se. O seu coração palpitava de antecipação: talvez os Kothoga tivessem morto um animal nas imediações. Talvez tivessem deixado aí alguns artefactos: ferramentas, armas, quem sabe se algo de uma natureza cerimonial.

Continuou a andar, o fedor nauseante era cada vez mais intenso. Podia ver a luz do sol por um rasgão no tecto na floresta, bastante acima da sua cabeça, sinal de que haveria uma clareira não muito longe. Parou e apertou melhor a mochila, não querendo que nada o impedisse, caso tivesse que se mover com rapidez.

O trilho, rodeado de mato, tornava-se plano, curvando subitamente à esquerda, na direcção da clareira. Aí, no lado oposto, via-se a carcaça de um animal. A base da árvore a que estava encostada fora ritualmente entalhada com uma espiral, e um molho de penas de um verde vivo estava colocado por cima de um peito aberto, gorduroso e acastanhado.

Mas, ao aproximar-se, reparou que essa carcaça usava uma camisa de caqui.

Um enxame de moscas gordas zumbia sobre esse torço aberto. Whittlesey reparou que um braço arrancado estava pendurado de um tronco da árvore, atado com uma corda fibrosa, e com a palma da mão aberta ao meio. Havia um número de cápsulas de cartuxos vazios junto ao corpo. Só depois viu a cabeça. Estava voltada ao contrário, sob a sovaco do cadáver, com a parte detrás do crânio arrancada e com os olhos vidrados voltados para cima e as faces inchadas.

Whittlesey tinha descoberto o Crocker.

Instintivamente, pôs-se então a recuar. Vira como toda uma série de garras tinha rasgado o corpo, com uma força inumana e revoltante. O cadáver parecia estar já rígido. Talvez — se Deus fosse misericordioso — os Kothoga se tivessem ido embora.

Assumindo de que tratara dos *Kothoga*...

Em seguida deu-se conta de que a floresta, normalmente repleta de sons estridentes, estava silenciosa. Muito surpreendido, voltou-se para observar melhor a selva. Algo se mexia no mato elevado, na margem da clareira, e dois olhos felinos da cor do fogo líquido surgiram entre a folhagem. Com um soluço e uma praga, tapou o rosto com a manga e voltou a olhar. Os olhos já tinham desaparecido.

Só então reparou em qualquer coisa que não tinha visto antes e ouviu uma série de movimentos, pesados, porém horrivelmente furtivos, através do mato em frente dele.

2

BELÉM, BRASIL, JULHO DE 1988

Dessa vez, o Ven estava certo de que o encarregado das docas o andava a espiar.

Ficou por isso, bem ao fundo, na sombra de uma das vielas rodeadas de armazéns, a observar tudo atentamente. Uma chuva leve esbatia os pesados contornos dos cargueiros ferrugentos e transformavam as luzes do cais em pequenos pontos de luz. Levantava-se um vapor ténue à medida que a chuva atingia as tábuas dos convés, arrastando consigo um vago odor a creosoto. Atrás de Ven, ouviam-se os ruídos nocturnos do porto: o ladrar em *staccato* de um cão, um riso leve misturado com frases em português, e os calipsos que transbordavam dos bares da avenida marginal.

Tinha sido uma operação mesmo a calhar. Ele tinha vindo até aí, quando Miami se tornara demasiado perigosa, escolhendo o caminho mais longo. Aqui o comércio era mais ligeiro, pequenos cargueiros ancorados ao longo da costa. O pessoal das docas precisava sempre de estivadores e ele já tinha descarregado muitos barcos. Disse a todos que o seu nome era Ven Stevens, e ninguém lhe fez mais perguntas. De qualquer modo, nunca teriam acreditado que seu primeiro nome pudesse ser Stevenson.

A situação aí tinha todos os ingredientes desejados. Já tivera muita prática em Miami, tempo de sobra para aguçar os seus instintos. Estes mesmos mostravam ser aí da maior utilidade. Falava mal português, de pro-

pósito, com muitas hesitações, de modo a poder ler os olhos das pessoas e poder medir as respostas. Ricón, o assistente mais novo do capitão do porto, era o último elo de que Ven precisara.

Este estava sempre atento quando sabia que um carregamento do interior já vinha a descer o rio. Geralmente só lhe davam duas designações: chegadas e partidas. Mas ele sabia sempre o que procurar, as caixas eram sempre as mesmas. Certificava-se de que tinham sido descarregadas convenientemente e de que se encontravam já no armazém. Depois certificava-se também que estas fariam parte do último carregamento destinado aos carregueiros que partiriam rumo aos Estados Unidos.

Ven era instintivamente cauteloso. Mantinha sempre um olho atento no encarregado das docas. Uma vez por outra, tinha um pressentimento — como se uma campainha de alarme que se activasse no seu cérebro — de que o encarregado suspeitava de qualquer coisa. Mas, Ven ia-se descuidando cada vez mais e, ao fim de alguns dias, esse toque de aviso já desaparecera.

Agora estava a olhar para o relógio. Eram onze horas. Ouviu o som de uma porta a abrir e a fechar-se, vindo do outro lado da esquina. Encostou-se ainda mais à parede. Ouviam-se passadas pesadas sobre tábuas de madeira. Depois uma silhueta já familiar passou sob um candeeiro de rua. Quando os passos deixaram de se ouvir, Ven espreitou à esquina. Os escritórios estavam às escuras, vazios, tal como ele tinha previsto. Dando uma última olhadela, deslizou através da esquina do edifício até chegar as docas.

Uma mochila vazia, encharcada de humidade, batia-lhe nos ombros, a cada passo que dava. À medida que ia andando, meteu a mão num bolso e retirou uma chave, que apertou na mão com muita força. Essa chave era o seu sustento. Antes mesmo de ter passado dois dias nas docas, já tinha feito uma cópia da original.

Ven passou por um pequeno navio de carga, ancorado junto ao cais, com os seus pesados cabos de aço a escorrerem um líquido negro sobre as abitas enferrujadas. O navio parecia estar sem ninguém, sem mesmo um guarda no convés para observar o porto. Abrandou o passo. A porta do armazém era mesmo em frente, perto do fim do pontão principal. Ven olhou rapidamente por cima do ombro. Em seguida, com um desenvolto rodar de mão, abriu a fechadura da porta de metal e entrou lá dentro.

Ao fechar a porta atrás de si, deixou que os seus olhos se habituassem à escuridão. Estava quase a caminho de casa. Tinha apenas que acabar o que estava a fazer e pôr-se na alheta o mais depressa possível.

O mais depressa que pudesse. Porque o Ricón estava a tornar-se ganancioso e os cruzeiros desapareciam-lhe das mãos num abrir e fechar

de olhos. Da última vez tinha protestado acerca da quantia que ele lhe dera. Nessa mesma manhã, o Ricón tinha estado a falar com o encarregado, em voz baixa mas muito animadamente, e este olhara repetidamente para Ven. Agora, os instintos diziam-lhe que já não se poderia aí demorar muito.

Lá dentro, viu esse escuro armazém emergir como uma vaga paisagem de contentores e caixotes de madeira. Não podia arriscar-se a usar a lanterna de bolso, mas não tinha importância: conhecia a planta já de cor e poderia circular por esse espaço mesmo a dormir. Continuou a andar em frente com cuidado, abrindo caminho sobre essa montanha de cargas.

Por fim, viu o que estava à espera: uma série de caixotes já um pouco desconjuntados, seis bastante grandes e uma caixa mais pequena, arrumados num canto esquecido. Dois desses grandes caixotes tinham as seguintes letras pintadas: MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL, Nova Iorque.

Ven inquirira acerca desses caixotes meses antes. O ajudante do contramestre contara-lhe a história toda. Dizia-se que esses volumes tinham descido o rio, no Outono passado, desde Porto de Mós. Já tinham marcado o seu transporte aéreo até um museu de Nova Iorque, mas algo acontecera às pessoas que tinham feito tais arranjos — o aprendiz não conseguia dizer-lhe exactamente o quê. O pagamento, porém, fora feito a tempo e agora os caixotes encontravam-se no meio de uma série de manobras burocráticas, aparentemente esquecidos. Excepto por Ven.

Este tinha espaço suficiente por detrás deles, para poder retirar o seu quinhão, até que começassem a carregar os navios.

Uma brisa quente chegava-lhe através de uma janela partida no topo da parede, refrescando-lhe o suor da testa. Sorriu na escuridão. Só há pouco tempo soubera que os caixotes iriam ser finalmente enviados para os Estados Unidos. Mas nessa altura já ele estaria a milhas.

Agora observava o único objecto que iria açambarcar. Apenas uma caixa dessa vez, cujos conteúdos poderiam facilmente caber na sua mochila. Sabia muito bem onde se situavam os mercados e o que fazer. E estaria já a fazê-lo muito em breve, longe desse local.

Enquanto tentava arranjar espaço por detrás dos grandes caixotes, Ven parou abruptamente. Havia aí um estranho odor: um cheiro a terra, a cabras, a podridão. Muitos caixotes velhos tinham passado pelo porto, mas não se lembrava de nenhum com esse cheiro.

Os seus instintos tocaram a campainha de alarme o mais alto que puderam, contudo não podia observar nada de errado ou fora do lugar. Deslizou um pouco mais, entre o carregamento para o Museu e a parede.

Em seguida, voltou a parar. Havia qualquer coisa que não batia certo. Algo estava, de facto, errado.

Ouviu então, em vez de ter visto, qualquer coisa a mexer-se nesse

espaço exíguo. O cheiro intenso espalhou-se em torno dele, quase o cegando com o seu fedor. De súbito, sentiu-se atirado contra a parede por uma força incrível. Uma dor intensa explodiu-lhe no peito e no ventre. Abriu a boca para gritar, mas algo parecia ferver-lhe na garganta. Depois, uma facada, como um relâmpago arrancou-lhe o crânio, deixando para trás apenas a escuridão.

O MUSEU DOS MISTÉRIOS POUCO NATURAIS

◀ PRIMEIRA PARTE ▶

3

NOVA IORQUE, NOS DIAS DE HOJE

O rapazinho ruivo estava a subir para a plataforma e a chamar medricas ao seu irmão mais novo, à medida que tentava alcançar o pé do elefante. Juan observava-o silenciosamente, reagindo apenas quando a mão do rapaz tocou no objecto exposto.

«Calma!» gritou, começando a correr. «É proibido mexer nos elefantes.» O rapaz pareceu ficar assustado e retirou a mão. Ainda estava numa idade em que os uniformes o impressionavam. Os mais velhos — de quinze ou dezasseis anos — costumavam fazer um gesto feio, com o dedo, para o guarda. Maldito emprego miserável! Um dia, ele haveria de terminar esse processo de equivalência e fazer o exame de admissão à Polícia.

Continuou a observar, cheio de desconfiança, ambos os rapazinhos, enquanto estes se punham a andar em torno das vitrinas nessa sala com pouca luz, e iam olhando para os leões embalsamados. Na vitrina cheia de chimpanzés, o rapaz mais velho começou a guinchar e a coçar-se debaixo dos braços, a exhibir-se perante o irmão mais novo. Onde diabo estariam os pais?

Agora o Billy, o ruivo, arrastava o irmão para uma sala cheia de artefactos africanos. Uma fila de máscaras com dentes lisos de madeira parecia olhar para eles, por dentro da vitrina. «Olha para isto!» exclamou o irmão mais novo do Billy.

«Isso não tem *graça nenhuma!*» disse este, fazendo rodar a cabeça.

«Onde está a mãe?» perguntou o mais novo, olhando para trás.

«Ora, se calhar perdeu-se» disse o Billy. «Anda...»

Começaram a percorrer uma enorme sala, que fazia eco, e estava cheia de tótemes. Ao fundo, uma senhora com uma bandeira vermelha e uma voz esganiçada estava a acompanhar o grupo final de visitantes desse dia. Para o irmão mais novo do Billy, essa sala tinha um cheiro que lhe metia um certo medo, era um odor a fumo e a raízes de árvores. Quando o grupo dobrou uma esquina e desapareceu o salão ficou vazio.

Na última vez que aí estiveram, tinham visto o maior brontossauro do mundo, um tiranossauro e um «traquidante». Pelo menos era assim que

ele pensava que se chamava. Os dentes do tiranossauro deveriam medir pelo menos três metros. Isso era a coisa mais entusiasmante que o Billy vira. Mas não se lembrava de ter visto esses tótemes. Talvez os dinossauros estivessem para lá da porta em frente. Esta, porém, apenas conduzia ao enfadonho Salão dos Povos do Pacífico. Povos cheios de jades, de marfins, de sedas e de estátuas de bronze.

«Olha o que tu fizeste» disse o Billy.

«O quê?»

«Fizeste com que eu me perdesse, foi tudo» disse o rapaz mais velho.

«A mãe vai ficar *mesmo zangada*» disse o irmão mais novo.

O Billy riu-se cheio de ironia. Eles não tinham que se encontrar com os pais senão à hora de fechar, nos grandes degraus da entrada. Ele não teria problemas em encontrar a saída.

Percorreram mais umas quantas salas empoeiradas e desceram um vão de escadas até uma outra sala quase às escuras. Do chão ao tecto, viam-se milhares de pequenos pássaros embalsamados, com o algodão branco a ver-se por debaixo dos seus olhos postiços. Essa sala estava vazia e cheirava a naftalina.

«Sei muito bem onde estamos» disse o Billy, olhando, com uma certa esperança, para a escuridão.

O mais novo parecia ter começado a choramingar.

«Cala-te» disse o Billy, e o outro calou-se.

A sala estreitava subitamente, terminando num lugar escuro e sem saída, cheio de pó e de vitrinas vazias. Não havia outra solução senão voltar para trás através da sala dos pássaros embalsamados. Os passos dos dois rapazinhos ecoavam secamente, longe dos outros turistas de domingo. Contra o extremo dessa sala havia uma longa barricada de lona e de madeira que pretendia, sem grande sucesso, ser um muro. Largando a mão do irmão, Billy caminhou para ela para ver o que se escondia por detrás.

«Já aqui estive» disse ele, com mais confiança. «Fecharam este sítio, mas estava aberto da última vez. Aposto que estamos mesmo por baixo dos dinossauros. Deixa-me cá ver se há alguma maneira de podermos subir.»

«Mas tu não devias ir aí para trás...» avisou-o o irmão mais novo.

«Cala-te, meu estúpido. Olha que vou mesmo. O melhor que tens a fazer é esperar aqui por mim.» Billy agachou-se por baixo da barricada e, alguns minutos depois, o mais novo ouviu o ruído de uma porta de metal a abrir-se.

«Anda!» chamou Billy. «Há aqui uma escada em caracol. Só desce, mas parece-me interessante. Vou experimentá-la.»

«Não façás isso, Billy!» gritou-lhe o mais novo, mas só ouviu os passos do irmão.

O irmão mais novo começou então a berrar, com a sua voz fininha a elevar-se cada vez mais nessa soturna sala. Após alguns minutos, começou a soluçar, fungou muito alto e sentou-se no chão. Começou também a tentar arrancar uma pequena tira de borracha que estava a sair da parte da frente do seu sapato de ténis.

De súbito, olhou para cima. A sala estava silenciosa e sem ar. As luzes nas vitrinas enchiam o chão de sombras escuras. Uma conduta de ar emitiu um ruído surdo e começou a matraquear algures. O Billy tinha mesmo desaparecido. Dessa vez, o rapazinho mais novo começou a chorar mais alto.

Talvez não fosse má ideia ir atrás do Billy. Talvez a coisa não fosse assim tão assustadora. Talvez ele tivesse ido por ali e encontrado os pais e todos estivessem agora à espera dele, do outro lado. Porém, tinha que se apressar. O Museu já deveria estar fechado.

Ergueu-se e tentou passar através da vedação. A sala continuava, com as vitrinas cheias do pó e do bolor das prévias exposições. Uma velha porta de metal, do outro lado, estava quase escancarada.

O rapazinho aproximou-se dela e pôs-se a espreitar. Por detrás desta, via-se o patamar de uma escada estreita em caracol que descia continuamente, até se perder de vista. Tudo aí estava ainda mais poeirento, e havia um estranho cheiro no ar que fez com que as suas narinas estremecessem. Ele não queria nada estar aí, mas o Billy deveria estar lá em baixo.

«Billy!» chamou. «Billy, sobe já! Por favor!»

Porém, nesse profundidade cavernosa, apenas ouviu o eco das suas palavras. A criança voltou a fungar, depois, agarrou-se ao corrimão e começou a descer devagarinho para essa penumbra.

4

SEGUNDA-FEIRA

Quando Margo Green dobrou a esquina da Septuagésima Segunda Rua, o sol matinal inundou-lhe o rosto. Olhou para baixo, durante algum tempo, à medida que pestanejava, e, atirando para trás o seu cabelo castanho, atravessou então a rua.

Margo começou a andar pelo caminho empedrado que conduzia à entrada do pessoal. Passou por uma plataforma de descargas na direcção de um túnel de granito que a levaria até ao pátio interior do Museu. Depois

começou a andar mais devagar, já preocupada. Havia faixas de pequenas luzes vermelhas e intermitentes mesmo à boca do túnel em frente dela. Lá ao fundo, podia ver ambulâncias, carros da Polícia e o veículo dos Serviços de Emergência, estacionados ao acaso.

Margo entrou no túnel e dirigiu-se a um *guiché* de vidro. Normalmente, o velho Curly, o guarda, estaria aí a dormir a essa hora da manhã, encostado a um canto do *guiché*, com o seu queimado cachimbo barato pendurado da boca. Mas, nesse dia, estava acordado e de pé. Abriu logo a porta de vidro e disse: «Bom dia, Doutora. Chamava «doutores» a todos, desde os alunos de mestrado ou doutoramento ao Director do Museu, ainda que eles pudessem não ter tal título.

«Que se passa?» perguntou Margo.

«Não faço ideia» disse o Curly. «Eles chegaram há dois minutos. Mas creio que desta vez terei que pedir a sua identificação.»

Mago começou a remexer no seu saco de mão, interrogando-se se teria trazido o cartão. Há já meses que ninguém lho pedia. «Não sei se trouxe hoje o cartão» disse ela, zangada consigo mesma por não ter limpo o saco de toda a tralha do último Inverno. Esse saco obtivera, recentemente, o estatuto de «saco mais desarrumado do Museu» atribuído pelos seus amigos do Departamento de Antropologia.

O telefone do *guiché* tocou e o Curly foi logo atender. Margo conseguiu finalmente encontrar o cartão e exibiu-o diante da janela, mas o guarda parecia ignorá-la enquanto abria muito os olhos e continuava ao telefone.

Desligou-o sem dizer uma palavra, com o corpo muito rígido e uma expressão preocupada.

«Então?» perguntou Margo. «Que aconteceu?»

O Curly tirou o cachimbo da boca. «A senhora não vai querer saber» disse ele.

O telefone voltou a tocar e ele apressou-se a atender.

Margo nunca vira esse guarda mexer-se tão depressa. Encolheu os ombros, voltou a pôr o cartão no saco e começou a andar. Estava quase no prazo estabelecido para entregar o próximo capítulo da sua tese de doutoramento e não poderia dar-se ao luxo de perder um único dia que fosse. A semana anterior fora uma desgraça — organizar o funeral do pai, formalidades, chamadas telefónicas. Agora já não poderia perder mais tempo.

Depois de ter atravessado o pátio, entrou no Museu através da porta do pessoal, voltou à direita e continuou, através de um longo corredor da cave, em direcção ao Departamento de Antropologia. As luzes dos vários escritórios ainda estavam apagadas, como estavam sempre, até às nove e meia ou às dez horas.

O corredor fazia então uma curva abrupta e ela parou. Tinham

posto uma fita de plástico amarelo de um lado ao outro do corredor. Margo podia ver bem o que lá estava escrito: DEPARTAMENTO DA POLÍCIA DE NOVA IORQUE — LOCAL DE CRIME — NÃO ATRAVESSAR. O Jimmy, um guarda que se encarregava geralmente da Sala de Ouro do Peru, estava de pé, diante da fita, na companhia de Gregory Kawakita, um jovem Assistente de Conservador que trabalhava no Departamento de Biologia da Evolução.

«Mas afinal, que é que se passa?» perguntou ela.

«Trata-se da eficiência típica deste Museu. Não nos deixam entrar» disse Kawakita com um sorriso sarcástico.

«Ninguém me disse mais nada, senão que não deixasse entrar ninguém» disse o guarda, nervosamente.

«Veja» disse Kawakita, «tereí que apresentar um relatório no *National Society Forum* amanhã mesmo, e ainda tenho um longo dia à minha frente. Ora, se me deixar...»

Jimmy começava a ficar muito pouco à vontade. «Repare que estou apenas a cumprir as ordens que me deram.»

«Vamos» disse Margo para Kawakita. «Vamos até ao refeitório tomar um café. Talvez haja aí alguém que saiba o que se está a passar.»

«Primeiro terei que descobrir uma casa de banho, se é que irei descobrir alguma que não esteja vedada» respondeu-lhe Kawakita, muito irritado. «Depois vou lá ter contigo.»

A porta do refeitório do pessoal, que nunca estava encerrada, estava fechada nesse dia. Margo ainda tentou rodar o puxador, sem saber se deveria esperar por Kawakita. Mas abriu-a logo em seguida. Estaria bem tramada se precisasse do auxílio *dele*.

Lá dentro, havia dois polícias a conversarem, de costas voltadas para ela. Um deles disse entre dentes: «Que foi aquilo, o sexto?»

«Já lhe perdi a conta» disse o outro. «Mas ele já não deve ter dentro dele mais pequeno almoço para vomitar.» Quando os polícias se desviaram, Margo pôde então ter uma vista geral do refeitório.

Essa grande sala estava deserta. Na área da cozinha, lá ao fundo, um homem estava debruçado num lava louças. Cuspiu, limpou a boca e voltou-se. Margo reconheceu então o Charlie Prine, o novo especialista em conservação do Departamento de Antropologia, contratado há seis meses, através de um subsídio temporário, para restaurar os objectos que iriam figurar na próxima exposição. O seu rosto estava cinzento e sem expressão.

Depois de o terem segurado pelos braços, os polícias estavam a ajudá-lo a sair.

Margo desviou-se para que o grupo pudesse passar. O Prine andava de um modo algo rígido, como um robô. Instintivamente, Margo desviou o olhar.

Os sapatos do Prine estavam empapados em sangue.

Este olhou para ela com um olhar vazio, mas viu a expressão nos dela. Depois, parou, tão abruptamente, que o polícia que estava atrás dele acabou por embater nas suas costas.

Os olhos de Prine ficaram maiores e mais brancos. O polícia segurou-o pelos braços, mas ele resistiu, uivando de pânico. De modo que não perderam tempo a retirá-lo da sala.

Margo encostou-se à parede, esperando que o seu coração batesse mais devagar enquanto o Kawakita entrava, na companhia de outros empregados. «Metade deste Museu terá que ser vedada» disse ele, abanando a cabeça e servindo-se de uma caneca de café. «Ninguém pode entrar nos escritórios.»

Como se houvesse algo combinado, o antigo sistema de altifalantes do Museu começou fanhosamente a emitir: «*Atenção por favor. Todo o pessoal que não estiver ligado à manutenção e que se encontre no recinto deve dirigir-se ao refeitório dos empregados.*»

Logo que se sentaram, havia mais elementos do pessoal que começavam a chegar em grupos de dois e de três. Eram quase todos técnicos de laboratório e assistentes de conservadores sem contrato. Era ainda muito cedo para as pessoas mais importantes. Margo olhou para eles, desprendidamente. O Kawakita estava a falar, mas ela não conseguia ouvir o que ele dizia.

No espaço de dez minutos já o refeitório estava à pinha. Todos falavam ao mesmo tempo, expressando a sua raiva por não poderem entrar nos seus escritórios, queixando-se do facto de ninguém os informar de nada, discutindo cada novo boato, muito chocados. Era óbvio que, num museu onde nada de excitante acontecia, se estavam a divertir bastante.

Kawakita engoliu o café com uma careta. «Já viram estas borras?» Em seguida voltou-se para ela. «Ficaste sem fala, Margo? Ainda não disseste nada desde que nos sentámos?»

Titubeando, ela falou-lhe do Prine. As belas feições de Kawakita contraíram-se. «Meu Deus!» disse ele, finalmente. «Que é que achas que aconteceu?»

Quando a sua voz de barítono se tornou mais alta, Margo deu-se conta de que as conversas no refeitório já tinham cessado. Um homem pesado e calvo de fato castanho, estava de pé junto à porta, com um rádio de polícia metido no bolso do casaco um pouco apertado, e um charuto ainda não aceso a sair-lhe da boca. Agora, dirigia-se a eles, seguido por outros dois polícias em uniforme.

Parou então a meio da sala, puxou as calças para cima, retirou o

charuto da boca e um bocado de tabaco da língua, e desobstruiu a garganta. «Não se importam, por favor, de me darem a vossa atenção?» disse ele. «Aconteceu qualquer coisa que irá requerer que fiquem mais algum tempo connosco.»

De súbito, uma voz vinda do fundo da cantina disse com um tom acusatório: «E isso quer dizer o quê, Senhor...?»

A Margo tentou esticar o pescoço para ver quem era. «É o Freed» disse-lhe Kawakita ao ouvido. Ela já ouvira falar do Frank Freed, um conservador ictiólogo, muito rabugento.

O homem de fato castanho voltou-se para ver melhor o Freed. «Tenente D'Agosta» disse ele, muito depressa, «do Departamento da Polícia de Nova Iorque.»

Era uma resposta que teria calado a maioria das pessoas, mas o Freed, um homem emancipado, com uma longa cabeleira cinzenta, continuou: «Será que» disse ele com um tom sarcástico, «poderíamos ser informados do que se está a passar? Acho que temos direito...»

«Gostaria de vos informar do que se está a passar» limitou-se D'Agosta a acrescentar. «Mas, neste momento, tudo o que vos posso dizer é que encontrámos um corpo no recinto, em circunstâncias que estamos a investigar neste momento. Se...»

Quando as pessoas começaram todas a falar ao mesmo tempo, D'Agosta, com um ar cansado, levantou uma mão.

«Só vos posso dizer que a Brigada de Homicídio se encontra no local e que estamos a proceder a uma investigação» continuou ele. «A partir deste momento, o Museu encontra-se encerrado. Por enquanto, ninguém poderá sair nem entrar. Esperamos tratar-se apenas de uma situação temporária.»

Após uma pausa, continuou: «Se ocorreu um homicídio, é muito provável que o assassino ainda se encontre cá dentro. Apenas vos pedimos que permaneçam aqui durante uma hora ou duas, até termos procedido a uma inspecção geral do recinto. Um agente da Polícia virá para registar os vossos nomes e títulos.»

No silêncio esmagador que se seguiu, abandonou o refeitório, fechando a porta atrás dele. Um dos polícias, que tinha ficado, arrastou uma cadeira até à porta e sentou-se pesadamente nela. Pouco a pouco voltou a ouvir-se um murmúrio de conversas. «Então vamos ficar aqui presos?» gritou o Freed. «É inacreditável!»

«Deus meu...» disse Margo, baixinho. «Não achas que o Prine seja o assassino?»

«Até mete medo pensar nisso, não achas?» disse o Kawakita. Levantou-se, dirigiu-se ao termo de café e, com um murro tentou extrair umas

últimas gotas. «Mas não me mete tanto medo como o facto de puder não estar preparado para a minha apresentação de amanhã.»

A Margo sabia que o jovem Kawakita, cientista brilhante e ambicioso, nunca seria apanhado sem estar preparado para o que quer que fosse.

«A imagem hoje em dia é tudo» continuou Kawakita. «A ciência por si só já não nos arranja subvenções para a investigação.»

Margo acenou com a cabeça em sinal de acordo. Ela ouviu-o, se bem como o remoinho de vozes em volta dele, mas nada disso lhe parecia importante. Excepto o sangue nos sapatos do Prine.

5

«Ouçam» disse o polícia uma hora depois. «Já podem ir às vossas vidas. Certifiquem-se apenas que não entram nas áreas assinaladas com a fita amarela.»

Margo levantou a cabeça dos braços, com um sobressalto, quando uma mão lhe pousou no ombro. O Bill Smithback, um indivíduo alto e magro, segurava na outra mão dois cadernos com lombadas em espiral, e o seu cabelo castanho, parecia, como de costume, que ele acabara de se levantar da cama. Por trás da orelha, trazia um lápis roído, o seu colarinho estava desapertado e o nó da sua horrível gravata estava descaído. A caricatura perfeita de um jornalista dedicado e cheio de trabalho. A Margo suspeitava até que ele cultivava esse aspecto. Smithback tinha sido contratado para escrever um livro acerca do Museu, centrado sobretudo na *Exposição sobre Superstições*, que iria abrir as suas portas ao público na semana seguinte.

«Há coisas muito pouco naturais neste Museu de História Natural» murmurou Smithback, com um tom sinistro, ao ouvido de Margo, enquanto se sentava numa cadeira junto dela. Pôs os seus cadernos de notas em cima da mesa e uma grande quantidade de papéis escritos à mão, disquetes de computador e artigos fotocopiados sublinhados com um marcador amarelo espalharam-se através do tampo de fórmica.

«Olá, Kawakita!» exclamou Smithback, jovialmente, dando-lhe uma palmada no ombro. «Tens visto alguns tigres ultimamente?»

«Apenas os de papel» respondeu Kawakita secamente.

Smithback voltou-se então para Margo. «Creio que já deverás saber todos os detalhes mais chocantes. Foi horrível, não foi?»

«Não nos disseram nada» disse Margo. «Tudo o que ouvimos foi qualquer coisa acerca de um assassínio. Acho que o Prine talvez seja o responsável.»

Smithback riu-se. «O Charlie Prine? Esse fulano não conseguiria

matar um pacote de latas de cerveja, quanto mais um bípede. Não, o Prine apenas encontrou o corpo. Ou será que deveria dizer *os corpos?*»

«Os corpos? De que estás tu a falar?»

Smithback suspirou. «Tu de facto *não* sabes de nada, pois não? Estava à espera que tivesses ouvido qualquer coisa, dado que estás há horas aqui sentada.» Levantou-se e foi até ao termo de café. Inclinou-o, chocalhou-o, praguejou, e veio de mãos vazias. «Encontraram a mulher do director embalsamada numa vitrina, na Sala do Primatas.» disse ele, depois de se ter voltado a sentar. «Já lá estava há vinte anos, mas ninguém tinha reparado.»

Margo sorriu. «Conta-nos a história verdadeira, Smithback» disse ela.

«Muito bem, muito bem...» suspirou ele. «Hoje, por volta das sete da manhã, encontraram os corpos de dois rapazinhos que tinham sido assassinados na cave do Velho Edifício.»

Margo tapou a boca com a mão.

«E como é que descobriram isso tudo?» perguntou Kawakita.

«Enquanto vocês os dois estavam aqui a passar o tempo, nós estávamos de pé, lá fora, na Septuagésima Segunda Rua» e Smithback continuou: «Fecharam-nos os portões na cara. A imprensa também lá estava, aliás muito bem representada. A coisa é que o Wright vai dar uma grande conferência de imprensa na Great Rotunda, às dez, para acalmar o que se murmura por aí. Toda essa conversa de jardim zoológico. Temos dez minutos.»

«Conversa de jardim zoológico?» ainda perguntou Margo.

«*Isto* já se transformou num jardim zoológico. Meu Deus, que confusão!» Smithback estava a saborear o facto de não contar o que sabia. «Parece que os assassinios foram bastante violentos, e vocês já conhecem a imprensa: sempre assumiram que nós temos animais enjaulados aqui no Museu.»

«Até parece que estás a gostar...» disse Kawakita, com um sorriso.

«Uma história deste género iria dar toda uma outra dimensão ao meu livro» acrescentou Smithback. «O relato chocante e verdadeiro da horrível matança no Museu, por William Smithback Júnior. Monstros selvagens e vorazes à solta pelos corredores desertos. Poderia vir a ser um *best-seller*.»

«O assunto não tem graça nenhuma» observou logo a Margo. Estava a pensar que o laboratório do Prine não ficava muito longe do seu escritório, na cave do Velho Edifício.

«Bem sei, bem sei...» disse Smithback, com um certo humor. «É horrível. Pobres rapazinhos. Mas ainda não sei se deverei acreditar nisso. Se calhar trata-se de um truque do Cuthbert para dar mais publicidade à

Exposição» suspirou e depois disse, com um tom de quem se sentia culpado: «Olha Margo... Tive muita pena ao saber da morte do teu pai. Queria dizer-to antes.»

«Obrigada» limitou-se Margo a dizer, com um sorriso frio.

«Ouçam, vocês os dois» disse Kawakita, ao levantar-se. «Tenho mesmo que...»

«Ouvi mesmo dizer que estavas a pensar deixar o Museu» continuou Smithback, falando para a Margo. «Desistires da tua tese para ires trabalhar na Companhia que pertencia ao teu pai, ou qualquer coisa do género...» Olhou então para ela, de um modo curioso. «É verdade? Pensei que as tuas pesquisas estavam finalmente a dar fruto.»

«Bem,» disse Margo, «sim e não. A tese tem-se vindo a arrastar um bocado. Hoje tenho o meu encontro semanal das onze com o Frock. Provavelmente ele já se esqueceu, como é hábito e já marcou outra coisa para essa hora, especialmente com estes acontecimentos trágicos. Mas espero poder vê-lo. Encontrei uma monografia bastante interessante sobre o modo como os Kiribitu classificavam as plantas.»

Deu-se então conta de que os olhos de Smithback já não estavam a olhar para ela e lembrou-se, uma vez mais, que a maioria das pessoas não tinha qualquer interesse em genética nem em etnofarmacologia. «Bem, tenho que me preparar» disse Margo, levantando-se da mesa.

«Espera só um momento!» disse-lhe Smithback, tentando juntar tudo o que espalhara pela mesa. «Não queres assistir à conferência de imprensa?»

Enquanto abandonavam o refeitório do pessoal, Freed ainda se estava a queixar a quem o quisesse ouvir. Kawakita, que já estava a andar muito depressa em frente deles, pelo corredor fora, fez um gesto de despedida por cima do ombro, ao dobrar uma esquina, antes de desaparecer.

Chegaram à Great Rotunda para verificarem que a conferência de imprensa já tinha começado. Uma série de repórteres rodeavam o Dr. Winston Wright, Director do Museu, pondo microfones e câmaras à sua frente. As vozes ecoavam doadamente nesse espaço cavernoso. Ippolito, o Director dos Serviços de Segurança, estava ao lado de Wright. Em grupo, na periferia, estavam outros empregados do Museu e alguns grupos escolares muito curiosos.

Wright mantinha-se de pé sob as luzes de quartzo, tentando responder às perguntas que lhe gritavam. O seu fato *Saville Row*, geralmente impecável, estava amachucado e o seu cabelo muito fino descaía-lhe sobre uma orelha. A sua pele pálida adquirira um tom acinzentado e tinham os olhos muito encarnados.

«Não» estava Wright a dizer. «Aparentemente pensaram que os filhos já tinham saído do Museu. Nós não tivemos qualquer aviso... Não, não temos aqui animais vivos. Bem, é claro, temos alguns ratos e algumas cobras para efeitos de pesquisa, mas não temos leões nem tigres nem outros animais desse género... Não, não vi os corpos... Não sei que tipo de mutilações apresentavam, se é que as apresentavam... Não me sinto especializado na matéria para comentar, terão que esperar pelas autópsias... Quero vincar bem que não foi feita qualquer declaração oficial à Polícia... Até pararem de gritar não irei responder a mais perguntas... Não, já disse que *não tínhamos* animais selvagens no Museu... É claro que também não temos ursos... Não lhes vou dar quaisquer nomes... Como poderia eu responder a essa pergunta?... Esta conferência de imprensa está encerrada... Já disse que *dou como encerrada* esta conferência de imprensa... É claro que estamos a cooperar, na medida do que estiver ao nosso alcance, com a Polícia... Não, não vejo qualquer razão para adiarmos a abertura da nova exposição... Deixem-me dizer-vos que a abertura da *Exposição sobre Superstições* irá realizar-se na data anunciada... É óbvio que temos leões *embalsamados*, mas se está a insinuar que... Por amor de Deus, foram mortos na África há setenta anos!... O Jardim Zoológico? Não temos qualquer ligação com o Jardim Zoológico... Não irei continuar a responder a insinuações desse género... Será que esse senhor do *Post* poderia parar de gritar?... A Polícia está a entrevistar o cientista que encontrou os corpos, mas, sobre isso não tenho qualquer informação... Não, não tenho mais nada a acrescentar, excepto que estamos a fazer tudo o que esteja ao nosso alcance... É claro, foi trágico, sobre isso não temos dúvidas...»

A imprensa começou a debandar, passando por Wright e entrando mais propriamente no Museu.

O director voltou-se muito zangado para o responsável pelos Serviços de Segurança. «Mas onde está a Polícia?» ouvi-o Margo a perguntar. Ao voltar-se ainda acrescentou, por cima do ombro: «Se virem a Sr.^a Rickman digam-lhe para vir ao meu gabinete imediatamente.» E retirou-se da Great Rotunda.

6

Margo começou a andar pelo Museu, longe das áreas abertas ao público, até chegar a um corredor chamado «Broadway». Atravessando toda a extensão do Museu — seis blocos — dizia-se que era o corredor mais longo de Nova Iorque. Velhos escritórios com fachadas de carvalho ladeavam toda essa extensão, pontuada, de três em três metros, por portas de vidro

fosco. Muitas dessas portas tinham nomes de conservadores escritos com letras douradas debruadas a negro.

Margo, sendo apenas uma aluna de doutoramento, tinham apenas uma secretária de metal e uma estante num dos laboratórios da cave. *Pelo menos*, ainda tenho *um escritório*, pensou ela, ao sair desse corredor e ao começar a descer um vão estreito de escadas de ferro. Havia uma outra aluna que ela conhecia que apenas tinha uma carteira de escola já muito danificada, entalada entre dois enormes frigoríficos no Departamento de Mamalogia, ou seja, do estudo e classificação dos mamíferos. Essa aluna tinha que usar camisolas grossas para poder trabalhar, mesmo a meio de Agosto.

Um guarda de segurança, ao fundo das escadas, acenou-lhe com a mão. Em seguida, ela embrenhou-se por um túnel mal iluminado, flanqueado por esqueletos de cavalos, montados no interior de velhas vitrinas. Não se via a fita amarela da Polícia por lado nenhum.

Já no escritório, Margo colocou o saco ao lado da secretária e sentou-se. Grande parte desse laboratório era usado, presentemente, para guardar artefactos dos Mares do Sul: escudos maoris, canoas de guerra e setas de cana, que se apinhavam em armários de metal verde, do chão ao tecto. Um aquário, de quase mil litros, e a maquete de um pântano, pertencente ao Departamento de Comportamento Animal, estavam encavalitados numa armação de ferro sob uma série de lâmpadas. O aquário tinha tantas algas e plantas que Margo raramente podia observar algum peixe que espreitasse através dessa espécie de lama turva.

Perto da sua secretária estava uma longa mesa de trabalho com uma fila de máscaras. A conservadora, uma mulher muito pouco simpática, trabalhava sempre em silêncio, como se estivesse zangada, perdendo o que mal lhe pareciam ser três horas de trabalho diário, nas suas tarefas. Margo reparou que lhe levaria cerca de duas semanas a conservar cada máscara, visto ela mal dar vazão às que tinha presentemente. Ora essa colecção tinha cerca de cinco mil máscaras, mas ninguém se parecia importar com o facto de, dado o seu ritmo de trabalho, o projecto poder demorar dois séculos a concluir.

Margo ligou o seu computador. Uma mensagem em letras verdes tornou-se mais visível desde as profundezas do ecrã:

**OLÁ MARGO GREEN@BIOTEC@STF
BEM-VINDA AO MUSENET
SISTEMA EM REDE DISTRIBUÍDO,
VERSÃO 15-5
COPYRIGHT © 1989-1995 MHNNI E SISTEMAS**

CEREBRAIS INC.

A CONECTAR ÀS 10:24:06 03-27-95

SERVIÇO DE IMPRESSÃO LOCALIZADO EM LJ56

NÃO TEM MENSAGENS

Começou então a usar o processador de texto para poder rever as suas notas e se preparar para o seu encontro com o Dr. Frock. O orientador da sua tese parecia sempre preocupado, durante esses encontros semanais e Margo estava sempre a fazer das tripas coração para lhe apresentar algo de novo. O problema era que, geralmente, não havia nada de novo — apenas mais artigos lidos, dissecados, e metidos no computador; mais trabalho de laboratório; e talvez... talvez... outras três ou quatro páginas da sua tese. Ela percebia como se poderia acabar, permanentemente, na cauda dos subsídios do Governo, naquilo a que os cientistas se referiam, cheios de ironia, como sendo um T. M. T., ou seja, Tudo Menos a Tese.

Quando o Frock tinha concordado em orientar a sua dissertação, há já dois anos, ela suspeitara que tinha havido um erro. O Dr. Frock — o intelecto por detrás do Efeito Calisto, detentor da Cadeira Cadwalader de Estatística em Paleontologia da Universidade de Columbia, Director do Departamento de Biologia da Evolução, no Museu — tinha escolhido orientar a sua pesquisa, uma honra apenas outorgada a nem sequer meia dúzia de alunos por ano.

Frock começara a sua carreira como especialista em Antropologia Física. Confinado a uma cadeira de rodas desde criança, devido à paralisia infantil, tinha contudo sido pioneiro em certos trabalhos de campo, que ainda estavam na base de muitos dos seus livros. Logo que certos ataques de malária tornaram impossíveis tais pesquisas de campo, Frock canalizou toda a sua feroz energia para a teoria da evolução. Em meados de 1980 iniciara toda uma tempestade de controvérsias com uma nova proposta inteiramente radical. Combinando a Teoria do Caos com a da evolução darwiniana, a hipótese de Frock punha em causa a crença generalizada de que a vida evoluíra gradualmente. Em vez disso, postulava que a evolução era muitas vezes muito menos gradual. Defendia que aberrações com uma existência curta — «espécies monstruosas» — eram frequentemente um produto marginal da evolução. Defendia também que esta nem sempre era causada por uma selecção ao acaso, que o próprio meio ambiente poderia causar muitas mudanças súbitas e grotescas numa determinada espécie.

Embora a teoria de Frock fosse apoiada por uma série brilhante de artigos e comunicações, grande parte do mundo científico permanecia céptica. Se existiam formas bizarras de vida, perguntavam eles, onde se escond-

diam afinal? Frock respondia-lhes que a sua teoria poderia prever a extinção rápida de certas espécies biológicas tal como o seu desenvolvimento.

Quanto mais os especialistas acreditavam que Frock estava errado, que era mesmo doido, mais a imprensa comum abraçava essa ideia. A teoria tornou-se conhecida sob a epíteto de Efeito Calisto, de acordo com o mito grego, no qual uma jovem mulher se transforma subitamente numa criatura selvagem. Se bem que Frock lamentasse todos os mal-entendidos que se espalhavam acerca do seu trabalho, usava inteligentemente toda a sua celebridade para promover os seus esforços académicos. Tal como muitos conservadores brilhantes, a sua carreira consumia-o totalmente. Por vezes, segundo Margo suspeitava, tudo o resto, incluindo o trabalho dela, o aborrecia.

Do outro lado da sala, a conservadora levantara-se — sem uma palavra — para ir almoçar, sinal de que se aproximavam já as onze horas. Margo escreveu umas quantas frases numa folha de papel, arquivou o que estava no ecrã e pegou no seu livro de notas. Tinha alguns dados novos acerca do modo como os Kiribitu classificavam as plantas que poderiam intrigar o professor.

O escritório de Frock situava-se na torre sudoeste, ao fim de um elegante corredor eduardiano do quinto andar, um oásis longe dos laboratórios e das secretárias com computadores que caracterizavam grande parte dos bastidores do Museu. Na pesada porta de carvalho do escritório interior apenas se lia DR. FROCK.

Margo bateu à porta.

Ouviu alguém a desobstruir a garganta e o matraquear surdo de uma cadeira de rodas. A porta abriu-se lentamente e um rosto de pele rosada apareceu logo, com as suas sobrancelhas grossas franzidas de surpresa. Em seguida o seu olhar iluminou-se.

«Já estou a ver, é segunda-feira. Entre.» Ele falava com uma voz baixa, tocando-lhe no pulso com uma mão gorda e convidando-a a sentar-se num cadeirão cheio de papelada. Como de costume, Frock usava um fato sombrio, uma camisa branca e uma gravata com cornucópias, muito berante. O seu cabelo branco muito espesso parecia levantado.

As paredes do seu escritório estavam forradas com estantes com portas de vidro e, muitas das prateleiras estavam repletas com as relíquias e estranhezas das suas antigas pesquisas de campo. Havia livros amontoados em grandes colunas contra uma parede. Duas enormes janelas salientes davam para o Rio Hudson e cadeiras bem estofadas estavam colocadas sobre uma tapete persa. Na sua secretária havia vários exemplares do seu último livro, *Evolução Fractal*.

Junto dos livros, Margo reconheceu um grande pedaço de grés cin-

zento. No meio dessa superfície plana havia uma grande depressão que, estranhamente e quase apagada numa das pontas, revelava três longas marcas. Segundo o Dr. Frock, tratava-se das pegadas de um fóssil desconhecido da ciência: a única peça real e a única prova capaz de dar credibilidade à sua teoria da evolução aberrante. Outros cientistas tinham opiniões contrárias: muitos nem sequer acreditavam que se tratasse de um fóssil, chamando-lhe a «maniazinha do Frock», mas, a maior parte deles nunca tinha visto tal fragmento.

«Tire daí essa papelada e sente-se» disse Frock, movendo a cadeira para o seu lugar favorito, junto a uma das janelas salientes. «Quer um xerez? É claro que não, nunca quer, que estupidez da minha parte ter-me esquecido.»

Na cadeira, que ele lhe tinha indicado, estavam vários números da revista *Nature* e uma versão escrita à máquina, de um artigo não acabado, que se intitulava «As Transformações Filéticas e o “Espinho de Feto” Terciário». Margo mudou tudo para uma mesinha, não muito longe, e sentou-se, pensando se o Dr. Frock iria mencionar qualquer coisa acerca da morte dos dois rapazes.

Ele olhou muito fixamente para ela, sem se mexer. Depois pestanejou e deu um suspiro. «Ora bem, *Miss Green*» disse ele, «vamos começar?»

Com um certo desapontamento, Margo abriu o livro de notas. Olhou para os seus apontamentos e depois pôs-se a explicar-lhe a sua análise do modo como os Kiribitu classificavam as plantas e de como tudo isso se relacionava com o seu próximo capítulo. À medida que ia falando, a cabeça do professor descaiu-lhe para o peito e ele fechou os olhos. Um estranho poderia pensar que ele estava a dormir, mas Margo sabia que ele a estava a ouvir, muito concentrado.

Quando ela acabou, ele ajeitou-se melhor na cadeira. «Trata-se de uma classificação por uso em vez de se basear na aparência» murmurou ele, por fim. «É interessante. Essa observação recorda-me uma experiência que eu tive entre a tribo dos Ki, na Bechuanalândia.» Margo esperou pacientemente pelas reminiscências que se seguiriam.

«Os Ki, como deverá saber» — Frock assumia sempre que os seus ouvintes estavam tão familiarizados com esses assuntos como ele —, «usaram em tempos a casca de um certo arbusto para tratarem da dor de cabeça. Charrière estudou-os em 1869, anotando o uso desse arbusto nos seus diários de campo. Quando eu aí apareci, setenta e tal anos mais tarde, já tinham parado de usar esse remédio. Em vez disso acreditavam que as dores de cabeça eram causadas por bruxaria.» Agitou-se então na sua cadeira de rodas.

«O remédio recomendado nessa altura era que os parentes da pes-

soa com dores de cabeça deveriam identificar o feiticeiro e, como seria de esperar, matarem-no. É claro que os familiares do feiticeiro assassinado deveriam por sua vez vingar a sua morte, de modo que muitas vezes acabavam por matar a pessoa que tinha tido as tais dores de cabeça. Não sei se está a imaginar o que veio a acontecer.»

«O quê?» perguntou Margo, esperando que o Frock lhe explicasse como tudo aquilo se encaixaria na sua tese.

«Ora» disse ele, estendendo as mãos, «foi um verdadeiro milagre médico. As pessoas deixaram de ter dores de cabeça.»

A parte da frente da sua enorme camisa tremeu de riso. Margo também se riu — pela primeira vez nesse dia, segundo se deu conta.

«Mas já basta de medicina primitiva» disse o Frock, com um tom saudosos. «Nessa altura o trabalho de campo ainda era divertido.» Ficou então calado durante um minuto. «Haverá toda uma secção dedicada à tribo Ki, na nova *Exposição sobre Superstições*, não sei se sabe.» Depois acrescentou: «É claro que tudo será preparado com vista a um consumo de massas. Trouxeram um fulano ainda muito novo de Harvard para organizar tudo. Sabe mais de computadores e de *marketing* do que de ciência pura, segundo me disseram.»

Frock voltou a agitar-se na sua cadeira. «De qualquer modo, *Miss Green*, acho que o que me descreveu será um óptimo contributo para o seu trabalho. Sugiro-lhe que obtenha, do nosso herbário, alguns espécimes das plantas dos Kiribitu e que proceda a partir de aí.»

Margo já estava a recolher os seus papéis quando Frock voltou a falar. «Uma coisa terrível o que aconteceu esta manhã...»

Margo limitou-se a acenar afirmativamente com a cabeça.

Frock permaneceu calado durante alguns momentos. «Receio por este Museu» disse ele, por fim.

Surpreendida, Margo acrescentou: «Eram irmãos. É uma tragédia para a família. Mas as coisas hão-de acalmar-se. É sempre assim.»

«Não me parece» disse Frock. «Ouvi falar do estado em que encontraram os corpos. A força usada era de uma natureza completamente fora do normal.»

«É claro que o *Professor* não pensa que se tratou de um animal selvagem, pois não?» perguntou Margo. Talvez o Frock fosse tão maluco como se dizia.

O professor sorriu. «Minha cara, não estou a assumir coisíssima nenhuma. Irei esperar até haver mais provas. De momento apenas desejo que estas coisas desagradáveis não influenciem a sua decisão sobre se continuar ou não no Museu. Pois, já me vieram dizer certas coisas e acredite que sinto muito pela morte do seu pai. Porém, já me mostrou três quali-

dades que são indispensáveis num pesquisador de primeira categoria: um sentido acerca do que procurar, um sentido acerca de onde o procurar, e a minuciosidade suficiente para verificar se as suas teorias batem certo.» Rodou a cadeira até ficar mais perto dela. «A minuciosidade académica é tão importante como a minuciosidade no campo, *Miss Green*. Nunca se esqueça disso. O seu treino técnico, o seu trabalho no laboratório, têm sido excelentes. Seria uma pena se a nossa profissão perdesse uma pessoa com o seu talento.»

Margo sentiu um misto de gratidão e de ressentimento. «Muito obrigada, Dr. Frock» respondeu ela. «Aprecio as suas palavras simpáticas... e a sua preocupação.»

O cientista abanou a mão, como se a indicar que o que ele dissera não tinha importância, e Margo despediu-se dele. Mas, já à porta ainda o ouviu dizer:

«*Miss Green?*»

«Sim?»

«Tenha cuidado.»

7

Ao sair, quase esbarrou contra o Smithback. Este inclinou-se para ela, piscando-lhe o olho com uma certa malícia. «Que tal irmos almoçar?»

«Não» disse Margo. «Estou por demais ocupada.» Não estava segura se poderia suportar a presença do Smithback duas vezes no mesmo dia.

«Anda lá...» tentou ele convencê-la. «Tenho alguns detalhes ainda mais chocantes sobre os assassínios.»

«Estou a ver...» Apressou então o passo pelo corredor, irritada com o facto de ele lhe ter despertado a curiosidade.

Smithback pegou-lhe no braço. «Ouvi dizer que irão servir no refeitório uma lasanha já muito reaquecida e muito seca» e conduziu-a na direcção do elevador.

A sala de almoços estava cheia com a já habitual multidão de conservadores, guardas de caras muito vermelhas a falar muito alto, e uma série de técnicos e colaboradores de batas brancas. Um dos conservadores estava a passar alguns espécimes em torno de uma mesa de colegas cientistas, que murmuravam cheios de admiração e interesse. Margo tentou ver o que era. Esses espécimes eram minhocas parasitas, enroladas em jarros de formaldeído turvo.

Sentaram-se, e Margo tentou serrar a crosta da sua lasanha.

«Tal como te prometi» disse Smithback, pegando num pedaço com

a mão e dando-lhe uma dentada estaladiça. «Já deve estar feita à espera, pelo menos desde as nove horas da manhã...»

Começou então a mastigar ruidosamente. «Bem, a Polícia finalmente tornou os acontecimentos oficiais. Houve aqui dois assassínios ontem à noite. Que conclusão brilhante da parte deles! Lembras-te de todas aquelas perguntas que os repórteres fizeram acerca de animais selvagens? Bem, *há talvez* uma hipótese de que tenham sido desmembrados por um animal selvagem.»

«Não digas essas coisas enquanto estou a comer» disse Margo.

«Mas olha que é isso, literalmente rasgados, segundo o que me disseram.»

«*Por favor!*» disse Margo, olhando para o tecto.

«Olha que não estou a brincar contigo» continuou Smithback. «E agora há uma grande pressão para que tudo se *resolva*, especialmente com a grande exposição mesmo à porta. Ouvi dizer que os polícias contrataram mesmo um médico legista especial. Alguém que lê grandes cortes abertos feitos por garras como a Helen Keller lia Braille.»

«Raios te partam, Smithback!» disse Margo, pousando o garfo. «Estou já enjoada com tudo isso, com o teu excesso de realismo e com os teus pormenores sangrentos, enquanto estou a almoçar. Será que não posso comer e ouvir essas coisas depois?»

«Tal como eu estava a dizer» continuou Smithback, ignorando o desabafo da Margo, «ela é aparentemente uma especialista em grandes felinos. Dr.^a Matilda Ziewicz. Um nome e peras, soa-me a uma pessoa gorda.»

Apesar do seu aborrecimento, Margo sorriu. O Smithback poderia ser um parvo, mas, pelo menos, era um parvo com piada. Desviou o seu tabuleiro e perguntou-lhe: «E onde ouviste tu tudo isso?»

Smithback fez um sorriso irónico. «Tenho as minhas fontes» e pôs outro bocado de lasanha na boca. «Na verdade, encontrei um amigo meu que escreve para o *News*. Alguém obteve a história após um contacto com o Departamento de Polícia de Nova Iorque. Irá estar em todos os jornais da tarde. Será que poderás imaginar a cara do Wright quando ler isso? Meu Deus!»

Smithback riu-se com satisfação, antes de meter outra garfada na boca. Já acabara a sua porção e estava agora a comer a parte da Margo... Para um homem magro, comia que nem um bruto.

«Mas como pode haver um animal selvagem à solta no Museu?» perguntou Margo. «É totalmente absurdo!»

«Achas que sim? Então ouve isto: arranjaram uma pessoa que viesse aqui com uns cães de caça para apanharem o filho da mãe.»

«Agora estás a brincar...»

«Não estou, não. Pergunta a qualquer guarda de segurança. Há milhares de metros quadrados, nesta chafarica, onde um grande felino ou qualquer coisa assim poderia andar à solta, já para não falarmos de dez quilómetros de condutas de ar, suficientemente grandes para que um homem pudesse rastejar por dentro delas. Para mais, por debaixo do Museu há todo um sem fim de túneis. Olha que estão a levar a coisa a sério.»

«Túneis?»

«Pois é. Não leste o meu artigo na revista do último mês? O primeiro Museu foi construído sobre um pântano artesiano que não poderia ser seco permanentemente. De modo que construíram todos esses túneis para desviar as águas. Depois, quando o Museu original ardeu em 1911, construíram este outro por cima das caves do antigo. A subcave é imensa, com vários andares... algumas partes nem sequer estão ainda electrificadas. Duvido que ainda haja alguém vivo que saiba mover-se nesses meandros.»

Smithback devorou o último pedaço de lasanha e desviou o tabuleiro. «Também existem os rumores habituais acerca do Monstro do Museu.»

Todas as pessoas que aí trabalhavam já tinham ouvido essa história. Empregados de manutenção, que trabalhavam nos turnos da noite, tinham-no visto pelo canto do olho. Assistentes e conservadores, ao caminharem por corredores mal iluminados, dirigindo-se a salas estanques de armazenamento cheias de espécimes, tinham-no visto a mover-se nas sombras. Ninguém sabia do que se tratava, ou de onde vinha, mas alguns diziam que o monstro tinha morto um homem, alguns anos antes.

Margo decidiu mudar de assunto. «A Rickman ainda te faz a vida negra?» perguntou.

Assim que ouviu esse nome, Smithback fez uma careta. Margo sabia que Lavinia Rickman, a Directora de Relações Públicas do Museu, contratara Smithback para escrever um livro. Ela também tinha calculado os lucros do Museu e um avanço em direitos editoriais. Embora Smithback não estivesse satisfeito com os pormenores do contrato, a exposição prometia ser um êxito de tal ordem que as vendas, ajudadas pelo sucesso da exposição, se poderiam facilmente traduzir em seis algarismos. Não tinha sido um contrato nada mau para Smithback, pensou Margo, dado o modesto sucesso do seu livro anterior sobre o Aquário de Bóston.

«A Rickman? Fazer-me a vida negra?» disse Smithback, com uma gargalhada. «Meu Deus! Ela é um verdadeiro problema vivo. Escuta, quero ler-te uma passagem que aqui tenho.» Retirou então umas quantas folhas do seu livro de notas.

«Quando o Dr. Cuthbert sugeriu a ideia de uma Exposição sobre Superstições ao Director do Museu, Wright ficou muito impressionado.

Tinha todas as características de uma exposição que iria ter um sucesso retumbante, algo semelhante a *Os Tesouros do Rei Tutankhamon*, ou a *Os Sete Níveis de Tróia*. Isso forneceu ao Dr. Wright uma oportunidade para arranjar fundos suficientes para o Museu e também para obter subvenções do Governo e de várias corporações. Mas alguns dos conservadores mais velhos não estavam muito convencidos, achavam que a exposição girava em torno de um mero sensacionalismo”»

Smithback parou de ler. «Olha o que fez a Rickman.» Colocou esse papel diante dela e Margo pôde ver uma nota à margem escrita a vermelho que dizia: CORTAR!

Margo começou a rir-se.

«Achas graça?» perguntou-lhe Smithback. «Ela está a dar cabo do meu manuscrito. Olha para isto» e colocou os dedos sobre uma outra página.

Margo abanou a cabeça: «O que a Rickman quer é que não se diga absolutamente nada que possa pôr em causa a imagem imaculada deste Museu. Vocês nunca se irão entender?»

«Ela está a dar comigo em doido. Está a cortar tudo que lhe possa parecer vagamente controverso. Quer que eu passe o tempo a falar com esse cretino que está a organizar a exposição. Ela sabe que ele só me irá dizer o que o seu patrão Cuthbert quer que ele me diga.» Em seguida debruçou-se, com um ar conspirador. «Nunca se viu ninguém tão cosido com os patrões como esse fulano. Olhou então para cima e disse entre dentes: «Meu Deus, aqui vem ele.»

Um homem novo, um pouco gordo e com óculos de aros de tartaruga surgiu em frente deles e sentou-se à mesma mesa, equilibrando um tabuleiro numa pasta de couro brilhante. «Posso juntar-me a vocês?» perguntou ele, envergonhadamente. «Receio que seja a única cadeira vazia nesta sala.»

«É claro» disse Smithback. «Sente-se. De qualquer forma, estávamos a falar em si. Margo, apresento-te o George Moriarty. Ele é que está a organizar a *Exposição sobre Superstições*.»

Smithback mostrou os seus papéis a Moriarty. «Veja o que a Rickman fez ao meu manuscrito. A única coisa em que ela não mexeu foi *nas suas citações*.»

Moriarty deu uma vista de olhos pelas páginas e olhou para Smithback com uma seriedade quase infantil. «Não me surpreende» disse ele. «Para quê começar a lavar a roupa suja do Museu?»

«Vamos lá, George, é isso que torna interessante uma história!»

Moriarty voltou-se para Margo. «É a aluna de doutoramento que está a trabalhar em etnofarmacologia, não é?» perguntou ele.

«Sou sim» disse ela, um pouco vaidosa. «Como soube?»

«Interesso-me muito por esse ramo.» Sorriu e voltou a olhar para ela. «A exposição tem várias vitrinas dedicadas à farmacologia e à medicina. De facto, gostaria de falar consigo acerca de uma delas.»

«Com certeza. Em que é que está a pensar?» perguntou ela, examinando melhor o conservador. Ele era o que se poderia chamar uma personagem típica de Museu: altura média, um pouco de barriga, cabelo de um castanho normal. O seu casaco de *tweed*, um pouco amachucado, era de um arroxeadado cor de urze, de acordo com os regulamentos. A única coisa menos usual acerca dele era o enorme relógio de pulso, como se fosse um relógio solar, e os seus olhos: de uma cor de avelã, muito transparentes, a brilharem por detrás de uns óculos com aros de tartaruga.

Smithback inclinou-se mais para a mesa, mexendo-se cheio de irritação e olhando para ambos. «Bem» disse ele, «gostava de aqui ficar e de poder presenciar esta cena encantadora, mas tenho que entrevistar alguém na Sala dos Insectos, na quarta-feira, e ainda tenho que acabar o capítulo que estou a escrever. George, não assine quaisquer contratos cinematográficos para essa exposição sem falar comigo primeiro.» Levantou-se, com uma expressão irónica e começou a dirigir-se para a porta, desenhando um percurso sinuoso entre as mesas, à medida que ia avançando.

8

Jonathan Hamm deu uma olhadela pelo corredor da cave através dos seus óculos muito grossos que estavam a precisar de uma limpeza urgente. Havia correias de couro em torno das suas mãos com luvas negras, dois cães de caça sentavam-se obedientemente a seus pés. O seu assistente de busca estava de pé a seu lado. Perto do assistente estava o Tenente D'Agosta, segurando numa planta arquitectónica antiga e muito suja, com os seus dois delegados encostados a uma parede, por detrás dele. Armas *Remington*, de calibre 12, pendiam-lhes do ombro.

D'Agosta continuava a examinar a planta, com alguma dificuldade. «Será que os cães não conseguem farejar a direcção a seguir?» perguntou ele, irritado.

Hamm suspirou profundamente. «Cães. São apenas cães. E não estão a seguir um cheiro específico. Não o têm feito desde que começámos. Têm estado distraídos com toda a espécie de cheiros.»

D'Agosta emitiu um ruído de desaprovação, retirou do bolso do casaco um charuto encharcado em saliva e começou a levá-lo à boca. O Hamm estava-lhe debaixo de olho.

«Ah, sim?» disse ele, voltando a colocar o charuto no bolso.

Hamm cheirava o ar. Era húmido, o que era bom. Mas isso era a única coisa boa acerca dessa tarefa um pouco ridícula. Em primeiro lugar, havia que contar com a estupidez usual da Polícia. *Que espécie de cães são estes?* Tinham perguntado. *Queremos cães de caça.* Mas esses eram cães de caça, um acinzentado e outro com manchas brancas e pretas. Nas melhores condições, esses cães poderiam procurar um passeante por dentro de meio metro de neve. *Mas as presentes,* pensou Hamm, *não eram de facto as condições ideais.*

Como de costume, tinham adulterado o local do crime. Químicos, tinta, giz, um sem número de pessoas a passear por todo o lado. Para além disso, a área na base da escada tinha sido, literalmente, alagada de sangue. Mesmo nesse momento, mais ou menos dezoito horas depois do crime, sentia-se ainda esse cheiro pesado no ar, agitando os cães.

Primeiro, estes tentaram seguir o cheiro a partir do próprio local do crime. Quando tal falhou, Hamm sugeriu que não seguissem esse cheiro, fazendo com que os cães passassem em torno do local, esperando encontrar o cheiro de qualquer coisa, no perímetro de saída.

Os cães nunca tinham sido treinados para trabalharem no interior de um edifício. Naturalmente, estavam confusos. Mas a culpa não era dele. A Polícia nem sequer lhe dissera se estavam à procura de um ser humano ou de um animal. Talvez eles nem sequer soubessem.

«Vamos por aqui» disse D'Agosta.

Hamm passou as trelas para o seu assistente que começou a andar em frente, com os cães a farejarem o chão.

Em seguida, estes começaram a ladrar diante de uma sala de armazenamento, cheias de ossos de mastodonte e, o paradiclorobenzeno usado para os conservar, inundou tudo com o seu cheiro, logo que abriram a porta. Isso causou um atraso de meia hora para que os cães pudessem readquirir o faro. E essa era apenas a primeira sala de armazenamento, outras havia cheias de peles de animais, de gorilas em formaldeído, um frigorífico repleto de espécimes do Jardim Zoológico e toda uma cave com um sem número de esqueletos humanos.

Chegaram então até um arco, com uma porta aberta em metal, que dava para uma escadaria descendente, feita de pedra. As paredes estavam cobertas com uma crosta calcária e todo o local era escuro.

«Isto deve ser uma masmorra» disse um dos polícias, com uma risada.

«Esta escadaria conduz à subcave» disse D'Agosta, consultando a planta. Fez então um sinal para um dos agentes que lhe trouxe uma lanterna de pilhas.

Os degraus terminavam num túnel forrado com tijolos, em forma de espinha de peixe, e cujos tectos pouco mais tinham do que altura de um homem. O encarregado dos cães começou a percorrê-lo, juntamente com os animais, com D'Agosta e Hamm um pouco mais atrás. Os dois políciais eram os últimos.

«O chão está cheio de água» disse Hamm.

«E daí?» comentou D'Agosta.

«Se houver água a correr por aqui, não haverá qualquer cheiro que os cães possam seguir.»

«Disseram-me que iria haver charcos de água aqui em baixo» respondeu-lhe D'Agosta, «Só há inundações quando chove, e não tem chovido.»

«Já estou mais descansado» disse Hamm.

Chegaram então até um local onde convergiam quatro túneis e D'Agosta fez uma pausa para consultar a planta.

«Tinha a impressão de que iria precisar de consultar esse papel» disse Hamm.

«Acha que sim?» respondeu D'Agosta. «Pois bem, tenho uma surpresa para si. Este papel não contém a planta da subcave.»

Quando um dos cães ganiu e começou a farejar furiosamente, Hamm ficou alerta. «Por aqui. Depressa.»

Os cães uivaram outra vez. «Encontraram qualquer coisa!» disse Hamm. «É um cheiro bem identificado, deve ser. Vejam como os pescoços deles estão eriçados! Mantenham a luz aqui. Não consigo ver nada.»

Os cães estavam a puxar pelas trelas, seguindo em frente, de narizes no ar a farejarem.

«Estão a ver? Estão a ver?» disse Hamm. «É qualquer coisa que eles cheiraram no ar. Não sentem o ar fresco na cara? Deveria ter trazido os *Spaniel*. Nenhum outro cão consegue seguir um rasto no ar como eles!»

Os políciais passaram pelos cães, um com a lanterna de pilhas; o outro com uma espingarda pronta. Mais à frente o túnel voltava a ramificar-se e os cães cortaram à direita e começaram a correr.

«Cuidado, Sr. Hamm, pode haver aí um assassino à solta» disse D'Agosta.

Os animais começaram então a uivar assustadoramente. «Sentados!» gritou o assistente. «*Senta-te*, Castor! *Senta-te* Pólux!» Mas os cães deram um salto, sem lhe prestarem qualquer atenção. «Hamm, vou precisar de ajuda!»

«Que se passa com vocês?» gritou Hamm, correndo para os cães desesperados e tentando agarrá-los pelas coleiras. «Castor, *senta-te!*»

«Faça-os calar!» disse D'Agosta, rapidamente.

«Este já se soltou!» gritou o assistente, enquanto um dos cães se atirava para a escuridão. Correram então nessa direção.

«Conseguiram cheirar?» disse o Hamm, parando de repente. «Meu Deus, estão a sentir este *cheiro*?»

Um odor pungente, semelhante a um cheiro de cabras, envolveu-os. O outro cão estava excitadíssimo, torceu-se, deu um salto e finalmente conseguiu libertar-se.

«Pólux, *Pólux*!»

«Esperem» disse D'Agosta. «Esqueçam-se da porra dos cães por um momento. Continuemos mais disciplinadamente. Vocês os dois vão à frente, prontos para disparar,»

Os dois homens agarraram nas pistolas.

Na escuridão ecoante, em frente deles, o ladrar tornou-se mais fraco, depois parou. Houve um momento de silêncio. Em seguida, ouviu-se um ganido que não parecia deste mundo, semelhante ao de pneus numa travagem brusca, vindo da escuridão do túnel. Os dois políciais olharam um para o outro. O som terminou tão bruscamente como começara.

«Castor!» gritou Hamm. «Oh meu Deus, foi ferido!»

«Recue até aqui, Hamm, recue já!» gritou D'Agosta.

Nesse momento, uma sombra investia contra eles, desde a escuridão. E ouviu-se os tiros e duas pistolas, dois clarões de luz acompanhados por rugidos ensurdecedores. Tudo isso pareceu rolar e ecoar pelo interior do túnel. Depois, apenas se ouviu um silêncio ensurdecedor.

«Aqueles cabrões mataram o meu cão!» disse Hamm, em voz baixa. Pólux estava a um metro deles, com o sangue a jorrar-lhe pela cabeça.

«Ele vinha para se atirar a mim...» começou um dos agentes a dizer.

«Meu Deus!» disse D'Agosta. «Parem com isso, ainda há qualquer coisa nesse túnel.»

Encontraram o outro cão cem metros mais à frente. Estava cortado ao meio, com as tripas espalhadas por todo o lado.

«Estão a ver isto?!» exclamou D'Agosta.

Hamm não disse nada.

Mesmo por detrás dos pedaços do animal, o túnel ramificava-se. D'Agosta continuava a olhar muito para o cão. «Sem os cães não poderemos ter uma ideia de para onde se escapou» disse ele, por fim. «Vamos sair já daqui e os especialistas em medicina forense que lidem com este chiqueiro.»

Hamm não disse nada.

Moriarty viu-se de súbito no refeitório, sozinho com Margo, e sentiu-se ainda mais desconfortável. «Então?» perguntou-lhe esta, após um curto silêncio.

«De facto, gostava *mesmo muito* de falar consigo acerca do seu trabalho» admitiu ele.

«Gostava?» Margo não estava habituada a que pudesse haver alguém interessado no seu projecto.

«Bem, indirectamente. As vitrinas de medicina primitiva para a exposição estão todas completas, excepto uma. Temos uma óptima colecção de plantas xamanistas e de artefactos dos Camarões que gostaríamos de exhibir na última vitrina, no entanto está tudo muito mal documentado. Se quisesse dar uma vista de olhos...?»

«Gostaria imenso» disse Margo.

«Ótimo! Quando?»

«Porque não agora? Ainda tenho tempo.»

Saíram do refeitório e começaram a percorrer uma grande sala na cave rodeada de canos de aquecimento e de portas fechadas a cadeado. Uma das portas tinha um letreiro onde se lia: SALA DOS DINOSSAUROS 4 — JURÁSSICO SUPERIOR. Grande parte dos ossos de dinossauros do Museu, juntamente com colecções de fósseis, estavam aí arrumados na cave, dado que — segundo o que ela ouvira — o enorme peso dos ossos petrificados poderia fazer com que os andares superiores ruíssem.

«A colecção está numa das salas estantes de armazenamento do sexto andar» disse Moriarty em jeito de desculpa, enquanto entravam num elevador de serviço. «Espero poder voltar a encontrá-la outra vez. Só Deus sabe que labirinto de salas de armazenamento eles lá têm em cima.»

«Ouvii alguma coisa acerca do Charlie Prine?» perguntou Margo, em voz baixa.

«Nem por isso. Aparentemente, ele não é um dos suspeitos. Mas não me parece que o iremos voltar a ver nos tempos mais próximos. O Dr. Cuthbert disse-me, antes do almoço, que ele estava seriamente traumatizado.» Moriarty abanou a cabeça. «Que coisa horrível!»

No quinto andar, Margo seguiu Moriarty através de uma porta larga e subiu um vão de escadas. As passagens labirínticas e estreitas que constituíam essa secção do sexto andar tinham sido construídas sob os telhados inclinados do Museu. De ambos os lados havia filas de portas de metal, por detrás das quais se encontravam as salas de armazenamento, hermeticamente fechadas, para as colecções antropológicas mais difíceis de conser-

var. Em tempos, tinham por aí espalhado um composto à base de cianeto para matar animais daninhos e bactérias. Porém, mais modernamente, a preservação de artefactos requeria métodos mais subtis.

Enquanto caminhavam por essas passagens estreitas, passaram por um número de objectos arrumados contra as paredes: uma canoa de guerra com entalhes esculpidos, alguns tótemes e uma fileira de tambores de madeira. Mesmo com quase meio milhão de metros quadrados de espaço para armazenamento, cada centímetro fora utilizado, incluindo escadas, corredores e escritórios de conservadores em começo de carreira. De cinquenta milhões de artefactos e de espécimes, só cinco por cento estava em exibição, o resto estava apenas ao alcance de cientistas e de pesquisadores.

O Museu de História Natural de Nova Iorque não consistia apenas num edifício, mas em várias construções, ligadas umas às outras, ao longo dos anos, formando uma massa espalhada e irregular, onde a orientação se tornava difícil. À medida que Margo e Moriarty iam passando de um edifício para outro, os tectos tornavam-se mais altos e as passagens transformavam-se em corredores. Uma luz fraca chegava até aí, através de clarabóias muito sujas, iluminando prateleira cheias de moldes de gesso de rostos de aborígenes.

«Meu Deus, este lugar nunca mais acaba» disse Margo, sentindo um súbito arrepio de medo, mas feliz por estar sete andares mais acima dos espaços escuros onde os rapazinhos tinham sido assassinados.

«É o maior do mundo» disse Moriarty, abrindo uma porta onde se lia: ÁFRICA CENTRAL, D-2.

Acendeu uma lâmpada pendurada de 25 voltes. Ao espreitar, Margo podia ver uma pequena divisão cheias de máscaras, de rocas de xamãs, de peles pintadas e bordadas com contas, se bem como um grupo de longos paus encimados por cabeças grotescas. Ao longo de uma das paredes havia filas de armários de madeira, para onde Moriarty se estava a dirigir.

«As plantas estão aqui. Estes outros objectos fazem parte da parafrenália do xamã. É uma grande colecção, mas o Eastman, o indivíduo que colecionou todas estas coisas dos Camarões, não era exactamente o antropólogo mais rigoroso no que dizia respeito à documentação.»

«Isto é incrível» disse Margo «Não fazia a mínima ideia...»

«Ouça» interrompeu Moriarty. «Quando começámos a fazer as nossas pesquisas para esta exposição nem *acredita* nas coisas que encontramos. Há cerca de cem salas de armazenamento só para a secção de Antropologia, e creio que muitas delas já não são abertas há pelo menos cinquenta anos.»

Moriarty sentia-se agora mais confiante e mais animado. Margo já

decidira que, se ele se visse livre do casaco de *tweed*, perdesse alguns quilos e trocasse os óculos de aros de tartaruga por lentes de contacto, talvez pudesse vir a ser um homem engraçado.

Mas Moriarty ainda continuava a falar. «Apenas na semana passada conseguimos encontrar dois dos únicos exemplos da escrita pictográfica dos Yakaghir, mesmo aqui ao lado. Assim que tenha tempo irei escrever uma nota para a *Journal of American Anthropoloy*.»

Margo sorriu. Ele estava tão entusiasmado, como se tivesse acabado de descobrir uma peça desconhecida de Shakespeare. Ela estava segura de que apenas uma dezena de leitores dessa revista poderiam estar interessados. Mas o empenho de Moriarty era contagioso.

«De qualquer modo» disse ele, colocando melhor os óculos, «preciso apenas de alguém que me ajude a fazer sentido destas coisas dos Camarões para poder escrever algumas notas para a vitrina.»

«Que quer que eu faça?» perguntou Margo, esquecendo-se, de momento, do próximo capítulo da sua tese.

«É algo de muito fácil» disse Moriarty. «Tenho já aqui os rascunhos.»

Extraiu então um documento da sua pasta. «Está a ver?» disse ele, percorrendo com um dedo a capa. «Isto já lhe irá dar uma ideia do que queremos escrever. Chamamos-lhe a linha principal da história. Tudo o que terá que fazer será expandir, acrescentando referências a alguns artefactos e a algumas plantas.»

Margo deu uma rápida olhadela pelo documento. A coisa parecia mais trabalhosa do que ela antecipara. «E quanto tempo é que acha que isto me irá demorar?»

«Bem, quanto muito umas dez ou quinze horas. Tenho aqui as listas de acesso e algumas anotações descritivas. Mas teremos que nos apressar. A abertura está aí não tarda.»

Só então ela se lembrou do seu próximo capítulo. «Mas... espere um momento» disse ela. «Isto é um trabalho complicado e eu tenho uma tese para escrever.»

O desapontamento no rosto de Moriarty era quase cómico. Nem sequer lhe passara pela cabeça que ele pudesse ter mais que fazer. «Quer então dizer que não pode?»

«Talvez. Se conseguir arranjar tempo» murmurou ela.

O seu rosto iluminou-se. «Ótimo! Escute, já que estamos no sexto andar, deixe que lhe mostre outras coisas que temos aqui.»

Conduziu-a a outra sala de armazenamento e inseriu uma chave. A porta abriu-se, com um som muito arrastado, mostrando uma série de crânios de búfalo pintados, rocas, artefactos feitos com penas e até o que

ela reconheceu como sendo esqueletos de corvos atados com pedaços de couro.

«Meu Deus!» exclamou Margo.

«Temos aqui toda uma religião» disse Moriarty. «Espere até ver o que iremos pôr na exposição. Isto é apenas o que sobrou. Temos uma das mais belas túnicas para a Dança do Sol que jamais foi vista. E olhe para isto!» Ele abriu uma gaveta. «Trata-se dos cilindros de cera com as gravações originais dos cantos dessa mesma dança, um trabalho efectuado em 1901. Já as transferimos para cassetes e iremos pô-las a tocar na Sala dedicada aos Sioux. Que acha? Vai sempre uma *grande* exposição, acredite!»

«Pelo menos causou uma certa polémica no Museu» respondeu Margo, cautelosamente.

«Oh, não se trata assim de algo tão controverso como as pessoas quiseram dar a entender» comentou Moriarty. «Não há razão nenhuma para que não possamos misturar ciência com entretenimento.»

Margo não pôde resistir. «Tenho quase a certeza que o seu patrão Cuthbert o convenceu *disso*.»

«Ele sempre achou que as exposições deveriam ser mais acessíveis ao público em geral. As pessoas irão cá vir porque estão à espera de fantasmas, de duendes e de coisas do outro mundo — e irão tê-las. Mas hão-de ir para casa com mais do que se possa esperar. Para além disso a exposição irá trazer muito dinheiro para o Museu. Que mal há nisso?»

«Não há mal nenhum» disse Margo, com um sorriso. Ela iria dar esse isco ao Smithback.

Mas o Moriarty ainda não tinha acabado. «Bem sei que a palavra *superstição* tem uma má conotação para certas pessoas» acrescentou. «Faz-lhes lembrar exploração. É certo que alguns artigos que juntámos para exibir são... bem... um pouco sensacionalistas. Mas uma exposição que se chamasse *Religiões Aborígenes* nunca iria atrair o mesmo número de visitantes, não acha?» E olhou para ela, com um olhar quase sedutor.

«Não me parece que alguém possa ter objecções em relação ao título» disse Margo. «A questão é que há certas pessoas que acham que os vossos fins não são verdadeiramente científicos.»

Moriarty abanou a cabeça. «Isso são os conservadores empedernidos e os maluquinhos. Como o Frock, por exemplo. O problema é que escolheram fazer esta exposição em vez da que ele tinha proposto, sobre evolução. De modo que, é claro, ele não tem nada de bom para dizer acerca do que estamos a fazer.»

O sorriso de Margo apagou-se. «O Dr. Frock é um antropólogo brilhante» afirmou.

«Frock? O Dr. Cuthbert diz que ele não faz a mínima ideia sobre

o que se passa neste mundo. “O homem é um desmiolado” costuma ele dizer.» Moriarty repetiu a frase, tentando imitar um sotaque escocês. Esse som ecoou de um modo desagradável através dos corredores pouco iluminados.

«Não me parece que o Cuthbert seja assim tão bom *como você pensa*» disse Margo.

«Mas olhe que é mesmo dos melhores.»

«Se o compararmos com o Dr. Frock até nem é. Que me diz do Efeito Calisto?» perguntou Margo. «É dos trabalhos mais avançados que hoje em dia se fazem.»

«E será que ele tem a mais pequena prova capaz de apoiar as suas especulações? Será que alguém já viu alguma vez uma espécie monstruosa à solta no nosso planeta?» Moriarty abanou a cabeça o que fez com os seus óculos lhe descaíssem perigosamente pelo nariz. «São tudo elucubrações teóricas. Quero dizer, a teoria tem o seu lugar mas tem que ser apoiada por trabalho de campo. E esse protegido dele, o Greg Kawakita não faz senão encorajá-lo com o programa de extrapolação que está a desenvolver. O Kawakita lá deverá ter as suas razões. Mas é de facto muito triste quando se vê um intelectual da craveira do Dr. Frock entregar-se a tais especulações. Veja bem, basta olhar para o seu novo livro. *Evolução Fractal?* O título é mais parecido com um jogo de computador para miúdos do que com algo de científico.»

Margo continuava a ouvi-lo, cada vez mais indignada. Talvez o Smithback tivesse razão, apesar de tudo, em relação ao Moriarty. «Bem» disse ela. «Considerando as minhas afiliações com o Dr. Frock, não creio que deseje que eu interfira ou que esteja sequer remotamente ligada à sua exposição. Talvez contribua com demasiadas especulações.» Voltou-se e saiu rapidamente, começando a andar pelo corredor.

Moriarty parecia chocado. Só agora se lembrava que o Frock era o orientador da sua tese. De modo que correu atrás dela.

«Oh, não, não... Eu não quis dizer que...» gaguejou ele. «Por favor, eu apenas... Sabe bem que o Frock e o Cuthbert não se entendem lá muito bem. Talvez isso me tenha influenciado.»

Ele parecia tão consternado que a Margo deixou de se sentir tão zangada.

«Não me parecia que tivessem assim *tantos* problemas um com o outro» disse ela, permitindo que Moriarty continuasse a falar com ela.

«Pois têm, e isso já vem de há muito tempo. Sabe bem que, desde que o Dr. Frock propôs esse Efeito Calisto, a sua reputação tem vindo a descer no Museu. Agora é apenas director de um departamento no sentido figurado, pois é o Cuthbert que trata de tudo. É óbvio que eu só ouvi uma

versão da história. Lamento muito, acredite. *Vai* ajudar-me com a vitrina, não vai?»

«Apenas com uma condição» ripostou Margo. «Que me leve para fora deste labirinto. Tenho muito trabalho à minha espera.»

«É claro, desculpe...» disse Moriarty. A gafe que cometera trouxera ao de cima toda a sua timidez. Começaram a percorrer todo o caminho complicado até ao quinto andar, sem que ele abrisse a boca.

«Conte-me mais coisas acerca da vossa exposição» sugeriu Margo, para o tranquilizar. «Já ouvi falar de artefactos raros que irão ser exibidos.»

«Tenho a impressão de que se está a referir ao material da tribo dos Kothoga» disse Moriarty. «Só uma expedição é que consegui encontrar rasto deles. A estatueta do seu animal místico Mbwun irá... Bem, é uma das peças centrais da exposição.» Hesitou e corrigiu: «Talvez devesse dizer, *será* uma das peças principais, pois ainda não está exposta.»

«Não está?» perguntou Margo. «Não estarão vocês a deixar tudo para a última?»

«A situação é mais complicada do que parece» respondeu Moriarty. «Mas veja bem, Margo, não conte a ninguém o que lhe vou dizer.» Já estavam de volta às passagens estreitas e Moriarty conduziu-a através dos longos corredores, falando em voz baixa. «Tem havido ultimamente um interesse, por parte de pessoas muito importantes, acerca dos artefactos dos Kothoga. Pessoas como a Rickman, o Dr. Cuthbert... aparentemente, até o Wright. Tem havido toda uma controvérsia sobre se esse material deveria ser incluído na exposição. De certo, já ouviu a história acerca da maldição associada à estatueta, esse tipo de disparates?»

«Olhe que não...» disse Margo.

«A expedição que encontrou os Kothoga teve um fim trágico» continuou Moriarty. «E ninguém se quis aproximar desses materiais desde então. Ainda se encontra nos caixotes originais. Só na semana passada foram retirados da cave, onde estiveram durante todos estes anos, e levados para a Área de Segurança. Ninguém ainda teve acesso a eles, de modo que ainda não pude preparar nada.»

«Mas por que razão os levaram para lá?» insistiu Margo.

Entraram no elevador. Moriarty esperou até a porta se fechar para lhe responder: «Ao que parece, alguém tem andado a mexer nelas, recentemente.»

«O quê? Quer dizer que alguém se intrometeu aí?»

Moriarty olhou fixamente para Margo, com uma expressão de perpétua surpresa no seu rosto de mocho. «Não foi isso o que eu disse» limitou-se a responder-lhe.

Rodou a chave, e o elevador começou a descer.

D'Agosta desejou ardentemente que o hambúrguer duplo, com queijo e feijão guisado com pimentos picantes, que ele tinha comido, lhe desaparecesse do estômago. Não que este o tivesse a incomodar — ainda — mas não era uma presença nada desejada.

O local cheirava como os outros. De facto, fedia. Todos os desinfectantes do mundo não poderiam cobrir o cheiro da morte, e as paredes verdes, cor de vômito, no Gabinete do Inspector Médico também não ajudavam nada. Nem a enorme marquesa, agora vazia, posta aí, como alguém que não tinha sido convidado, sob as luzes intensas da sala de autópsias.

Os seus pensamentos foram interrompidos logo que entrou uma mulher muito corpulenta, com dois homens que a seguiam. D'Agosta deu-se conta dos seus óculos de marca e de uma mexa de cabelo louro que lhe escapava da touca de cirurgiã. A mulher aproximou-se e estendeu-lhe a mão, com o batom vermelho um pouco enrugado, num sorriso profissional.

«Dr.^a Ziewicz» disse ela, com um fortíssimo aperto de mão. «O senhor deve ser o D'Agosta. Este é o meu assistente, o Dr. Fred Gross.» Ziewicz apontou para um homem baixo e muito magro. «E este é o nosso fotógrafo, Delbert Smith.» Este acenou com a cabeça, estreitando uma câmara *Deardorff*, de oito por dez centímetros, contra o peito.

Então, Dr.^a Ziewicz, vem aqui muitas vezes?» perguntou D'Agosta, esforçando-se por poder dizer qualquer coisa e por adiar o inevitável.

«O Gabinete do Inspector Médico de Nova Iorque já se tornou a minha segunda casa» respondeu Ziewicz com o mesmo sorriso. «A minha especialidade é — como lhe poderei dizer? — exames forenses especiais. Para toda a gente. Fazemos o que temos a fazer e enviamos-los de volta. Depois, leio acerca do que tudo afinal significa, nos jornais.» Olhou então para ele, como se estivesse a especular. «O senhor... bem... já assistiu a este tipo de coisas antes, não é verdade?»

«Sem dúvida» disse D'Agosta. «É algo a que assisto constantemente.» O hambúrguer no seu estômago parecia-lhe ter-se transformado num lingote de chumbo. Por que é que não previra tudo aquilo, por que não se lembrara das tarefas que o esperavam nessa tarde, antes de ter comido que nem um alarve?

«Ótimo» disse Ziewicz consultando umas folhas de papel presas a uma prancha de madeira. «Ora vejamos, autorização dos pais? Temo-la aqui. Parece-me estar tudo em ordem, Fred. Começa com o 5-B»

Começou a pôr luvas de látex, três pares, uma máscara, uma viseira de acrílico transparente para proteger os olhos, e um avental de plástico. D'Agosta fez o mesmo.

Gross rodou a marquesa até ao banco da morgue e retirou o 5-B. A forma indistinta por baixo do plástico parecia estranhamente curta para D'Agosta, com uma bossa esquisita numa das pontas. Gross, empurrou o cadáver e a sua maca para a marquesa, pô-la sob as luzes, examinou a etiqueta no dedo do pé e travou as rodas. Colocou também um balde de aço inoxidável sob o cano que se via a sair pela parte de baixo.

Ziewicz estava a experimentar o microfone que se encontrava pendurado por cima do corpo.

«Teste, um, dois, três... Fred, este microfone não está a funcionar.»

Fred debruçou-se sobre o gravador de bobinas. «Não estou a perceber. Está tudo ligado.»

D'Agosta desobstruiu a garganta. «Não ligaram o microfone» disse ele.

Houve um curto silêncio.

«Ótimo,» disse Ziewicz, «ainda bem que temos entre nós alguém que não é cientista. Se tiver algumas perguntas ou comentários a fazer, Sr. D'Agosta, por favor diga o seu nome e fale em voz alta na direcção do microfone. Percebeu? Tudo terá que ser gravado. Primeiro irei simplesmente descrever o estado do corpo e só depois começaremos a cortar.»

«Percebido» disse D'Agosta com uma voz neutra. *Cortar*. Uma coisa era ver um corpo estendido, no local do crime, mas quando começam a cortar nele, a separar todas as camadas... Nunca se habituara a isso.

«Estão todos a postos? Ótimo! Irão proceder à autópsia a Dr.^a Matilda Ziewicz e o Dr. Fred Gross, a data é segunda-feira, 27 de Março, às duas e quinze da tarde. Conosco está o Detective Sargento...?»

«Tenente Vincent.»

«Tenente Vincent D'Agosta do Departamento da Polícia de Nova Iorque. Ora temos aqui...»

O Fred leu a etiqueta. «William Howard Bridgeman, número 33-A45.»

«Estou neste momento a retirar a cobertura. «Ouviu-se o som do plástico grosso a estalar.

Houve um curto silêncio, D'Agosta teve uma visão súbita do cão esventrado que ele vira nessa manhã. *O truque é não pensar muito nestas coisas. Não penses na tua Vinie, que irá fazer oito anos na próxima semana.*

A Dr.^a Ziewicz respirou fundo. «Temos aqui um indivíduo caucasiano do sexo masculino. Um rapazinho cuja idade rondará os dez ou doze anos. Altura, não poderei calcular a altura pois o corpo encontra-se decapi-

tado. Talvez um metro e vinte, talvez metro e meio? Peso, cerca de quarenta e cinco quilos. Trata-se apenas de um cálculo. O estado do corpo é tal, que não consigo distinguir outras marcas de identificação. A cor dos olhos e as feições são indeterminadas, devido à intensidade do trauma na cabeça.»

«Não possui ferimentos anteriores, nem marcas nos pés, pernas ou genitais. Fred, por favor passa uma esponja pela cavidade abdominal... obrigada. Há um número indeterminado de grandes lacerações procedendo da região peitoral anterior esquerda num ângulo descendente de noventa graus, através do arco costal, do esterno e terminando na zona abdominal anterior direita. Trata-se de um enorme golpe. Talvez com sessenta centímetros de comprimento e trinta de largura. Parece-nos que a zona peitoral maior e a zona peitoral menor se encontram separadas da cavidade torácica externa, as intercostais externas e internas estão separadas, e o corpo foi, em grande parte, eviscerado. O esterno foi partido ao meio e as costelas encontram-se expostas. Houve uma enorme hemorragia na aorta — torna-se difícil ver antes de a limparmos e examinarmos.

«Fred, limpa as margens da cavidade torácica. As vísceras, claramente expostas e completamente protuberantes, são o estômago e os intestinos delgado e grosso. Os órgãos da zona retroperitoneal parecem estar no sítio.

«Passa a esponja pelo pescoço, Fred. A área do pescoço mostra sinais de trauma, alguns ferimentos, talvez indicativos de extravasão. É possível que tenha havido uma deslocação espinal.

«Examinemos agora a cabeça, meu Deus!»

Em silêncio, Fred desobstruiu a garganta.

«A cabeça foi decapitada entre a segunda vértebra cervical e o atlas. A inteira porção occipital da calote craniana e metade da zona parietal foram esmagadas, ou, o que é mais provável, afundadas e removidas após um grandes impacto de natureza desconhecida, deixando uma cavidade de vinte centímetros de diâmetro. Todo o crânio se encontra vazio. A totalidade do cérebro parece ter caído ou foi extraída através desta cavidade... O cérebro, ou o que resta dele, encontra-se aqui numa bacia de metal à direita da cabeça, mas não há qualquer indicação da sua posição em relação ao corpo.»

«Encontraram-nos aos bocados perto do corpo» disse D'Agosta.

«Muito obrigada, Tenente, mas onde está o resto?»

«Isso foi tudo o que encontramos.»

«Não. Falta qualquer coisa. Tem um relatório completo do local do crime?»

«É claro» disse D'Agosta, tentando disfarçar o seu aborrecimento.

«O cérebro está severamente traumatizado. Fred, traz-me um bistu-

ri número dois e um espelho transversal. O cérebro parece ter sido cortado na zona do bolbo raquidiano. A protuberância anular de varólio está intacta, mas separada. O cerebelo mostra algumas lacerações na sua superfície, mas, de resto, encontra-se intacto. Não há grandes provas de sangramento que indiquem traumas após a morte. Junto com ele, encontra-se a totalidade do fórnice. O cérebro foi completamente separado do mesencéfalo e o mesencéfalo foi cortado em dois e... olha, Fred, não temos a região do tálamo, nem a pituitária. É isso que falta.»

«Que é isso?» perguntou D'Agosta, fazendo um esforço para examinar o cérebro mais de perto. Este, colocado numa bacia de aço inoxidável, parecia ser mais líquido do que sólido. Em seguida desviou-se. Basebol. Pensa em basebol. Um lançamento, o som do taco...

«O tálamo e o hipotálamo. Os reguladores do corpo.»

Os reguladores do corpo» repetiu D'Agosta.

«O hipotálamo regula a temperatura do corpo, a pressão sanguínea, os batimentos do coração e o metabolismo dos lípidos e dos hidratos de carbono. Também regula o ciclo do sono e do estado de vigília. Pensamos que também seja responsável pelos centros de prazer e de dor. É um órgão muito complicado, Sr. Tenente.» Ela olhou fixamente para ele, antecipando uma pergunta. D'Agosta perguntou entre dentes, cheio de dúvidas. «E como é que faz isso tudo?»

«Hormonas. Segrega centenas de hormonas, reguladoras no cérebro, para a corrente sanguínea.»

«Pois bem» respondeu D'Agosta. Voltou a desviar-se. Via agora a bola de basebol a elevar-se no meio-campo, e o homem que aí estava a cair para trás, de luva levantada...

«Fred, vem até aqui e olha para isto» disse Ziewicz, secamente.

Este inclinou-se sobre a bacia. «Parece-se com... Bem, não sei...»

«Então, Fred» encorajou-o Ziewicz.

«Bem, parece quase como se...» Fred ficou calado por momentos. «Como se lhe tivessem dado uma dentada.»

«Exactamente. Fotógrafo!» Delbert apressou-se. «Fotografe isto. Parece-se mesmo como quando um dos meus filhos dá uma dentada num bolo.»

D'Agosta inclinou-se mais para frente, mas não conseguiu ver nada de especial nessa massa cinzenta e ensanguentada.

«É semicircular, como uma dentada humana, mas parece ser maior, mais irregular do que seria de esperar. Vamos cortar algumas secções, Fred, e testar para a presença de enzimas deixadas pela saliva do atacante, caso possamos descobrir mais qualquer coisa. Leva isto para o laboratório, diz-lhes para fazerem uma congelação instantânea de certas micro-secções

aqui e aqui. Cinco secções no total. Misturem numa, oesinófilo, e noutra usem a enzima que activa os resíduos salivares. Tudo o que tu ou eles possam achar apropriado.

Logo que Fred se foi embora, Ziewicz continuou: «Estou agora a cortar o cérebro ao meio. O lobo posterior está ferido, o que é consistente com a sua remoção do crânio. Fotografia. A superfície mostra três lacerações paralelas, ou incisões, com um espaço entre elas de aproximadamente quatro milímetros e cerca de um centímetro de profundidade. Estou a afastar as partes da primeira incisão. Fotografia. Tenente D'Agosta, está a ver como estas lacerações começam muito espaçadas e depois convergem? Que lhe parece?»

«Não sei» disse ele, observando um pouco mais de perto. *É apenas um cérebro morto*, pensou ele.

«Talvez unhas muito longas? Unhas afiadas? Quero dizer, será que estaremos a lidar com um psicopata homicida?»

Fred regressou do laboratório e continuou a examinar o cérebro durante o que pareceu a D'Agosta ser uma eternidade. Finalmente, Ziewicz disse ao Fred que o pusesse no frigorífico.

«Agora vou examinar as mãos» disse ela, falando para o microfone.

Retirou um saco de plástico da mão direita da vítima e voltou a fechá-lo cuidadosamente. Em seguida, levantou a mão, rodou-a e examinou as unhas. «Há substâncias desconhecidas sob o polegar, indicador e dedo anelar. Fred, corta três secções.

«Ele é apenas uma criança» disse D'Agosta. «Era de esperar que tivesse as unhas sujas.»

«Talvez» respondeu-lhe Ziewicz. Ela raspou parte desse material para lâminas de microscópio, um dedo de cada vez. «Fred, traz-me o *stereozoom*, quero ver isto.»

Ziewicz colocou a lâmina no sítio apropriado, espreitou e ajustou o instrumento.

«Por baixo do polegar só consigo ver, segundo me parece, alguma sujidade normal das unhas. O mesmo nos outros casos. Fred, faz uma análise completa, caso possa estar enganada.»

Nada de interesse se descobriu na mão esquerda.

Ziewicz continuou: «Irei agora examinar o trauma longitudinal na porção anterior do corpo. Del, fotografa aqui, aqui e aqui, ou do modo como achares que mostra melhor a ferida. Fotografa de perto e em pormenor a área de penetração. Parece que o assassino fez uma incisão em “Y” para nos ajudar, não acha Tenente D'Agosta?»

«Sim» disse este, engolindo em seco.

Houve uma série de *flashes* rápidos.

«Fórceps» continuou a médica legista. «Três lacerações com rebordos irregulares começam mesmo por cima do mamilo esquerdo, na zona peitoral maior, penetrando e, acabando por separar o músculo. Estou a abrir e a examinar a primeira laceração, começando pelo ponto de entrada. Segura aí, Fred.

«Estou agora a examinar a ferida. Há aqui algo de estranho. Fred, traz-me um envelope esterilizado. Parece-me ser tecido, talvez um pedaço da camisa da vítima. Fotografia.»

O *flash* irrompeu e, em seguida, ela mostrou-lhes um pequeno fragmento que lhe pareceu ser algodão ensanguentado, inserindo-o no envelope. Continuou a examinar tudo em silêncio durante mais alguns minutos.

«Há um objecto estranho cravado no músculo, a cerca de quatro centímetros acima do mamilo direito. Está alojado numa costela. Parece ser rijo. Fotografia. Ajuda-me com uma pinça, Fred.»

Extraíu esse objecto e levantou-o diante de todos. Era algo de indefinido e ensanguentado que ela mostrou na ponta dos fórceps.

D'Agosta aventurou-se a aproximar-se mais. «De que se trata? Se o limpar talvez possamos ver melhor.»

Ela olhou para ele, com um ligeiro sorriso. «Fred, traz-me um jarro de água destilada.»

Quando ela aí introduziu o objecto, agitando-o, a água tornou-se de um castanho avermelhado.

«Não deites fora a água, veremos se há aí mais qualquer coisa» disse ela, observando a sua descoberta junto da luz forte.

«Meu Deus» disse D'Agosta. «É uma garra. Uma porra de uma garra!»

Ziewicz voltou-se para o seu assistente: «Ora aqui está um pedaço de monólogo que irá dar mais vida à nossa gravação, não achas, Fred?»

11

Margo atirou os livros e os papéis para o sofá e olhou para o relógio colocado em cima da televisão. Eram dez e um quarto. Abanou a cabeça. Que dia mais incrível e inacreditável... Ter ficado aí todo esse tempo acabou por não lhe acrescentar mais do que três parágrafos à tese. E ainda tinha que trabalhar no texto para a vitrina que o Moriarty lhe pedira. Suspirou. Não devia ter aceite esse trabalho extra.

As luzes de néon, vindas do letreiro de uma loja de bebidas do outro lado da avenida, atravessavam com dificuldade a janela solitária da sala

de estar de Margo, envolvendo essa divisão num claro-escuro com tons de azul eléctrico. Ela acendeu a luz do tecto e encostou-se à porta, examinando lentamente toda essa desordem. Geralmente era excessivamente arrumada. Mas agora, após apenas uma semana de desleixo, livros, cartas de condolências, documentos legais, sapatos e camisolas espalhavam-se sobre o mobiliário. Caixas de papel vazias, do restaurante chinês do andar térreo, estavam ainda amontoadas no lava louça. A sua velha máquina de escrever *Royal* e uma série de ensaios relacionados com a sua pesquisa encontravam-se espalhados pelo chão de madeira.

Esse bairro semi-degradado — longe ainda da parte norte e mais elegante da Amsterdam Avenue — dera ao seu pai uma outra razão para que ela regressasse a Bóston. «Isto não é lugar para uma rapariga como tu, Midge» dissera ele, usando o nome que lhe chamava em criança. «E esse Museu não é um bom local de trabalho. Aí fechada dias inteiros com essas criaturas mortas e embalsamadas, com coisas em frascos... Que tipo de vida é esse? Regressa a Bóston e vem trabalhar comigo. Podíamos arranjar-te uma casa em Beverley, Marblehead. Serias muito feliz aí, Midge, tenho a certeza.»

Ao reparar que o seu gravador de mensagens estava a acender e a apagar, Margo carregou no botão para ouvir as mensagens.

«É o Jan» assim começava a primeira mensagem. «Só cheguei hoje a Nova Iorque e acabaram de me contar o que se passou. Sinto mesmo muito que o teu pai tivesse morrido. Vou telefonar-te mais tarde, está bem? Quero falar contigo. Adeus.»

Ela esperou. Ouviu-se em seguida uma outra voz. «Margo, fala a tua mãe» e depois um clique.

Fechou os olhos, por momentos, e depois respirou fundo. Não iria telefonar ao Jan, pelo menos por enquanto, e também não iria telefonar à mãe, pois tencionava fazê-lo apenas no dia seguinte. Já sabia o que mãe iria dizer: *Tens que voltar para Bóston, para o negócio do teu pai. Era isso que ele gostava. Deves-nos isso, minha filha.*

Afastou-se e sentou-se de perna cruzada diante da máquina de escrever, olhando para as notas de Moriarty, para os dados de catalogação e para as listas de acesso que ele lhe tinha dado. Tinha que acabar tudo num prazo de dois dias, dissera-lhe ele, e teria que entregar o próximo capítulo da tese na próxima segunda-feira.

Olhou para esses papéis durante mais um minuto ou dois, tentando organizar os seus pensamentos. Depois começou a escrever à máquina. Alguns momentos depois parou e olhou para a escuridão. Lembrava-se do modo como o pai costumava fazer omeletas — a única coisa que sabia cozinhar — aos domingos de manhã. «Olha, Midge,» costumava ele dizer

sempre, «não está nada mau para um ex-solteirão como eu, que achas?»

Algumas das luzes exteriores tinham sido desligadas, pois as lojas começavam a fechar. Margo olhou para os *grafitti* e para as janelas entaipadas. Talvez o pai dela tivesse razão: a pobreza não era nada divertida.

Pobreza. Abanou a cabeça recordando-se da última vez que ouvira a palavra, lembrando-se da expressão no rosto da mãe quando ela a pronunciou. As duas tinham estado sentadas no escritório escuro e fresco do executor testamentário, ouvindo todas as razões complexas pela quais as dívidas do pai, em relação aos bens imóveis, juntamente com toda uma falta de planeamento iriam levar a uma liquidação — a não ser que alguém da família tomasse conta de tudo e desse vitalidade ao negócio.

Pensou nos pais dos dois rapazinhos. *Também eles deveriam ter tido grandes esperanças para os filhos,* pensou. Agora nunca mais irão ficar desapontados, nem felizes. Depois pensou no Prine e no sangue que ele tinha nos sapatos.

Levantou-se e acendeu mais luzes. Eram já horas de fazer o jantar. No dia seguinte ir-se-ia fechar no escritório e acabar o tal capítulo. Iria também trabalhar nesse assunto dos Camarões, para o Moriarty. E não iria tomar decisões — pelo menos durante mais um dia. Quando se encontrasse na semana seguinte com Frock — prometeu a si mesma — já teria decidido.

O telefone tocou. Automaticamente, ela foi atender.

«Estou» disse ela. Ficou à escuta durante mais algum tempo. «Oh, olá, mãe.»

12

A noite chegou cedo ao Museu de História Natural. Ao aproximarem-se as cinco da tarde, o sol desse começo de Primavera já se estava a pôr. Lá dentro, os visitantes começaram a escassear. Turistas, alunos de escolas primárias e pais cheios de pressa, corriam pelas escadarias de mármore em direcção às saídas. Em breve os ecos, os gritos e o som dos passos, nas salas abobadadas, deixaram de se ouvir. Uma a uma, as vitrinas ficaram às escuras e, à medida que a noite ia avançando, as restantes luzes desenhavam sombras loucas pelo chão de mármore.

Um guarda solitário passeava por uma dos vestíbulos, fazendo a sua ronda, abanando uma longa corrente de chaves e trauteando uma melodia. Era o começo do seu turno e ele estava vestido com o uniforme azul e preto dos guardas do Museu. Há muito que esse espaço não era para ele uma novidade.

Todo este local me dá arrepios na espinha, pensou. *Olhem ali para*

aquele filho da puta! Maldita merda nativa! Quem é que ainda paga dinheiro para ver estas coisas? De qualquer modo, grande parte deste material está amaldiçoada.

A máscara parecia olhar maliciosamente para ele, do interior da vitrina. Apressou-se até ao próximo local de controlo, onde rodou uma chave numa caixa. Esta indicava as horas: 22:23. Na sala seguinte, teve o mau pressentimento — como tinha tantas vezes — que o eco das suas passadas estava a ser duplicado por uma presença invisível.

Chegou até ao próximo local e rodou mais uma vez a chave. A caixa fez um clique e registou: 22:34.

Só lhe demorou quatro minutos a chegar até próximo local de controlo, o que lhe dava cerca de seis minutos para fumar um charro.

Agachou-se na caixa das escadas, fechando à chave as portas por detrás dele, e olhou para baixo, para a cave às escuras, onde outra porta se abria para uma pátio interior. A sua mão dirigiu-se ao interruptor ao cimo das escadas, mas depois retirou-se. Que necessidade haveria de chamar as atenções? Agarrou-se bem ao corrimão de metal e começou a descer. Já na cave, começou a andar encostado à parede até encontrar uma longa barra de metal. Empurrou-a e o ar frio da noite percorreu-lhe o corpo. Encostou-se à porta, que deixou entreaberta, e acendeu um charro, inalando com prazer esse fumo acre, enquanto se debruçava mais para o pátio. Uma luz ténue, vinda do claustro vazio ao fundo, iluminava palidamente todos os seus movimentos. Um ruído muito sumido de tráfego, atenuado por tantas paredes, passagens e parapeitos, parecia chegar até ele, vindo de um outro planeta. Sentiu, com alívio, o efeito relaxante da cannabis — mais uma longa noite, que assim custaria menos a passar. Acabou de fumar, atirou a beata para o escuro, correu os dedos pelo seu cabelo à escovinha e espreguiçou-se.

Ainda não tinha acabado de subir as escadas quando ouviu a porta a fechar-se lá em baixo. Parou, sentindo um súbito arrepio. Será que deixara a porta aberta? Não, não podia ser. Merda. E se alguém o tinha visto a fumar? Mas não se poderiam ter dado conta do cheiro e, no escuro, a beata pareceria igual à de um cigarro.

Havia um cheiro podre no ar que não tinha que ver com o da «erva». Mas nenhuma luz se acendeu, nenhuns passos se ouviram nos degraus metálicos. Começou então a subir até ao patamar.

Porém, assim que aí chegou, sentiu um movimento rápido mas discreto por detrás dele. Voltou-se e um empurrão brutal contra o peito atirou-o para trás, contra a parede. A última coisa que ele viu foi as suas entranhas sombrias a rolares pelas escadas abaixo. Após um curto momento, já não pensava de onde surgira todo esse horror.

TERÇA-FEIRA

Bill Smithback sentou-se num cadeirão, vendo a figura magra e angulosa de Lavinia Rickman por detrás da sua secretária em bétula envernizada, lendo um dos seus manuscritos semi-amachucados. Duas unhas brilhantes tamborilavam sobre o tampo polido. O Smithback sabia que esse movimento de unhas não augurava nada de bom. Para lá das janelas, apenas se via essa cinzenta manhã de terça-feira.

Essa sala não era um escritório típico do Museu, pois não havia aí as pilhas de papéis, revistas e livros que caracterizavam a grande maioria. Em vez disso, a secretária e as prateleiras estavam decoradas com pequenos objectos, vindos das mais variadas partes do mundo: uma boneca vestida de contadora de histórias, do Novo México; um Buda em latão, do Tibete; algumas marionetas da Indonésia. As paredes estavam pintadas de um verde claro institucional e o local cheirava a desodorizante de pinho.

Uma série de curiosidades adicionais alinhava-se de ambos os lados da secretária, de um modo tão formal e tão simétrico como num jardim clássico: um pisa-papéis em ágata, um abridor de cartas feito em osso e um botão japonês, muito trabalhado. No centro de tudo isso, pairava a própria Rickman, debruçada sobre o manuscrito. O cabelo em caracóis laranja, cheio de laca, pensou Smithback, não condizia nada com o verde das paredes.

O tamborilado acelerou-se, em seguida abrandou, à medida que Rickman ia voltando as páginas, juntava as folhas soltas e as colocava, exactamente, a meio da mesa.

«Bem» disse ela, levantando os olhos com um sorriso, «tenho algumas pequenas sugestões.»

«Ah...» disse Smithback.

«Esta passagem, sobre os sacrifícios humanos dos Azetecas, por exemplo, é demasiado controversa» ela lambeu o dedo, elegantemente, e encontrou a passagem. «Aqui.»

«Sim, mas na exposição...»

«Sr. Smithback, a exposição lida com o assunto *com um certo bom gosto*. Isto, ao contrário do que seria de esperar, nada tem que ver com isso. Recorre a detalhes desnecessariamente realistas...» Passou então um marcador pela página.

«Mas tudo o que aí está é exacto» disse o Smithback, encolhendo-se um pouco.

«O que me preocupa é a *ênfase*, não a exactidão dos factos. Coisas há, que são extremamente exactas, mas que enfermam de uma ênfase inapropriada. Permita-me lembrar-lhe que nós temos uma numerosa população hispânica, aqui em Nova Iorque.»

«Sim, mas de que modo poderá isso ofender...»

«Mudando de assunto, esta passagem sobre o Dr. Gilborg, terá que simplesmente desaparecer.» E desenhou outra linha diagonal pela página.

«Mas porquê?...»

Rickman recostou-se melhor na cadeira. «Sr. Smithback, a expedição Gilborg não passou de um fracasso grotesco. Eles estavam à procura de uma ilha que não existia. Um deles, como o senhor realçou com tanta precisão, violou uma rapariga nativa. Não poupámos cuidados para manter qualquer referência ao Dr. Gilborg fora da nossa exposição. Ora vejamos, será que é assim tão necessário documentar todos os insucessos deste Museu?»

«Mas as duas colecções que ele trouxe eram admiráveis!» protestou Smithback, mas sem muita convicção.

«Sr. Smithback, estou convencida de que ainda não percebeu bem as características do seu trabalho.» Houve um arrastado silêncio. O tamborilar das unhas recomeçou. «Está mesmo convencido que o Museu o contratou para documentar insucessos e assuntos controversos?»

«Mas o que chama de insucessos e controvérsias fazem parte da ciência. Quem é que irá ler um livro que...»

«Há um grande número de corporações que contribuem monetariamente para este Museu, corporações que se poderão sentir agastadas perante algumas coisas que aqui se dizem...» observou a Sr.^a Rickman, interrompendo-o de súbito. «Lá fora, há grupos étnicos por demais volúveis, ansiosos por nos atacarem, que poderão *não gostar nada* do que aqui documenta.»

«Repare que estamos a falar de coisas que aconteceram há cem anos, enquanto que...»

«Sr. Smithback!» Rickman apenas tinha levantado ligeiramente a voz, mas o efeito foi eficaz. Houve um longo silêncio.

«Sr. Smithback, tenho que lhe dizer, com toda a franqueza...» Hesitou por momentos, em seguida levantou-se e pôs-se a contornar a secretária até ficar por detrás do escritor.

«Vejo-me obrigada a ter que lhe dizer» continuou ela, «que parece estar a demorar mais do que eu esperava a adaptar-se à nossa perspectiva. Não está a escrever um livro para uma editora comercial. Para pôr as coisas mais terra à terra, estamos à espera do tipo de imagem favorável, que deu do Aquário de Bóston, na sua prévia... tarefa.» Colocou-se então em frente

de Smithback, debruçando-se, com uma certa rigidez, na beira da secretária. «Há várias coisas que esperamos de si que, de facto, temos todo o direito de esperar, e que são...» disse ela, indicando-as com batimentos dos seus dedos ossudos.

«Número um: Nada de controvérsia.

«Número dois: Nada que possa ofender grupos étnicos.

«Número três: Nada que possa pôr em causa a reputação do Museu.

«Acha que é assim tão exagerado da minha parte?» Baixou a voz e inclinou-se um pouco mais para a frente, apertando a mão de Smithback com a sua mão seca.

«Eu... não...» Smithback teve que combater o desejo urgente de retirar a sua mão.

«Bem, então creio que estamos entendidos.» Colocou-se novamente por detrás da secretária e estendeu-lhe o manuscrito.

«Há ainda um pequeno assunto que teremos que discutir» disse ela, enunciando distintamente cada palavra. «Há algumas passagens no seu manuscrito em que cita alguns comentários interessantes feitos por pessoas ligadas à exposição. Porém nunca identifica as fontes. Não é nada de muito importante, como poderá perceber, mas eu gostaria de ter acesso a uma lista dessas fontes — apenas para os meus ficheiros.» Sorriu então, com uma certa expectativa.

Campainhas de alarme soaram-lhe na cabeça. «Bem» observou ele, com muito tacto, «gostaria de a poder ajudar, mas a ética do jornalismo não mo permite.» Encolheu os ombros. «A senhora sabe como as coisas funcionam.»

O sorriso da Sr.^a Rickman desapareceu rapidamente, e ela abriu a boca para falar. Nessa altura, para grande alívio de Smithback, o telefone tocou. Ele levantou-se então para sair, depois de ter recolhido todos os seus manuscritos e, quando já estava quase a fechar a porta, ouviu uma respiração pesada.

«*Outro não!*»

A porta fechou-se, com um som arrastado.

D'Agosta não se conseguia habituar à Sala dos Grandes Símios. Não lhe era nada agradável ver todos aqueles enormes chimpanzés embalsamados, de dentes arreganhados, pendurados de árvores artificiais, com os seus braços peludos e pilas hilariantemente realistas, já para não falar das gran-

des mãos humanas com unhas verdadeiras. Perguntou a si mesmo por que razão demorara tanto tempo aos cientistas para descobrirem que o homem descendia do macaco. Não teria sido óbvio aquando da primeira vez em que tinham visto um chimpanzé? E ouvira em algum lado que estes eram muito parecidos com os humanos: violentos, facilmente excitáveis, sempre a lutarem uns aos outros, até a matarem-se e a comerem-se mutuamente. *Meu Deus*, pensou ele, *deve haver outro modo de circular por este Museu sem ter que passar por esta sala.*

«Por aqui» disse o guarda. «É só descer esta escada. Olhe que a cena é terrível, Sr. Tenente. Eu entrei às...»

«Poderei ouvir mais tarde as suas declarações.» Depois do que acontecera ao rapazinho, D'Agosta estava pronto para tudo. «Disse que ele estava com o uniforme dos guardas. Conhece-o?»

«Não sei, Sr. Tenente, é difícil identificá-lo.»

O guarda apontou para os mórbidos degraus. As escadas davam para uma espécie de pátio. O cadáver estava ao fundo, na sombra. Tudo estava riscado e manchado de negro — o chão, as paredes, o candeeiro do tecto. D'Agosta sabia bem o que era esse negro.

«Você» disse ele voltando-se para um dos vários polícias que o seguiam. «Ilumine esta zona. Quero uma recolha de pó e de fibras, imediatamente. Será que a Brigada de Urgência Médica já vem a caminho? É óbvio que o homem está morto, de modo que seria desejável manter afastado, por enquanto, o pessoal das ambulâncias. Não os quero por aqui a mexer em tudo.»

D'Agosta voltou a olhar para o fundo das escadas. «Meu Deus!» exclamou ele. «Que pegadas são estas? Um dos parvalhões, que não sabe o que anda a fazer, atravessou esse charco de sangue, segundo me parece. Ou talvez que o nosso assassino tivesse decidido deixar-nos uma pista óbvia.»

Houve um silêncio.

«Estas pegadas são suas?» perguntou ele, voltando-se para o guarda. «Como se chama?»

«Norris. Eric Norris. Como estava a dizer, eu...»

«Sim ou não?»

«Sim, mas...»

«Cale-se! E andou por aqui com esses sapatos?»

«Pois. Não sei se está a ver, eu estava...»

«Tire já esses sapatos. Está a dar cabo da tapete.» *Cabrão de porteiro*, pensou D'Agosta. «Leve-os para o laboratório forense. Diga-lhe para os porem num saco destinado a esse tipo de coisas, eles saberão o que fazer. Espere lá por mim. Não, não faça isso. Eu depois chamo-o. Tenho algumas perguntas para lhe fazer. Não, tire já a porra dos sapatos aqui mesmo.» Ele

não queria outro caso semelhante ao de Prine. Que se passava nesse Museu para que as pessoas gostassem tanto de caminhar sobre charcos de sangue? «Terá que lá ir, apenas com as meias calçadas.»

«Sim, Sr. Tenente.»

Um dos policiais, por detrás dele, riu-se entre dentes.

D'Agosta olhou-o de frente. «Acha engraçado? Ele arrastou sangue por todo o lado. A coisa não tem graça nenhuma.»

O tenente desceu até meio da escada. A cabeça do guarda estava a um canto distante, com o rosto voltado para baixo. Não conseguia ver muito bem, mas sabia que iria encontrar a parte de cima do crânio com um buraco e os miolos a flutuarem por aí, algures no meio daquela carnificina. Meu Deus, que confusão um corpo poderia provocar, se quisesse!

Ouviram-se umas passadas nos degraus, por detrás dele. «É a Brigada de Urgência Médica» disse um homem baixo, seguido por um fotógrafo e outros indivíduos de batas brancas.

«Finalmente. Quero luzes aqui, aqui e ali, ou em qualquer outro sítio que o fotógrafo ache apropriado. Quero que estabeleçam um perímetro. Queria que o tivesse feito *há cinco minutos*. Quero que retirem a mais pequena porção de algodão, o mais ínfimo grão de areia. Quero que usem químicos de detecção por todo o lado. Quero — que mais quero eu? Quero que façam todos os testes que conhecerem e que todos respeitem o perímetro estabelecido. Será que me faço entender? Não quero erros nem faltas de cuidado desta vez.»

D'Agosta voltou-se. «O pessoal do Laboratório Criminal já chegou? E o investigador do médico legista? Ou será que estão a fazer um intervalo para café e *croissants*?» Mexeu no bolso do casaco à procura do seu charuto. «Ponham caixas de cartão por cima dessas pegadas. Quando tiverem feito isso, limpem com um esfregão e criem um espaço em volta do corpo, para que possamos andar sem levar pegadas de sangue para todo o lado.»

«Ótimo» disse uma voz baixa e suave por detrás do Tenente.

«Quem é você?» perguntou este, voltando-se e encarando um homem alto e magro, com um fato preto de bom corte, encostado ao cimo das escadas. O seu cabelo, tão louro que parecia quase branco, estava todo penteado para trás, por cima de olhos de um azul pálido. «O coveiro?»

«Pendergast» disse o homem, descendo e estendendo-lhe a mão. O fotógrafo, segurando nos braços o seu equipamento, passou por ele com um encontrão.

«Bem, Pendergast, espero que tenha uma boa razão para estar aqui, de contrário...»

Este sorriu. «Agente Especial Pendergast.»

«Ah, do FBI? Engraçado, por que razão não estou admirado? Bem, como está, Pendergast? Por que motivo é que vocês nunca telefonam a avisar? Ouça, tenho lá em baixo um cadáver sem cabeça e sem cérebro. Em qualquer caso, onde estão os outros?»

Pendergast recolheu a mão. «Receio que seja apenas eu.»

«O quê? Não brinque comigo. Vocês andam sempre em grupo.»

As luzes acenderam-se e a carnificina em volta deles adquiriu tons mais vívidos. Tudo o que até aí parecera negro se encontrava de súbito iluminado, e todos os cambiantes dos órgãos internos do corpo estavam agora à vista. D'Agosta também suspeitou que o pequeno-almoço do Norris também estivesse à vista, no meio de uma confusão de fluidos corporais. Involuntariamente, os maxilares de D'Agosta tremeram. Depois vislumbrou um pedaço de crânio ainda com o corte à escovinha do guarda, a uns bons dois metros do corpo.

«Meu Deus!» exclamou D'Agosta, desviando-se. Em seguida não se pôde conter. Mesmo em frente do fulano do FBI, em frente da Brigada de Emergência Médica e do fotógrafo, vomitou o seu pequeno-almoço. *Não acredito.* pensou ele. *É a primeira vez que isto me acontece em vinte dois anos, e na pior das alturas...*

O investigador do médico legista apareceu nas escadas. Era uma mulher ainda nova, de bata branca e avental de plástico. «Quem é o agente encarregado?» perguntou, calçando as luvas.

«Sou eu» disse D'Agosta, limpando a boca. Olhou então para Pendergast. «Pelo menos durante os próximos minutos. Tenente D'Agosta.»

«Dr.^a Collins» respondeu bruscamente a investigadora.

Seguida por um assistente, desceu até à área, junto do corpo, onde já tinham limpo o sangue.

«Fotógrafo» disse ela. «Estou a voltar o corpo. Uma série completa, por favor.»

D'Agosta desviou os olhos. «Temos muito que fazer, Pendergast» disse ele, com um tom autoritário. Em seguida apontou para o seu próprio vomitado. «Não limpem isso até a Brigada de Emergência Médica ter acabado de examinar os degraus. Faça-me entender?»

Todos acenaram afirmativamente com a cabeça.

«Quero saber de entradas e saídas o mais breve possível. Vejam se conseguem identificar o corpo. Se for um guarda chamem o Ippolito. Vamos até lá acima, ao posto de comando, Pendergast. Temos que nos coordenar ou manter em ligação, ou o que quer que seja que vocês lhe chamem. Depois regressaremos, quando a equipa já tiver feito o que tem a fazer.»

«É o máximo.» disse Pendergast.

O *máximo*? Pensou D'Agosta. O fulano tinha um sotaque do Sul profundo. Já encontrara várias vezes indivíduos como ele, e não conseguiam desenhencilhar-se na Cidade de Nova Iorque.

Pendergast inclinou-se e disse baixinho. «O facto do sangue ter esguichado pelas paredes é bastante interessante.»

D'Agosta olhou para ele. «Está a falar a sério?»

«Gostaria de saber o que a equipa de balística terá a dizer sobre o assunto.»

D'Agosta olhou intensamente para os olhos azuis-claros de Pendergast. «Boa ideia» disse ele, por fim. «Fotógrafo, tire uma série de fotografias, de perto, ao sangue na parede. E você, você...»

«McHenry, Sr. Tenente.»

«Quero que faça uma análise balística a esse sangue. Parece-me que esguichou muito depressa, desenhando um ângulo pouco comum. Quero que indique a fonte, a velocidade, a força, um relatório completo.»

«Sim, Sr. Tenente.»

«Quero tudo isso sobre a minha secretária dentro de trinta minutos.»

McHenry parecia muito preocupado.

«Pois bem, Pendergast, mais alguma ideia?»

«Não, foi a única em que pensei.»

«Então, vamos.»

No posto de comando temporário, tudo estava em ordem. D'Agosta certificara-se disso. Não havia uma única folha de papel solta, nenhum ficheiro fora do lugar, nem um gravador de cassetes sobre a secretária. Tudo lhe parecia bem, e agora estava contente que assim fosse. Estavam todos ocupados, as luzes dos telefones estavam acesas, mas tudo se mantinha sob controlo.

Pendergast sentou o seu corpo magro numa cadeira. Para um indivíduo, com um ar tão formal, movia-se como um gato. Muito resumidamente, D'Agosta deu-lhe uma visão geral da investigação. «Muito bem, Pendergast» concluiu ele. «Qual é a sua jurisdição aqui? Fizemos algum erro? Já não nos querem como investigadores?»

Pendergast sorriu. «Não, não é nada disso. Tanto quanto sei, eu próprio teria agido exactamente do mesmo modo. Está a ver, Tenente, já estávamos neste caso desde o princípio, só que ainda não nos tínhamos dado conta.»

«Como assim?»

«Eu pertenço ao Gabinete local de Nova Orleães. Estávamos a investigar aí uma série de assassinios, alguns deles muito estranhos. Não que-

ro entrar em pormenores, mas as vítimas também apresentavam a mesma remoção da parte de trás do crânio e uma extracção do cérebro, o mesmo *modus operandi*, a mesma maneira de actuar.»

«Está a brincar... E quando foi isso?»

«Há já alguns anos.»

«Há já *alguns anos*? Que...»

«Sim, nunca foram resolvidos. Primeiro pelo Gabinete de Tabaco e Armas de Fogo, porque pensavam que talvez pudessem estar relacionados com o tráfico de drogas, depois o FBI entrou ao barulho, quando o tal Gabinete não conseguiu chegar a nenhuma conclusão. Mas nada pudemos fazer também, já não tínhamos pistas. Então, ontem mesmo, leio um relatório que me foi enviado acerca do duplo homicídio aqui em Nova Iorque. O modo de operar era também... quero dizer... demasiado peculiar, para que não estabelecesse logo uma ligação, não acha? De modo que me meti num avião, ontem à noite. Oficialmente ainda nem sequer estou aqui, embora já cá esteja amanhã.»

D'Agosta ficou mais descansado. «Então, é da Luisiana? Pensei que se pudesse tratar de uma pessoa nova da Divisão de Nova Iorque.»

«Esses não hão-de tardar» disse Pendergast. «Quando fizer o meu relatório esta noite, irão logo aparecer. Mas eu é que me encarregarei deste caso.»

«Você? Nem pensar. Não na Cidade de Nova Iorque.»

Pendergast sorriu. «Serei eu o encarregado, Tenente D'Agosta, há vários anos que tenho vindo a seguir este caso e estou, francamente, bastante interessado nele.» O modo como o agente disse *interessado*, provocou um arrepio na espinha de D'Agosta. «Mas não se preocupe, Sr. Tenente, estou pronto e desejoso de colaborar consigo em tudo o que for preciso, lado a lado, talvez de um modo diferente do que seria de esperar da Divisão de Nova Iorque. Se vier ao meu encontro, claro está. Este não é o meu terreno e vou precisar da sua ajuda. Que me diz?»

O Tenente levantou-se e estendeu-lhe a mão. *Meu Deus*, pensou este, *os rapazes da Divisão de Nova Iorque irão dar cabo dele, em duas ou três horas, e atirar os bocados que ainda sobrarem para Nova Orleães.*

«Está combinado» disse D'Agosta, dando-lhe um aperto de mão. «Vou apresentá-lo a umas pessoas, a começar pelo Director dos Serviços de Segurança, o Ippolito. No entanto, terá que me responder a uma pergunta. Disse-me que o modo como as vítimas tinham sido assassinadas em Nova Orleães era o mesmo. Que me diz às marcas de dentadas que encontraram no cérebro do rapazito mais velho? E ao fragmento da garra?»

«Pelo que me contou acerca dessa autópsia, o Examinador Médico apenas especulou acerca dessas mesmas marcas» retorquiu Pendergast.

«Estou ansioso por saber os resultados dos testes de saliva. E a garra? Está a ser analisada?»

Só mais tarde D'Agosta se deu conta de que ele apenas respondera a metade da sua pergunta, de modo que se limitou a dizer: «Está tudo a ser feito hoje.»

Pendergast recostou-se mais na cadeira, com os dedos esticados, imitando uma tenda, e o seu cabelo louro, quase branco, a cair-lhe em madeixas pela testa. Os seus olhos pareciam olhar para lado nenhum. «Irei ter que fazer uma visita à Dr.^a Ziewicz, logo que ela examine os desastres de hoje.»

«Diga-me uma coisa, Pendergast, por acaso não é da família do Andy Warhold, pois não?»

«A arte moderna nunca me interessou muito, Sr. Tenente.»

Muitos estavam presentes no local do crime, mas tudo estava a ser feito meticulosamente. Toda a gente falava baixinho, como se em deferência para com o morto. A equipa da morgue já chegara, mas estava de parte, à espera, observando todos os procedimentos. Pendergast estava com D'Agosta e com Ippolito, o Director dos Serviços de Segurança do Museu.

«Faça-me a vontade, se não se importar» estava Pendergast a dizer ao fotógrafo. «Gostaria que tirasse uma fotografia deste ângulo, assim» e fez o gesto apropriado. «Gostaria também que tirasse uma série de fotografias do cimo das escadas, e uma outra sequência delas, enquanto for descendo. Não tenha pressa. Certifique-se de que tem boas perspectivas, sombra e luz suficientes.»

O fotógrafo olhou preocupado para Pendergast e depois continuou com o seu trabalho.

O agente voltou-se então para o Ippolito. «Tenho uma pergunta para si. Por que razão o guarda — qual era o nome dele, Sr. Ippolito, Jolley, Fred Jolley? — se teria deslocado até ao fundo das escadas? As rondas dele não incluíam essa área, pois não?»

«Pois não» disse Ippolito. Este estava de pé num local seco, junto à entrada para o pátio. O seu rosto tinha um horrível tom esverdeado.

D'Agosta encolheu os ombros. «Quem sabe?»

«De facto...» acrescentou Pendergast. Este olhara para o pátio, para lá das escadas. Era um lugar pequeno e profundo, com paredes de adobe em três dos lados desse perímetro quadrado. «E ele teria fechado a porta atrás de si, segundo me disse» observou Pendergast. «Teremos que assumir que ele saiu por aqui, e que se dirigia nessa direcção. Estou a ver... A queda de meteoros, da Constelação do Touro, estava no seu melhor a essa hora da noite. Talvez que o Jolley tivesse queda para astrónomo. Mas

duvido.» Ficou parado, durante um minuto, olhando em volta. Depois, voltou-se, uma vez mais, para eles. «Tenho a impressão de que vos posso dizer porquê.»

Meu Deus, pensou D'Agosta, *só cá nos faltava um Sherlock Holmes.*

«Desceu estas escadas para se entregar a um velho hábito seu. Marijuana. Este pátio é um local isolado e bem ventilado. Um local ideal para fumar... um pouco de “erva”.»

«Marijuana? Mas trata-se com certeza de uma especulação...»

«Tenho a impressão de que estou a ver a beata do charro» disse Pendergast, apontando para o pátio. «No local em que a porta se articula com a ombreira.»

«Não estou a ver nada» disse D'Agosta. «Olha, Ed, examina a base da porta. Aí. O que é isso?»

«É um charro» disse o Ed.

«Mas que se passa com vocês que nem sequer um charro conseguem encontrar? Não vos disse para apanharem o mínimo grão de areia. É inacreditável!»

«Ainda não acabámos de percorrer a grelha.»

«Pois...» Olhou então para Pendergast. *A sorte desse sacana! Até poderia ser que o charro não pertencesse ao guarda.*

«Sr. Ippolito» perguntou Pendergast com um tom teatral, «é hábito dos seus guardas usarem drogas ilícitas enquanto estão de serviço?»

«Claro que não. Mas não estou convencido que o charro pertencesse ao Fred Jolley e que...»

Pendergast calou-o, gesticulando com a mão. «Assumo que me poderá dizer de quem são estas pegadas.»

«Essas pertencem ao guarda que encontrou o cadáver» disse D'Agosta.

Pendergast acorrou-se. «Mas irão cobrir todas as pistas que ainda pudéssemos ter...» disse ele, franzindo o sobrolho. «De facto, Sr. Ippolito, deveria treinar melhor os seus homens, no que respeita a um local de crime» disse ele.

Ippolito abriu a boca e depois voltou a fechá-la. D'Agosta tentou evitar rir-se.

Pendergast estava a passear, com muito cuidado, por baixo das escadas, onde uma grande porta de metal se abria, parcialmente. «Oriente-me, Sr. Ippolito, esta porta dá para onde?»

«Para um vestíbulo...»

«Que dá para...?»

«Bem, a Área de Segurança fica à direita. Mas o assassino nunca poderia ter ido por aí, porque...»

«Desculpe-me se o estou a contradizer, mas tenho quase a certeza de que o assassino *foi por aí*» observou Pendergast. «Permita-me adivinhar. Para lá da Área de Segurança fica a Velha Cave, não é verdade?»

«É sim» disse Ippolito.

«Onde encontraram as duas crianças.»

«Bingo» disse D'Agosta.

«Essa Área de Segurança parece-me interessante, Sr. Ippolito, não se importa de ir comigo até lá?»

Para lá da enferrujada porta de metal havia uma fila de lâmpadas que se estendia ao longo do tecto de um comprido corredor da cave. O chão estava coberto de um linóleo já muito gasto e as paredes estavam cheias de murais em que os índios Pueblo do Sudoeste moíam milho, teciam e perseguiam veados.

«Muito interessante» observou Pendergast. «É uma pena estarem aqui escondidos. Parecem-se com os primeiros trabalhos de Fremont Ellis.»

«Costumavam estar na Sala do Sudoeste» disse Ippolito. «Mas creio que a fecharam nos anos vinte.»

«Ah!» disse Pendergast, observando melhor os murais. «*São mesmo* Ellis. Meu Deus, são maravilhosos. Repare na luz nas fachadas de adobe.»

«Mas...» perguntou Ippolito. «Como é que sabe?»

«Qualquer pessoa, que conheça Ellis, não tem quaisquer dúvidas» disse o agente.

«Não é isso. Como é que sabe que o assassino veio por aqui?»

«Creio que estava apenas a tentar adivinhar» disse Pendergast, examinando a próxima pintura. «O facto é que quando me dizem que “é impossível”, eu tenho este mau hábito, não me consigo conter. Contradigo logo essa pessoa, da maneira mais positiva que me é possível. É um mau hábito, mas também é um que eu não consigo dominar. Mas, é claro, agora *já sabemos* que o assassino veio por aqui.»

«Como?» Ippolito parecia bastante confuso.

«Repare bem nesta belíssima vista da velha Santa Fé. Já alguma vez lá foi?»

Houve um momento de silêncio. «Bem, não...» disse Ippolito.

«Há uma cadeira de montanhas por detrás da cidade, a que chamam Sierras de Sangre de Cristo, em espanhol.»

«E depois?»

«Ora, as montanhas parecem vermelhas ao sol poente, mas não *desse* vermelho. Trata-se de sangue verdadeiro, e ainda está fresco. É uma pena, arruinou a pintura.»

«Deus do Céu!» exclamou D'Agosta. «Olhem para isto!»

Um longo risco de sangue estava espalhado, ao nível das suas cinturas, através da pintura.

«Estão a ver, o crime é uma coisa que provoca uma sujidade medonha. Iremos encontrar marcas de sangue ao longo de todo o corredor. Tenente D'Agosta, será necessário que o pessoal do Laboratório de Investigação Criminal aqui venha. Não haverá problema pois não?» Em seguida, fez uma pausa. «Acabemos o nosso pequeno passeio e depois logo os iremos chamar. Gostaria de ir à frente, se não se importam, para procurar mais provas.»

«Não me importo nada» disse D'Agosta.

«Tenha cuidado por onde anda, Sr. Ippolito, iremos pedir-lhes que examinem também o chão e não apenas as paredes.»

«Chegaram então a uma área onde havia um letreiro onde se lia: ACESSO PROIBIDO. «Esta é Área de Segurança» disse o Ippolito.

«Estou a ver» comentou Pendergast. «E qual é a finalidade desta Área de Segurança, Sr. Ippolito? Será que o resto do Museu não é seguro?»

«Não é nada disso» apressou-se logo o Director dos Serviços de Segurança a observar. «A Área de Segurança destina-se ao armazenamento de objectos raros e preciosos. Este é o museu mais bem protegido do país. Instalámos, há bem pouco tempo, um sistema de grades que deslizam do tecto até ao chão, através do Museu. Estão todas ligadas ao nosso sistema de computadores. No caso de haver um roubo, podemos isolar o Museu, secção por secção, tal como os compartimentos estanques de...»

«Estou a ver, Sr. Ippolito, muito obrigado» interrompeu Pendergast. «Que interessante, uma velha porta chapeada a cobre» disse ele, examinando-a de perto.

D'Agosta reparou que o cobre que a cobria estava cheio de arranhões pouco profundos.

«Marcas recentes, segundo me parece» disse Pendergast. «E que me dizem a isto?» perguntou ele, apontando para a parte de baixo.

«Deus do Céu!» exclamou D'Agosta, olhando para a parte inferior da porta. Esta fora arranhada e roída até se tornar num monte de aparas de madeira, como se qualquer coisa com garras o tivesse feito.

Pendergast recuou. «Gostaria que toda a porta fosse analisada, Sr. Tenente. E agora vejamos o que se esconde lá dentro. Sr. Ippolito, não se importava de abrir a porta, com cuidado, para não a marcar toda com as suas impressões digitais?»

«Não posso deixar entrar aí ninguém sem autorização.»

D'Agosta olhou para ele, quase sem conseguir acreditar. «Quer que nós arranjemos um mandado de busca?»

«Oh, não. Não é isso, é só que...»

«Ele esqueceu-se da chave» disse Pendergast. «Nós esperamos.»

«Venho já» disse Ippolito, e os seus passos apressados ecoaram pelo corredor. Quando ele já não os poderia ouvir, D'Agosta voltou-se para Pendergast. «Detesto ter que o dizer, Pendergast, mas adoro o modo como você trabalha. Foi tudo muito inteligente da sua parte, a pintura e modo como lidou com o Ippolito... Boa sorte com a rapaziada de Nova Iorque.»

Pendergast parecia divertido. «Muito obrigado. O sentimento é mútuo. Ainda bem que estou a trabalhar consigo e não com um desses fulanos convencidos. A julgar pelo que vi, o senhor ainda tem coração. Ainda é um ser humano normal.»

D'Agosta riu-se. «Olhe que não, não foi isso. Foi apenas a porra dos ovos mexidos com fiambre e queijo, já para não falar do *ketchup*, que eu comi ao pequeno-almoço. E aquele corte à escovinha... Detesto esses cortes de cabelo!»

15

A porta do herbário estava fechada, como era costume, apesar do letreiro onde se lia: NÃO FECHAR ESTA PORTA. Foi a esta que Margo bateu. *Então Smith, sei bem que estás aí.* Voltou a bater, dessa vez com mais força, e ouviu uma voz zangada: «Calma. Não é o fim do mundo! Já vou.»

A porta abriu-se e Bailey Smith, o velho Assistente de Conservador do herbário, voltou a sentar-se à sua secretária com um profundo suspiro de irritação, começando a examinar uma série de envelopes de correio.

Margo, muito resoluta, avançou até ele. Bailey Smith parecia achar que o seu emprego era uma grande maçada e, quando por fim acabava por fazer qualquer coisa, era quase impossível calá-lo. Regra geral, Margo ter-se-ia limitado a enviar-lhe um pedido de requisição, evitando assim todo o incómodo. Mas ela precisava de examinar espécimes das plantas dos Kiribitu, o mais rapidamente possível, para o próximo capítulo da sua tese. Os apontamentos que Moriarty lhe entregara ainda estavam muito incompletos, e ela já ouvira rumores de outro horrível homicídio, que poderiam fechar o Museu para o resto do dia.

Bailey Smith entoava uma melodia com a boca fechada, tentando ignorá-la. Embora ele tivesse quase oitenta anos, Margo suspeitava que se fingia de surdo para irritar as pessoas.

«Sr. Smith!» disse ela, em voz alta. «Preciso destes espécimes, se não se importa.» E colocou uma lista sobre o balcão. «Necessito deles urgentemente, se for possível.»

Smith resmungou, levantou-se da cadeira e, muito lentamente, pegou na lista, olhando para ela com um ar de reprovação. «Não sei se sabe, mas irá demorar-me algum tempo para localizar tudo isto. Que tal amanhã de manhã?»

«Por favor, Sr. Smith. Já ouvi dizer que talvez possam fechar o Museu a qualquer momento. Preciso mesmo muito desses espécimes.»

Presentindo uma oportunidade para a coscuvilhice, o idoso tornou-se mais simpático. «Uma coisa horrível...» disse ele, abanando a cabeça. «Há já quarenta anos que aqui trabalho e nunca vi uma coisa assim. Mas não posso dizer que esteja admirado» acrescentou ele, com um deliberado aceno de cabeça.

Margo não lhe queria dar corda, de modo que não disse nada.

«Já não é o primeiro, segundo ouvi dizer, e olhe não irá ser o último.» Voltou-se então, colocando a lista mesmo em frente do nariz. «Que é isto? *Muhlenbergia dunbarii*? Nós não temos aqui nada disto.»

Então Margo ouviu uma voz por detrás dela.

«Já não é o primeiro?»

Era Gregory Kawakita, o jovem Assistente de Conservador, que a tinha acompanhado até ao refeitório na manhã anterior. Margo tinha lido a biografia dele, escrita por alguém do Museu: filho de pais ricos, órfão ainda muito novo, deixara Yokohama, a sua cidade natal, e fora criado por familiares em Inglaterra. Após ter estudado no Magdalene College em Oxford, mudara-se para o M. I. T. para prosseguir os estudos, após a Licenciatura, e depois para o Museu, como assistente de conservador. Ele era o protegido mais brilhante de Frock, o que originava, por vezes, que Margo se ressentisse. Kawakita tinha uma noção instintiva, no que dizia respeito às políticas do Museu, e Frock era controverso, um iconoclasta. Porém, apesar de ser uma pessoa muito centrada em si própria, Kawakita era, sem dúvida, brilhante, e estava a trabalhar com Frock num modelo de mutação genética que ninguém, excepto eles os dois, pareciam perceber. Sob a orientação desse professor, Kawakita estava a desenvolver o Extrapolador, um programa que poderia comparar e combinar códigos genéticos de espécies diferentes. Quando introduziam os seus dados, no poderoso computador do Museu, a velocidade dos outros monitores era de tal modo reduzida, que as pessoas diziam que o sistema central fora reduzido ao de «um calculador manual».

«Não é o primeiro, o quê?» perguntou Smith, olhando para Kawakita com cara de poucos amigos.

Margo tentou lançar-lhe um olhar de aviso, mas ele continuou: «Disse qualquer coisa acerca deste crime não ser o primeiro.»

«Greg, *terias mesmo que...*» disse-lhe ela, em voz baixa. «Agora,

nunca mais irei obter os espécimes da minha planta.»

«Olhem que nada disto me surpreende» continuou Smith. «Ora, eu até nem sou supersticioso» disse ele, debruçando-se sobre o balcão. «Mas já não é a primeira vez que um monstro foi visto à solta pelo Museu. Pelo menos é isso que as pessoas dizem. Não que acredite numa única palavra, reparem.»

«Monstro?» perguntou Kawakita.

Margo deu-lhe um ligeiro pontapé nas canelas.

«Estou apenas a repetir o que toda a gente diz, Dr. Kawakita. Não acredito em começar falsos boatos.»

«É claro que não» disse Kawakita, piscando o olho a Margo.

Smith olhou muito intensamente para ele. «Dizem que já circula por aí há montes de tempo. Que vive na cave e que come ratos, ratazanas e baratas. Já reparou que não se vêem ratazanas ou ratos neste Museu? Mas *deveria haver*. Só Deus sabe como eles andam por aí à solta, pelo resto de Nova Iorque. Mas não aqui. É curioso, não acha?»

«Nunca tinha dado por isso» disse Kawakita. «Mas vou passar a reparar melhor nisso.»

«E não é tudo... Havia um pesquisador que fazia criação de gatos para uma experiência qualquer» continuou Smith. «Tenho a impressão de que se chamava Sloane, Doutor Sloane, do Departamento de Comportamento Animal. Um dia, uma dúzia desses gatos conseguiu escapar-se. E sabe uma coisa? Nunca mais ninguém os viu. Desapareceram pura e simplesmente. Ora, é uma coisa engraçada, não acha? Pelo menos um ou dois deveriam ter aparecido.»

«Talvez se tivessem ido embora por não haver aqui ratos para comerem» disse Kawakita.

Smith ignorou esse comentário. «Há quem diga que *essa coisa* teve origem num caixote de ovos de dinossauro que alguém trouxe da Sibéria.»

«Estou a ver» disse Kawakita, tentando a muito custo não se rir. «Dinossauros à solta pelo Museu...»

Smith encolheu os ombros. «Estou a contar-lhe apenas o que ouvi. Outros pensam que se tratava de qualquer coisa vinda de um dos túmulos que eles tinham pilhado ao longo dos anos. Um artefacto qualquer, com uma maldição. Não sei se estão a ver, como a maldição do Rei Tutankhamon... E, se me perguntar, acho que é bem-feito tudo o que lhes está a acontecer. Não me interessa o que eles lhe chamam: arqueologia, antropologia, vudologia... para mim é uma profanação de lugares de eterno repouso. É claro que não os vê a desenterrarem as avós *deles*, mas olhe que não hesitam em abrir campas de outras pessoas para sacarem o que podem. Tenho ou não tenho razão?»

«Sem dúvida» disse Kawakita. «Mas o que é que disse sobre estes assassínios não serem os primeiros?»

Smith olhou para eles, com um ar de conspiração. «Bem, se contarem a alguém o que vos vou dizer, irei negá-lo, mas, há cerca de cinco anos, aconteceu uma coisa muito estranha.» Calou-se durante momentos, como se para avaliar o efeito que essas palavras tinha causado nos ouvintes. «Havia um conservador, Morrissey ou Montana — era uma coisa assim — que participara na desastrosa expedição ao Amazonas. Sabem bem do que estou a falar, daquela em que toda a gente morreu. De qualquer modo, um dia ele também desaparece. Nunca mais ninguém o viu ou ouviu falar dele. As pessoas começaram logo a dizer coisas à boca calada. Aparentemente, alguém ouviu um guarda contar que tinham descoberto o corpo dele na cave, horripelantemente mutilado.»

«Estou a ver...» disse Kawakita. «E acha que foi o Monstro do Museu que fez isso?»

«Eu não acho coisa nenhuma» respondeu logo Smith. «Estou apenas a contar o que ouvi. Para vossa informação, já ouvi muitas coisas de muitas pessoas.»

«E então? Já alguma vez alguém viu esse... monstro?» perguntou Kawakita, incapaz de disfarçar um sorriso.

«Pois viram! De facto, duas pessoas disseram o mesmo. Conhece o Carl Canover, da Oficina de Metalurgia? Há três anos, também por esta altura, ele disse que o viu. Chegou mais cedo, para acabar um trabalho, e viu-o, muito refastelado, perto de uma esquina, na cave. Viu-o aí mesmo, sem sombra de dúvidas.»

«Ah sim?» disse Kawakita. «E qual era o aspecto dele?»

«Bem...» Smith começou, mas parou em seguida. Até ele já tinha reparado no ar divertido e chocarreiro de Kawakita. A expressão do idoso mudou então. «Acho que ele se parecia um pouco com Johnnie Walker» disse ele.

Kawakita ficou intrigado. «Walker? Não creio que o conheça...»

Bailey Smith desatou então às gargalhadas e até a Margo não pôde evitar um aberto sorriso. «Greg» disse ela, «acho que ele quis dizer que o Canover estava bêbado.»

«Estou a ver» disse Kawakita, retomando a sua compostura habitual. «É claro.»

Todo o seu bom-humor desaparecera. *Não gosta que as piadas se virem contra ele, pensou Margo, pode fazê-las em relação aos outros, mas não consegue aguentá-las quando se voltam contra si.*

«Bem. De qualquer modo...» disse Kawakita, bruscamente. «Preciso de alguns espécimes.»

«Terás que esperar, se não te importas!» protestou Margo, ao ver Kawakita pousar a sua lista sobre o balcão. O idoso olhou para ela e depois para o cientista.

«Daqui a duas semanas?» perguntou-lhe ele.

16

Alguns andares mais acima, o Tenente D'Agosta estava sentado num enorme sofá de couro no gabinete do conservador. Os seu lábios estalavam de contentamento, enquanto cruzava as pernas e ia olhando em redor. Pendergast, muito entretido com um livro de litografias, reclinava-se numa cadeira de braços, por trás de uma secretária. Por cima da sua cabeça, numa moldura rococó, estava uma enorme pintura de Audubon, representando o ritual de acasalamento da garça das neves. As paredes, apaineladas a carvalho, revelavam a patina de um século. Por cima, já quase junto ao tecto, via-se um lambril de madeira com entalhes ovais. Delicadas luzes douradas, sob abjures de vidro soprado à mão, flutuavam sob um tecto de folha de chumbo trabalhada. Um enorme fogão de sala, em dolomite elaboradamente esculpida, dominava um dos cantos. *Que agradável*, pensava D'Agosta. *Dinheiro antigo. A velha Nova Iorque. Tem classe. Não o lugar mais indicado para fumar um charuto barato.* Mas acendeu-o.

«Já passa muito das duas e meia, Pendergast» disse ele, exalando uma fumaça azulada. «Onde diabo se teria metido o Wright?»

Pendergast encolheu os ombros. «Talvez esteja a tentar intimidar-nos» disse, voltando uma outra página.

D'Agosta olhou por momentos para o agente do FBI.

«Está-se a ver que estas pessoas muito importantes do Museu pensam que podem manter toda a gente à espera» disse finalmente, esperando uma reacção. O Wright e os seus sequazes têm-nos tratado como cidadãos de segunda, desde ontem de manhã.»

Pendergast voltou uma outra página. «Não fazia ideia que o Museu tinha uma colecção completa dos desenhos de Piranesi sobre o Fórum» murmurou.

D'Agosta riu-se para consigo mesmo. *Isto promete*, pensou.

Enquanto almoçava, tinha feito algumas chamadas telefónicas, sub-repticiamente, a alguns amigos dele no Gabinete. Não só já tinham ouvido falar do Pendergast, como estavam na posse de toda uma série de boatos acerca dele. Tinha-se diplomado com louvores, numa Universidade de Inglaterra — talvez isso fosse verdade. Como agente das Forças Especiais fora capturado no Vietname e fora também o único sobrevivente

de um campo de morte no Camboja — D’Agosta já não estava tão certo acerca de tais aventuras. Mas estava a reconsiderar as suas primeiras impressões.

Nesse momento, a porta maciça abriu-se silenciosamente e Wright entrou com o Director dos Serviços de Segurança atrás dele. Imediatamente e sem dizer nada, Wright sentou-se na cadeira mesmo em frente do agente do FBI. «Sr. Pendergast, suponho» disse ele, com um suspiro. «Vamos então ao que interessa.»

D’Agosta recostou-se melhor para observar a cena.

Houve um grande silêncio em que Pendergast continuava a folhear o livro. Wright mexia-se impacientemente na cadeira. «Se estiver muito ocupado...» disse ele, com irritação. «Podemos reunirmo-nos numa outra ocasião.»

O rosto de Pendergast permanecia invisível, por detrás das páginas do livro. «Não» disse ele, finalmente. «Agora é uma boa altura.» Voltou então pausadamente outra página, e depois mais outra.

D’Agosta observou, com uma certa satisfação, que o rosto do Director estava a ficar muito encarnado.

«Não precisamos aqui do Director dos Serviços de Segurança» disse a voz, por detrás do livro.

«O Sr. Ippolito faz parte da investigação...»

Os olhos do agente surgiram então, por cima da lombada do livro. «Eu é que estou encarregue da investigação, Dr. Wright» disse Pendergast, com muita calma. «Ora, se o Sr. Ippolito tivesse a simpatia de...»

Este olhou nervosamente para Wright, que o mandou sair com um aceno breve da mão.

«Repare, Sr. Pendergast» começou Wright, quando a porta se fechou. «Tenho todo um Museu para dirigir e não tenho muito tempo. Espero que possa ser breve.»

Pendergast pousou o livro aberto, com muito cuidado, diante de si.

«Tenho pensado muitas vezes» disse ele, devagar, «que este trabalho inicial de Piranesi era o seu melhor. Também é da mesma opinião?»

Wright parecia francamente atónito. «Não estou a ver...» gaguejou o Director, «o que isso possa ter que ver com...»

«O seu trabalho tardio também era interessante, é claro, mas demasiado fantástico para o meu gosto» respondeu-lhe Pendergast.

«De facto» começou o Director, com a sua melhor voz de conferência, «sempre pensei...»

O livro fechou-se então, como o som de um tiro. «De facto, Dr. Wright,» disse Pendergast, secamente, já sem cerimónias, «é já tempo de

esquecer tudo o que o senhor *sempre* soube. Vamos aqui jogar um jogo do seguinte modo: eu vou falar e vocês irão ouvir-me. Combinado?»

Wright continuava mudo na cadeira. Em seguida, o seu rosto tremeu de ira. «Sr. Pendergast, ninguém fala comigo com esses modos que...»

O agente interrompeu-o. «Caso ainda não tenha lido as parangonas dos jornais, Dr. Wright, houve três horríveis assassínios no Museu, nas últimas quarenta e oito horas. *Três*. A imprensa especula que um animal feroz é o responsável. O número de visitantes baixou cinquenta por cento, desde o fim-de-semana. O seu pessoal está *muito*... perturbado, para não dizer outra coisa. Será que já passeou hoje pelo seu Museu, Dr. Wright? Irá achar que se trata de uma experiência edificante. O sentimento de medo é quase palpável. A maior parte das pessoas, se é que chegam a sair dos seus escritórios, andam por aí em grupos de dois ou de três. O pessoal da manutenção já não consegue arranjar mais desculpas para evitar a Velha Cave. Contudo, o senhor age como se nada se tivesse passado. Acredite no que lhe digo, está a passar-se algo muito fora do normal.»

Pendergast inclinou-se mais para a frente e cruzou os braços por cima do livro. Havia qualquer coisa tão ameaçadora na sua escolha de palavras, uma frieza tão grande nos olhos azuis-claros, que o Director, involuntariamente, se encostou ainda mais contra a cadeira. D'Agosta, sem se dar conta, sustinha a respiração. Então Pendergast continuou:

«Ora, poderemos escolher um de três modos de lidar com isto. O seu, o meu, ou o do Gabinete. Até aqui, o seu modo tem-se revelado por demais óbvio. Segundo me dei conta, a investigação policial foi subtilmente impedida. As chamadas telefónicas são respondidas muito mais tarde, se é que tal chega a acontecer. O pessoal está ocupado ou não se encontra em lado nenhum. Os que *estão* disponíveis — como o Sr. Ippolito — não são os mais indicados. As pessoas chegam tarde aos encontros que marcaram. Por que razão? É o suficiente para que todos fiquem desconfiados. A partir de agora, o seu modo já não constituiu um método aceitável.»

Pendergast esperava ansiosamente pela resposta. Porém, não houve nenhuma, e o agente continuou:

«Como seria de esperar em casos como este, a opinião do Gabinete seria fechar o Museu, suspendendo o seu modo de operar e cancelando as exposições. Garanto-lhe que resultaria numa péssima publicidade. Iria custar muito dinheiro não só a quem paga impostos, mas também a si. *O meu modo*, no entanto, é um pouco mais amigável. Segundo me parece, o Museu poderá manter as portas abertas. Porém, impõem-se certas condições. A primeira...» disse ele, «pressupõe a inteira e pronta colaboração do todo o pessoal do Museu. Iremos necessitar de falar consigo e com outras

peçoas em postos de chefia, uma vez por outra, e não iremos aceitar mais desculpas. Também irei precisar de uma lista de todo o pessoal. Queremos entrevistar toda a gente que trabalha, ou que teve alguma razão para trabalhar, nas imediações dos locais de crime. Não iremos abrir excepções. Gostaria que o senhor se certificasse pessoalmente disso. Vamos planificar um horário, e *todos* terão que aparecer a horas.»

«Mas nós temos dois mil e quinhentos empregados...» começou Wright a dizer-lhe.

«A segunda...» continuou Pendergast. «A partir de amanhã, vamos limitar o acesso dos empregados ao Museu, até esta investigação estar concluída. Esta imposição terá em conta a segurança do pessoal. Pelo menos, será isso o que meu caro Doutor lhes irá dizer.»

«Mas há toda uma pesquisa muito importante aqui, que...»

«A terceira...» Pendergast apontou então três dedos a Wright, como se estes fossem uma pistola. «Uma vez por outra iremos precisar de fechar o Museu, na totalidade ou em parte. Em certos casos, o acesso será apenas negado aos visitantes; em outros o Museu também estará fechado para o pessoal. Os avisos poderão surgir à última da hora. Contamos sinceramente com toda a sua colaboração.»

Wright estava cada vez mais furioso. «Este Museu só fecha durante três dias por ano: no Natal, no Ano Novo e no Dia de Acção de Graças» disse ele. «O que me está a sugerir não tem quaisquer precedentes. Ir-nos-á colocar numa má luz.» Olhou então para Pendergast, como se estivesse a avaliar todas as suas reacções. «Para além disso, não estou inteiramente convencido de que o senhor tenha autoridade para tal. Creio que deveríamos...» parou em seguida, pois Pendergast pegara no telefone.

«Que está a fazer?» perguntou o Director.

«Dr. Wright, já estou a ficar cansado. Talvez devêssemos discutir este assunto com o Procurador Geral.»

Pendergast começou então a ligar o número.

«Um momento» disse o Director, «creio que poderemos discutir este assunto sem envolver outras pessoas.»

«Isso dependerá de si» disse Pendergast, interrompendo a ligação que estava a fazer.

«Por amor de Deus! Desligue-me esse telefone» disse Wright, muito zangado. «É claro que iremos cooperar plenamente, na medida do possível...»

«Pois muito bem» disse Pendergast. «E se no futuro começar a pensar que a medida não é possível, poderemos sempre voltar a ter esta conversa.» Colocou então, com cuidado, o auscultador no telefone.

«Se vou cooperar» continuou Wright, «creio que tenho direito a ser

informado acerca do que tem vindo a ser feito desde a última atrocidade. Tanto quanto posso verificar, não houve grandes progressos.»

«Certamente, Sr. Doutor» disse Pendergast. Em seguida olhou para os papéis que tinha na secretária. «De acordo com os vossos relógios de marcar o ponto, a vítima mais recente, Jolley, encontrou um fim trágico logo após as dez e meia de ontem à noite» disse ele. «A autópsia irá confirmá-lo. Sofreu, tal como deverá saber, lacerações em tudo semelhantes às das outras vítimas. Foi assassinado enquanto fazia a sua ronda, embora as escadas em que o encontraram não fizessem parte do seu percurso de rotina. Talvez estivesse a investigar alguns sons suspeitos ou algo desse teor. Talvez tivesse parado para fumar um charro. Encontraram uma beata de marijuana perto da ombreira de uma porta de saída, junto dessas mesmas escadas. É claro que iremos proceder a testes para ver se o corpo acusa algum consumo de drogas.»

«Meu Deus, como se estivéssemos a precisar disso!» disse Wright. «Mas não encontraram nenhuma pista *relevantes*? E essa coisa acerca de um animal selvagem? Será que...»

Pendergast levantou a mão e esperou para que o seu interlocutor se calasse. «Prefiro não entrar em mais especulações, até termos discutido as provas materiais que temos, com os especialistas. Alguns deles poderão até pertencer ao seu pessoal. Mas, para já, não encontrámos quaisquer sinais que indicassem a presença de um animal na imediações.

O corpo foi encontrado ao fundo das escadas. Embora fosse óbvio que o ataque tivesse ocorrido no patamar ao cimo das mesmas, dado que havia sangue e vísceras aí espalhadas. Ou caiu, ou foi arrastado para baixo. Mas não tem que acreditar em mim, Dr. Wright» disse Pendergast, levantando um envelope beije da secretária. «Poderá verificá-lo pessoalmente.» Retirou uma fotografia em papel brilhante e colocou-a, cuidadosamente, sobre a mesa do Director.

«Santo Deus!» disse Wright, olhando intensamente para o que lhe mostravam. «Que Deus nos ajude!»

«A parede, do lado direito das escadas, estava coberta de esguichos de sangue» disse o agente. «Aqui está a fotografia.»

Passou-a a Wright, que a colocou, cuidadosamente, em cima da outra.

«E muito fácil fazer uma análise balística dos esguichos de sangue» continuou Pendergast. «Neste caso, as provas são consistentes com um golpe brutal dirigido para baixo, esventrando instantaneamente a vítima.»

Pendergast voltou a colocar as fotografias no envelope e olhou para o relógio. «O Tenente D'Agosta virá vê-lo para se certificar de que tudo irá

correr de acordo com o que foi estabelecido» disse ele. «Uma última questão, Doutor, qual é o conservador que conhece melhor a colecção de antropologia aqui no Museu?»

O Dr. Wright parecia não o ter ouvido. Finalmente, disse: «O Dr. Frock» com uma voz muito sumida.

«Muito bem» disse o agente. «Ah, Doutor... já lhe disse que o Museu poderia permanecer aberto, *se não houver mais problemas*. Mas se mais alguém morrer dentro destas paredes, terá que ser fechado imediatamente. O assunto não dependerá de mim, está a perceber?»

Após um longo momento, Wright acenou afirmativamente com a cabeça.

«Ótimo» respondeu-lhe Pendergast. «Estou bem ao corrente que a sua *Exposição sobre Superstições* tem a abertura marcada para o próximo fim-de-semana, e que tem uma grande gala marcada para sexta-feira à noite. Gostaria que tudo pudesse decorrer sem problemas, mas tudo depende do que possamos descobrir nas próximas vinte e quatro horas. A prudência poderá adiar essa gala de abertura.»

A pálpebra esquerda de Wright começou a tremer. «Impossível! A nossa campanha de *marketing* descarrilaria por completo. A publicidade seria devastadora.»

«A ver vamos» observou Pendergast. «A não ser que haja mais qualquer coisa que deseje esclarecer, creio que não lhe deveremos roubar mais tempo.»

Wright, com o rosto lívido, levantou-se e, sem uma palavra, saiu muito empertigado desse escritório.

D'Agosta sorriu, quando a porta se fechou. «Deu uma boa ensaboadela a esse sacana» disse ele. «Curvou-lhe a espinha!»

«Que me estava a dizer, Sr. Tenente?» perguntou-lhe Pendergast, voltando a reclinar-se na cadeira e pegando no livro com um novo entusiasmo.

«Então, Pendergast...» observou D'Agosta, olhando ironicamente para o agente do FBI. «Acho que não terá que continuar a falar comigo de um modo tão refinado.»

Pendergast pestanejou, com uma certa ingenuidade, olhando para D'Agosta. «Peço desculpa, Sr. Tenente, por qualquer comportamento da minha parte menos apropriado. O facto é que não consigo aturar indivíduos burocráticos e arrogantes. Receio mesmo perder toda a minha paciência com eles.» Levantou nesse momento o livro. «É um mau hábito meu, mas que posso eu fazer?»

As janelas do laboratório davam para o Rio Este e para os armazéns e edifícios industriais derruídos da Cidade de Long Island. Lewis Turow estava de pé, à janela, a ver uma enorme barcaça, cheia de lixo e rodeada por um sem número de gaivotas, que se dirigia para o mar. *Talvez o lixo que se amontoa em Nova Iorque, num minuto*, pensou ele.

Turow desviou-se da janela e suspirou. Odiava Nova Iorque, mas havia que fazer certas escolhas. A escolha para ele seria suportar a cidade e trabalhar num dos melhores laboratórios genéticos do país, ou trabalhar numas instalações manhosas num belo local rural, algures. Até aí, sempre escolhera a cidade, mas estava a ficar já sem paciência.

Ouviu uma pequena apitadela, e depois o ciciar da mini-impressora. Os resultados estavam a sair. Outra apitadela indicou-lhe que esse trabalho terminara já. O Computador *Omega-9* de Processamento Paralelo, que custava três milhões de dólares e ocupava uma série de grandes caixas cinzentas ao longo da parede, estava agora silencioso. Apenas umas quantas luzes indicavam que qualquer coisa estava ainda a ser processada. Tratava-se de um modelo especial, desenhado para identificar sequências de ADN, fornecendo também um mapa dos genes. Turow viera para esse laboratório, há seis meses, sobretudo devido a essa máquina.

Retirou o papel do tabuleiro e deu-lhe uma vista de olhos. A primeira página era um resumo dos resultados, seguida por uma sequência de ácidos nucleicos encontrados na amostra. Junto destes havia colunas de letras que identificavam as sequências mais predominantes e nos davam uma identificação dos genes do grupo alvo.

Este, no presente caso, era pouco comum: grandes felídeos. Tinham-lhe pedido que comparasse esses genes com os do tigre asiático, do jaguar, do leopardo, do lince. Turow adicionara-lhes a chita, visto a sua composição genética ser tão bem conhecida. O grupo de comparação era, como seria de esperar, o *Homo Sapiens*, um grupo de controlo para se poder certificar de que a comparação e a amostra eram fiáveis.

Olhou então para o resumo

Trabalho 3349A5 990

AMOSTRA: Laboratório de Estudos Criminais de N. I. LA-33

RESUMO

GRUPO ALVO

	% coincidente	grau de rigor
Panthera leo	5,5	4%
Panthera onca	7,1	5%
Felis lynx	4,0	3%
Felis rufa	5,2	4%
Acinonyx jubatus	6,6	4%

GRUPO DE CONTROLO

Homo sapiens	45,2	33%
---------------------	------	-----

Bem, nada desta merda faz sentido, pensou Turow. A amostra coincidia muito mais com o grupo de comparação do que com o grupo alvo — o oposto do que deveria ter acontecido. Só havia 4 por cento de probabilidades de que o material genético pertencesse a um grande felídeo, mas 33 por cento de probabilidades de que pertencesse a um ser humano.

Tinta e três por cento. O número não era muito alto, mas indicava uma série de probabilidades.

Isso queria dizer que teriam que tentar o *GenLab* para aprofundar a questão. Este era um enorme laboratório internacional com uma excelente base de dados de ADN — duzentas gigas e ainda a ser aumentada — que continha sequências de ADN, as listas mais predominantes, e conseguia identificar os genes de milhares de organismos, da *Escherichia Coli Bacterium* ao *Homo Sapiens*. Iria processar esses dados usando a base de dados do *GenLab*, e ver, de facto, a que ser pertenceria esse ADN. Parecia relacionar-se com ele um animal da família do *Homo Sapiens*, não suficientemente desenvolvido para ser um macaco, mas talvez algo parecido com um lémure.

A curiosidade de Turow tinha sido aguçada. Até aí, nem sequer sabia que o seu laboratório fazia trabalhos para a Departamento da Polícia. *Por que razão teriam pensado que essa amostra pertencia a uma grande felídeo?* Pensou ele.

Os resultados ocupavam bem umas oitenta páginas. O sequenciador de ADN imprimira-as a partir dos nucleótidos identificados, formando duas colunas que indicavam a espécie, identificando também os genes e as sequências desconhecidas. Turow já sabia que muitas dessas sequências não poderiam ser identificadas, dado que o único organismo com um mapa genético completo era a *E. Coli*.

C-G	*	C-T	Não-identificado
G-G		G-T	*
G-G	Homo sapiens	T-T	*
C-G		T-T	*
A-T	A- alelo	T-T	*
T-G	marcador	G	*
G-G		C	*
T-T	A1	C-C	*
A-A	polimorfismo	C-T	*
A-A	começo	G-T	*
A-A	*	T-A	*
G-T	*	G-G	*
T-T	*	T	*
G-T	*	T	*
T-A	/	T	
A-T	/		
T-T	/		
G-T	/		
C-C	/		
C-G	A1 Poli fim		

Turow olhou para os números, depois levou essa folha para a secretária. Após carregar em algumas teclas no seu *SPARCstation 10*, Turow poderia ter acesso a milhares de bases de dados. Se o *Omega-9* não possuísse a informação que ele procurava, ligar-se-ia automaticamente à Internet e encontraria um computador que a tivesse.

Olhando mais de perto para a folha impressa, Turow franziu o sobrolho. *Deve ser uma amostra degradada*, pensou. *Há demasiado ADN não identificado.*

A-A	Não-identificado	A-T	Hemidactylus
A-T	/	T	turcicus
A-T	/	C	cont.
A-T	/	T-C	*
A-T	/	C-C	*
A-T	/	T-G	*
T-T	/	G-G	*
G-G	/	G-G	*
G-G	/	G-G	*
A-A	*Hemidactylus	G-G	*
T-T	turcicus	G-G	*

T-G	turcicus	G-G	turcicus
C-A	*	G-G	*
A-C	*	G-G	*

Parou de folhear as páginas. Havia aí algo de muito estranho: o programa identificara uma grande porção de ADN, que pertencia a um animal chamado *Hemidactylus Turcicus*.

Que diabo será tal bicho? Pensou Turow.

A Nomenclatura Biológica da Base de Dados esclareceu-o:

NOME COMUM: OSGA TURCA

O quê? Pensou Turow. Depois teclou: EXPANDIR

HEMIDACTYLUS TURCICUS: OSGA TURCA.

HABITAT ORIGINAL: NORTE DE ÁFRICA

PRESENTE HABITAT BIOLÓGICO: FLORIDA, BRASIL, ÁSIA MENOR, NORTE DE ÁFRICA. LAGARTO DE TAMANHO MÉDIO DA FAMÍLIA DAS OSGAS, OSGONIDÆ, ARBÓREA, NOCTURNA, SEM PÁLPEBRAS MOVÍVEIS

Turow saiu dessa base de dados enquanto a informação ainda estava a aparecer no ecrã. Era completamente absurdo, não havia dúvidas. ADN de lagarto e ADN humano na mesma amostra? Mas não era a primeira vez que algo semelhante acontecia. De facto, não poderíamos criticar o computador. O processo estava longe de ser exacto e apenas um pequeno número de sequências de ADN, de qualquer organismo vivo, era conhecido.

Voltou a examinar a lista impressa. Menos de cinquenta por cento das semelhanças encontradas eram de natureza humana — uma percentagem muito baixa, assumindo que o sujeito era humano, mas, sem dúvida, tratava-se de uma amostra degradada. E havia sempre a possibilidade de contaminação. Uma ou outra célula perdida poderia sempre arruinar toda a análise. Esta última possibilidade era a que, para Turow, parecia a mais provável. *Ora bem, que poderemos nós esperar do Departamento de Polícia de Nova Iorque?* Se eles nem sequer se conseguiam ver livres do fulano que vendia *crack*, bem às claras, na esquina fronteiriça ao seu prédio...

Continuou as suas observações. Calma, pensou ele, há aqui uma outra sequência: *Tarentola Mauritanica*. Voltou à base de dados e escreveu o nome. No ecrã lia-se:

TARENTOLA MAURITANICA: OSGA DE PAREDE

É *inacreditável*, pensou Turow. Devem estar a brincar comigo. Olhou então para o calendário, mas o dia 1 de Abril era no próximo sábado.

Começou a rir-se. Tratava-se de uma excelente piada. De facto, muito bem montada. Mal podia acreditar que o velho Buchholtz ainda tivesse esse sentido de humor. Ora, ele também não iria ficar-lhe atrás. E começou a escrever o seu relatório.

Amostra LA-33

Resumo: Amostra definitivamente identificada como Homo Osgensis,

Nome comum: Homem-Osga...

Quando acabou o relatório, enviou-o logo para o andar de cima. Em seguida, foi buscar um café, ainda a rir-se. Sentia-se orgulhoso pelo modo como tratara a questão. Ainda pensou onde diabo teria o Buchholtz arranjado as amostras de osga. *Talvez as vendessem em lojas de animais.* Já o estava a imaginar a misturar células de duas ou três osgas, no ultramisturador, e a juntar-lhes umas gotas do seu sangue. *Ora vamos lá ver o que o nosso novato Turow irá concluir desta amostra, talvez tivesse pensado.* Quando o Turow regressou com o café, teve que se rir bem alto. Encontrou o Buchholtz à espera dele no laboratório, só que este não se estava a rir.

18

QUARTA-FEIRA

Frock estava sentado na sua cadeira de rodas, a limpar a testa com um lenço *Gucci*. «Sente-se, por favor» disse ele a Margo. «Agradeço-lhe ter vindo tão rapidamente. É horrível. É mesmo horrível.»

«O pobre do guarda...» disse ela. Ninguém no Museu falava de outra coisa.

«Guarda?» Frock levantou os olhos. «Ah, sim, uma tragédia... Não, eu referia-me a isto» e pegou num memorando.

«É um sem fim de regras novas» disse Frock. «Muito inconveniente. A partir de hoje, só se permite a presença de pessoal, nesta instituição, entre as dez e as cinco da tarde. Já não poderemos trabalhar até tarde ao domingo. Irá haver guardas destacados para cada departamento. Teremos

que assinar um livro, cada vez que entrarmos ou sairmos do Departamento de Antropologia. Estão a pedir que toda a gente traga consigo o seu cartão. Ninguém poderá entrar ou sair do Museu sem ele.»

E continuou a ler. «Vejam os avisos... ah, sim. Tente, tanto quanto possível, limitar-se à sua secção de trabalho. Terei que lhe dizer que não poderá andar sozinha por áreas isoladas do Museu. Se precisar de ir a algum lado, terá que ir com outra pessoa. A Polícia irá falar com toda a gente que trabalhe na Velha Cave. A sua entrevista está marcada para o início da semana que vem. E várias secções do Museu terão o acesso proibido.» Depois, atirou o memorando para cima da secretária.

Margo reparou que, junto a esses avisos, havia uma planta agraçada, com as áreas proibidas coloridas a vermelho. «Não se preocupe muito» continuou Frock. «Estou a ver que o seu escritório é mesmo fora do limite dessa área.»

Que maravilha! Pensou Margo. *Mesmo no perímetro em que o assassino talvez esteja à espreita.* «Tudo isso me parece uma coisa muito complicada, Professor Frock. Por que não fecharam, simplesmente, o Museu?»

«É claro que tentaram fazê-lo, minha cara. Estou certo de que o Winston talvez lhes tivesse dado a volta. Se a *Superstição* não abrir a tempo, o Museu irá ter graves problemas.» Frock voltou a segurar no memorando. «Podemos dar este assunto como encerrado? Há outras coisas de que gostaria de falar consigo.»

Margo acenou afirmativamente com a cabeça. *O Museu irá ter graves problemas.* Parecia-lhe que já os estava a ter. A sua colega de escritório, tal como metade do pessoal do Museu, tinha telefonado nessa manhã a dizer que estava doente. Os que tinham aparecido passavam a maior parte do tempo de roda das máquinas de café ou das fotocopiadoras, trocando boatos e mantendo-se em grupos. Como se isso não bastasse, as salas do Museu estavam praticamente vazias. As famílias em férias, as turmas escolares, as crianças a gritar — os visitantes habituais — eram cada vez em menor número. Agora o Museu só conseguia atrair certos curiosos, com um aspecto esquisitíssimo.

«Gostaria de saber se já conseguia obter algumas das plantas dos Kiribitu» continuou Frock. «Pensei que talvez pudesse ser um exercício interessante, para ambos, inserir os resultados no Extrapolador.»

O telefone tocou. «Que aborrecimento» disse o professor, pegando no auscultador. «Estou?»

Houve um longo silêncio. «Acha que é necessário?» perguntou Frock. Depois fez uma pausa. «Se insiste...» concluiu, desligando o telefone e suspirando profundamente.

«As autoridades querem que eu vá até à cave, só Deus sabe porquê.»

É alguém chamado Pendergast. Importa-se de me ajudar a empurrar a cadeira até lá? Poderemos conversar pelo caminho.»

Já no elevador, Margo começou a dizer-lhe: «Conseguí arranjar alguns espécimes no herbário, mas não tantos quanto eu queria. Mas não percebo. Está a sugerir que analisássemos os dados no E. S. G.?»

«É isso mesmo» disse Frock. «Dependendo, é claro, da condição das plantas. Acha que se poderão identificar geneticamente?»

E. S. G. era uma abreviatura para Extrapolador de Sequências Genéticas, o programa que Kawakita e Frock estavam a desenvolver, para a análise de «impressões» de ADN.

«As plantas estão em boas condições, na maioria dos casos» admitiu Margo. «Mas, Dr. Frock, não estou a ver a utilidade delas para serem usadas no Extrapolador.» *Será que estou com ciúmes do Kawakita?* Pensou. *Será por isso que estou a resistir?*

«Minha cara Margo, o seu caso é mesmo apropriado!» exclamou Frock, usando o primeiro nome dela, devido ao seu entusiasmo. «Não podemos voltar atrás na evolução, mas poderemos *simulá-la* com o auxílio de computadores. Talvez haja uma relação genética entre todas essas plantas, de acordo com as linhas que os xamãs kiribitu desenvolveram para a sua classificação. Não acha que isso seria um acréscimo interessante para a sua tese?»

«Nunca tinha pensado nisso» disse Margo.

«Estamos de momento a testar o programa, em busca de possíveis desvios, e esse é precisamente o tipo de cenário que nós precisamos» continuou Frock, muito excitado. «Por que não fala com o Kawakita para que possam trabalhar juntos?»

Margo acenou afirmativamente com a cabeça. Pessoalmente, achava que o Kawakita não era o tipo de indivíduo que gostasse de compartilhar com alguém os seus sucessos — ou até a sua pesquisa.

A porta do elevador abriu-se num posto de controlo monitorizado por dois agentes da Polícia, munidos de espingardas. «O senhor é o Dr. Frock?» perguntou um deles.

«Sim» respondeu o professor.

«Venha connosco, se faz favor.»

Margo empurrou a cadeira, através de várias intersecções, até chegar a um segundo posto de controlo. Por detrás da vedação, estavam mais dois polícias e um homem alto e magro, de cabelo louro quase branco, muito penteado para trás, vestido com um sombrio fato negro. Logo que os polícias desviaram parte da vedação, ele saiu e aproximou-se do professor.

«Deve ser o Dr. Frock» disse ele, estendendo-lhe a mão. «Obrigado por ter vindo até aqui. Como lhe disse, estou à espera de outra pessoa, de

modo que não pude passar pelo seu escritório. Se soubesse que o senhor...» acrescentou, apontando discretamente para a cadeira de rodas, «nunca lhe teria pedido... Sou o Agente Especial Pendergast.» Apertou-lhe a mão. *Tem um sotaque curioso, pensou Margo, Alabama? Este indivíduo não se parece nada com um Agente do FBI.*

«Não tem importância» disse Frock, encantado com a cortesia de Pendergast. «Esta é a minha assistente, *Miss Green.*» Margo deu-se conta de que a mão dele estava gelada.

«É uma honra conhecer um cientista tão famoso como o senhor» continuou Pendergast. «Espero ter tempo para poder ler o seu último livro.»

«Muito obrigado» disse Frock, acenando afirmativamente com a cabeça.

«Será que discute nele o cenário do “Jogador Arruinado”, relacionando-o com a sua teoria da evolução? Sempre pensei que tal iria fortalecer a sua hipótese. Especialmente se assumirmos que muitos géneros biológicos iniciam a sua evolução demasiado perto da fronteira de absorção.»

Frock endireitou-se um pouco mais na cadeira. «Bem... sim... estava a planear fazer algumas referências ao que acaba de dizer no meu próximo livro.» Era como se, de súbito, não soubesse o que dizer.

Pendergast fez um sinal aos agentes e estes voltaram a colocar a barreira. «Preciso da sua ajuda, Dr. Frock» disse ele, em voz baixa.

«Com certeza» disse o professor, amigavelmente. A Margo ficou espantada com a velocidade com que Pendergast obtivera a colaboração do Dr. Frock.

«Terei que lhe pedir, antes de mais, que esta discussão fique só entre nós, pelo menos por enquanto» disse Pendergast «Será que o senhor e a *Miss Green* me podem dar a vossa palavra?»

«É claro» disse Frock. Margo limitou-se a dizer que sim com a cabeça.

Pendergast fez um gesto para um dos agentes, que lhe trouxe um grande saco de plástico onde se lia: PROVAS MATERIAIS. Desse saco, retirou um pequeno objecto escuro que ele passou ao Dr. Frock.

«O que o senhor tem na mão é um molde de látex de uma garra, encontrada no interior de uma das crianças que foram assassinadas na semana passada» disse ele.

«Uma garra?» disse Frock, colocando o objecto mais perto do rosto e começando a examiná-lo. «Muito estranho... Mas creio tratar-se de uma imitação.»

Pendergast sorriu. «Ainda não fomos capazes de identificar a sua proveniência, Senhor Doutor. Mas não creio tratar-se de uma imitação. No

canal do nervo dessa garra encontrámos algum material, que está agora a ser testado para sequências de ADN. Os resultados ainda são ambíguos, de modo que ainda continuamos a fazer testes.»

Frock levantou o sobrolho. «Interessante...»

«Veja agora isto» disse-lhe Pendergast, metendo a mão no saco e retirando um objecto muito maior. «Trata-se da reconstrução do instrumento que dilacerou as crianças.»

Margo olhou para o modelo, com uma certa relutância. Numa das pontas o látex terminava numa série de pedaços irregulares, mas na outra os detalhes eram claros e bem definidos. Terminava em três garras aduncas: uma maior, ao centro, e duas mais pequenas, de ambos os lados.

«Meu Deus!» exclamou Frock. «Isso parece pertencer a um sáurio.»

«A um sáurio?» perguntou Pendergast, cheio de dúvidas.

«A um *Dino-sáurio*» disse Frock. «Parece-me tratar-se da pata de uma ave extinta, diria eu, só que... Repare aqui. O desenvolvimento digital central encontra-se muito mais fortalecido, enquanto que as garras laterais parecem indicar um certo subdesenvolvimento.»

Pendergast levantou o sobrolho, muito surpreendido. «Bem, Senhor Doutor,» observou ele, devagar, «inclinávamo-nos mais para os grandes felídeos, ou para algum mamífero carnívoro.»

«Mas deverá *com certeza* saber, Sr. Pendergast, que todos os mamíferos predadores têm cinco apêndices digitais.»

«É claro, Doutor» disse Pendergast. «Se tiver um pouco de paciência para me ouvir, gostaria de lhe apresentar um possível cenário.»

«Fale à vontade.» disse Frock.

«Existe a teoria de que o assassino está a usar isto» disse ele, levantando essa espécie de pata, «como a arma para dilacerar as vítimas.» Achamos que, o que tenho aqui na minha mão não passa de um tipo de *artefacto*, qualquer coisa feita por uma tribo primitiva, a partir de, digamos, uma pata anterior de jaguar ou de leão. O ADN parece estar degradado. Pode trata-se de um velho artefacto, recolhido há muito tempo por alguém no Museu, e recentemente roubado.»

Frock baixou a cabeça até o queixo quase lhe tocar no peito. O silêncio prolongou-se, apenas interrompido pelos passos dos polícias junto à vedação. Só depois ele falou.

«E o guarda que foi morto? Será que os seus ferimentos indicavam a presença de uma garra partida?»

«É uma observação pertinente» disse Pendergast. «Mas o Professor poderá verificar.» Voltou a introduzir a mão no saco de plástico e removeu uma pesada placa de látex, um longo rectângulo com três rasgões irregulares no meio.

«Este é o molde de uma das feridas abdominais do guarda» explicou Pendergast. Margo sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha. Tratava-se de uma coisa verdadeiramente revoltante.

Frock examinou as margens desses mesmos rasgões. «A penetração deverá ter sido assustadora. Mas os ferimentos não indicam a presença de uma garra partida. Logo, creio que me está a sugerir que *dois* artefactos teriam sido usados pelo assassino.»

Pendergast pareceu ficar pouco à vontade, mas acenou-lhe que sim.

Frock voltou a deixar que a cabeça lhe descaísse. O silêncio prolongou-se durante alguns minutos. «Outra coisa» disse ele, subitamente, elevando a voz. «Está a ver como as marcas das garras se *aproximam* ligeiramente? Como estão mais afastadas no cimo do que na parte de baixo?»

«Não estou a perceber...» disse Pendergast.

«Como uma mão que se fecha num punho. Isso iria indicar uma certa flexibilidade do instrumento.»

«Sem dúvida» disse Pendergast. «A pele humana, no entanto, é bastante macia e elástica. Este molde não nos dão assim tanta informação.» Em seguida, após uma pausa, continuou: «Dr. Frock, será que existe algum artefacto, que tivesse sido retirado da sua colecção, capaz de fazer isto?»

«Não existem *tais artefactos* na nossa colecção» disse Frock, com um vago sorriso. «Não sei se estará a ver, mas isto provém de um animal que eu estudei. Está a ver como a garra tem uma forma cónica e uma raiz profunda muito bem protegida? Está a ver como se adelgaça no cimo até formar uma secção perfeitamente tripiramidal? Isto só se verifica em duas classes de animais: no dinossauro e no pássaro. É por isso que alguns evolucionistas pensam que os pássaros evoluíram a partir dos dinossauros. Diria que pertence a um pássaro, só que é demasiado grande. Logo, pertence a um dinossauro.»

O professor colocou a garra de látex no colo e voltou a examiná-la. «É óbvio que um indivíduo engenhoso, familiarizado com a morfologia dos dinossauros poderia ter construído uma garra como esta e usá-la como arma de crime. Assumo que testou o fragmento original para ver se, de facto, é composto de verdadeiro material biológico, como a queratina, e não construído a partir de matérias inorgânicas?»

«Sim, Senhor Doutor, trata-se de uma garra verdadeira.»

«E tem a certeza de que o ADN também é verdadeiro e não sangue ou carne da vítima?»

«Sim» respondeu-lhe Pendergast. Como lhe disse foi extraído da raiz e não de uma cutícula.»

«E agora diga-me, o ADN era de quê?»

«O relatório final ainda não nos chegou às mãos.»

Frock levantou a mão. «Mas diga-me, por que motivo não está a usar o nosso laboratório de ADN, aqui no Museu? Temos aqui instalações tão boas ou melhores do que quaisquer outras neste Estado.»

«Tão boas como quaisquer outras em todo o país, Senhor Doutor. Mas deverá perceber que estamos impedidos de recorrer a elas. Será que poderíamos partir de resultados de testes feitos no local do crime? Quem sabe se com o próprio assassino a manejar o equipamento?» Pendergast sorriu. «Espero que possa desculpar esta minha insistência, mas, será que poderia *considerar* a possibilidade de que a arma possa ser fabricada a partir de relíquias desviadas da coleção de Antropologia? Poder-me-ia dizer a que artefacto, ou artefactos, este modelo mais se assemelha?»

«Se é isso que quer...» respondeu-lhe Frock.

«Muito obrigado. Poderemos talvez voltar a discutir o assunto daqui a um dia ou dois. Entretanto, será que seria possível obter um inventário impresso de toda a coleção de Antropologia?»

Frock sorriu. «De seis milhões de peças?... Poderá usar, no entanto, o catálogo que se encontra no computador. Quer que lhe instalem um terminal?»

«Talvez mais tarde» disse Pendergast, voltando a colocar o molde de látex no saco de plástico. «Agradeço toda a sua simpatia. O nosso posto de comando encontra-se, neste momento, na galeria, por detrás da reprografia.»

Ouviram-se passos atrás deles. Margo voltou-se para ver a figura esguia do Dr. Ian Cuthbert, Assessor do Director do Museu, seguido de dois agentes que acabavam de sair do elevador.

«Escutem. Quanto tempo mais irá isto demorar?» queixava-se Cuthbert. Parou então, junto à vedação. «Estou a ver, Frock, que também já te apanharam. Que grande maçada tudo isto me saiu!»

Frock pareceu concordar discretamente com ele.

«Desculpe-me, Senhor Doutor, esta é a pessoa de que estava à espera quando primeiro lhe falei. Mas poderá ficar, se quiser...» Frock acenou-lhe afirmativamente com a cabeça.

«Ora vamos lá, Dr. Cuthbert» disse Pendergast subitamente, voltando-se para esse indivíduo escocês. «Pedi-lhe que viesse até aqui pois preciso de mais informação acerca da área atrás de mim» disse, à medida que apontava para uma grande porta.

«Refere-se à Área de Segurança. Que quer saber? Sem dúvida outra pessoa poderia...» continuou Cuthbert.

«Sim, mas as minhas perguntas são para o senhor» interrompeu-o Pendergast, de um modo delicado mas com bastante firmeza. «Poderemos entrar?»

«Se não me tomar muito tempo...» disse Cuthbert. «Tenho que montar ainda uma enorme exposição.»

«Sim, bem sei» disse Frock, com um certo tom sardónico. «Uma *exposição*» observou, pedindo a Margo que lhe empurrasse a cadeira para se aproximar.

«Dr. Frock?» disse Pendergast, com a sua habitual delicadeza.

«Sim?»

«Será que me poderia devolver o molde?»

A antiga porta folheada a cobre da Área de Segurança fora removida e uma nova, em aço, colocada no seu lugar. Do outro lado do vestíbulo havia uma porta com um letreiro que indicava *PACHYDERMLÆ*. Margo ainda imaginava de que modo teriam conseguido introduzir enormes ossos de elefantes através dessa porta.

Voltando-se, empurrou a cadeira de Frock até um pequeno corredor para lá da porta da Área de Segurança. O Museu guardava os seus artefactos mais valiosos em salas estanques de armazenamento, de ambos os lados: safiras e diamantes; marfim e cornos de rinoceronte, amontoados em estrados, como se fossem lenha; ossos e peles de animais extintos; deuses guerreiros dos Zuñi. Dois homens de fatos escuros encontravam-se ao fundo, falando em voz baixa, e apumaram-se um pouco, quando Pendergast entrou.

Este parou diante da porta aberta de uma das salas, em tudo semelhante às outras, com uma enorme fechadura negra de combinação e um puxador de latão com curvas arredondadas. Lá dentro, uma lâmpada derramava uma luz crua pelas paredes de metal. Essa sala estava vazia, à excepção de alguns caixotes, todos eles bastante grandes, excepto um. A tampa da caixa mais pequena fora removida, um dos caixotes maiores parecia estar bastante danificado, com algumas aparas de madeira a saírem pelas fendas.

Pendergast esperou até estarem todos dentro dessa sala de armazenamento. «Permitam-me dar-lhes algumas informações» disse ele. «O assassinio do guarda ocorreu não muito longe deste local. Acreditamos que depois de ter cometido o homicídio, o assassino seguiu pelo corredor aí fora. Este tentou arrombar a porta que dá para a Área de Segurança. Talvez o tivesse já tentado antes. Mas essas tentativas foram goradas.

«A princípio não sabíamos de que é que o assassino andava à procura. Como sabem, há aqui bastantes coisas valiosas.» Pendergast gesticulou para um dos polícias que, ao aproximar-se, lhe trouxe uma folha de papel. «De modo que perguntámos e fomos informados de que nada entrou ou saiu da Área de Segurança, nos últimos seis meses. Excepto estes caixotes.

Foram para aqui trazidos na semana passada, a pedido do Dr. Cuthbert.»

«Sr. Pendergast, permita-me explicar...» disse este.

«Um momento, se não se importa» disse Pendergast. «Quando inspeccionámos os caixotes encontrámos algo de muito interessante.» Apon-
tou então para o que estava danificado. «Estão a ver as ripas? As que têm
quatro por doze centímetros de espessura estão cheias de arranhões feitos
por garras. O nosso pessoal forense diz-me que esse tipo de arranhões é se-
melhante ao que encontrámos nas vítimas e talvez provocados pelo mesmo
objecto.»

Pendergast parou então, olhando muito para Cuthbert.

«Não fazia a mínima ideia...» disse este. «Nada foi retirado. Apenas
pensei que...» A sua voz esmoreceu nesse momento.

«Senhor Doutor, será que nos poderá elucidar acerca da história
destes caixotes?»

«A explicação é muito simples» disse o assessor. «Não há mistério
algum. Os caixotes pertencem a uma velha expedição.»

«Isso já eu tinha calculado» disse Pendergast. «Mas a que expedi-
ção?»

«A expedição levada a cabo por Whittlesey» respondeu Cuthbert.

Pendergast esperou por mais explicações.

Finalmente, Cuthbert suspirou: «Tratou-se de uma expedição à
América do Sul, há cerca de cinco anos. Não foi... inteiramente bem suce-
dida.»

«Foi um desastre completo» observou Frock, com ironia. Sem de
dar conta do olhar zangado de Cuthbert, continuou então: «Na altura cau-
sou mesmo um escândalo no Museu. A expedição terminou mais cedo do
que seria de prever, devido a conflitos de personalidade. Alguns dos mem-
bros foram mortos por indivíduos pertencentes a tribos hostis; os outros
morreram num desastre de avião, na viagem de regresso a Nova Iorque.
Houve também quem falasse, inevitavelmente, numa maldição, ou em algo
do género.»

«Isso é um exagero» disse logo Cuthbert, cortando-lhe a palavra.
«Não me recordo de ter havido qualquer escândalo.»

Pendergast olhou para ambos. «E os caixotes?» perguntou ele, com
um falso ar de ingenuidade.

«Foram enviados para aqui, separadamente» observou Cuthbert.
«Mas isso nada terá que ver com o assunto. Havia um objecto muito estra-
nho num deles, uma estatueta criada por uma tribo já extinta da América
do Sul. Irá ser um objecto central na nossa *Exposição sobre Superstições.*»

Pendergast acenou-lhe com a cabeça. «Continue.»

«Na semana passada, quando fomos buscar a estatueta, reparei que

um dos caixotes tinha sido arrombado» disse ele, apontando-o. «De modo que dei ordens para que todos os caixotes fossem trazidos para a Área de Segurança.»

«E o que é que roubaram?»

«Isto poderá parecer-vos um pouco estranho» disse Cuthbert. «Não faltava nenhum artefacto no caixote. A estatueta, por si só, vale uma fortuna. É uma peça original, única em todo o mundo. A tribo dos Kothoga, que a esculpiu, desapareceu há muitos anos.»

«Quer então dizer, que não faltava aí *nada*?» perguntou Pendergast.

«Bem, pelo menos nada que fosse importante. A única coisa que parecia faltar eram as vagens cheias de sementes, ou o que quer que isso fosse. Maxwell, o cientista que as empacotou, morreu nesse desastre de avião, perto de Assunção.»

«Vagens com sementes?» perguntou Pendergast.

«Para falar verdade, não sei bem do que se tratava. Nenhuma documentação nos chegou, à excepção do material antropológico. Tínhamos o diário de Whittlesey, bem sei, mas era tudo. Houve um pequeno trabalho de reconstrução, logo que recebemos os caixotes, mas desde então...»

«É melhor que me dê mais informações acerca da expedição» disse Pendergast.

«Mas não há muito mais a acrescentar. A princípio tinham-se reunido para encontrarem vestígios da tribo dos Kothoga e para fazerem um levantamento numa zona muito remota da floresta tropical. Penso que o trabalho preliminar apontava para o facto de noventa por cento das espécies vegetais da área serem ainda desconhecidas. Whittlesey, um antropólogo, era o líder. Creio que havia também um paleontólogo, um especialista em mamíferos, um antropólogo físico, talvez um entomólogo, alguns assistentes... O Dr. Whittlesey e um assistente dele, chamado Crocker, desapareceram, talvez mortos por elementos da tribo. Os outros morreram no desastre de avião. A única coisa para a qual possuíamos documentação era a estatueta, pois era descrita e mencionada no diário. O resto permanece um mistério, não temos quaisquer dados acerca do local de recolha, nada.»

«E por que razão estiveram estes materiais tanto tempo nos caixotes? Por que motivo não foi tudo desencaixotado, catalogado e inserido nas colecções?»

Cuthbert moveu-se, como se se sentisse um pouco embaraçado. «Bem» disse ele, numa tentativa de se defender, «pergunte ao Dr. Frock. Ele é que é o Director do Departamento.»

«As nossas colecções são enormes» explicou Frock. «Ainda temos ossos de dinossauros encaixotados, desde a década de 1930, em que nin-

guém tocou ainda. Custa muito dinheiro e exige bastante tempo conservar essas coisas.» Suspirou então. «Mas, neste caso em particular, não se tratou de adiar tais tarefas. Tanto quanto me recordo, o Departamento de Antropologia estava proibido de tratar destes caixotes, logo que eles chegaram.» Em seguida olhou, muito atentamente para Cuthbert.

«Mas isso foi há muitos anos» disse este, com um tom irritado.

«E como é que sabe que não existem artefactos raros nos caixotes que ainda não foram abertos?» perguntou Pendergast.

«O Dr. Whittlesey já tinha mencionado no diário que a estatueta era a única coisa de valor e que esta se encontrava na caixa mais pequena.»

«Posso ver esse diário?»

Cuthbert abanou a cabeça. «Desapareceu e nunca mais o encontramos.»

«E foi o senhor quem pediu que trouxessem para aqui os caixotes?»

«Fui eu quem o sugeri ao Dr. Wright, logo que soube que alguém lhes tinha mexido» disse Cuthbert. «Mantivemos neles todo o material, até que este pudesse ser conservado e catalogado. Essa é uma das regras do Museu.»

«Então os caixotes vieram para aqui nos finais da semana passada...» murmurou Pendergast, quase para consigo mesmo. «Antes da morte dos dois rapazes. De que estaria o assassino à procura?» Em seguida, voltou a fitar Cuthbert. «Que me disse que tinha sido retirado dos caixotes? Vagens com sementes, não é verdade?»

Cuthbert encolheu os ombros. «Como lhe disse, não sei bem o que isso era. A mim pareciam-me vagens, mas não sou nenhum botânico.»

«Será que mas pode descrever?»

«Passaram já tantos anos... na verdade já não me lembro bem. Eram redondas, grandes, pesadas, de um castanho-claro. Só vi o interior dos caixotes por duas vezes, está a perceber? Uma vez, logo que chegaram; outra na semana passada, quando estive à procura do Mbwun, da estatueta.»

«E onde é que ela está agora?» perguntou Pendergast.

«Está a ser tratada para ser exibida. Já deve estar exposta, mas iremos vedar hoje esse espaço.»

«Retirou mais qualquer coisa dos caixotes?»

«Não, a estatueta era a única coisa que aí estava.»

«Gostaria muito de a ver» disse Pendergast.

Cuthbert apoiou-se uma vez mais, num e noutra pé, com uma certa irritação. «Poderá vê-la logo que abra a exposição. Para ser franco, não sei do que está à procura. Por que motivo perder tanto tempo com um caixote

arrombado, quando anda por aí um assassino em série à solta, e vocês nem sequer o conseguem, capturar?»

Frock desobstruiu a garganta. «Margo, aproxime-me mais, se não se importa» pediu ele.

Esta empurrou-lhe a cadeira até perto dos caixotes. Com um resmungo, ele inclinou-se mais para observar as tábuas partidas.

Toda a gente estava a olhar para ele.

«Muito obrigado» disse ele, endireitando-se. Então olhou para o grupo e para um de cada vez.

«Não sei se estão a ver, mas estas tábuas estão arranhadas pelo lado de fora e também pelo lado de dentro» disse ele, finalmente. «Sr. Pendergast, não estaremos aqui a supor uma série de coisas?» acrescentou.

«Eu nunca suponho coisa nenhuma» respondeu-lhe Pendergast, com um sorriso.

«Mas estão» insistiu Frock. «Todos vocês estão a fazer uma suposição — que alguém, ou qualquer coisa, *arrombou* o caixote.»

Houve um profundo silêncio nessa sala de armazenamento. Margo conseguia cheirar o pó no ar, e um odor vago de aparas de madeira.

Mas Cuthbert começou a rir-se às gargalhadas, que ressoaram desagradavelmente por esse espaço.

Ao aproximarem-se uma vez mais do escritório de Frock, o conservador estava muito animado.

«Reparou no modelo?» perguntou ele a Margo. «Características das aves... morfologia de dinossauro... Olhe que pode ser precisamente a coisa de que andamos à procura!» Mal se podia conter, ao dizê-lo.

«Mas, Professor Frock, o Sr. Pendergast acha que alguém construiu esse objecto de agressão» disse logo a Margo. Só então reparou que também *ela* gostaria de acreditar nisso.

«Ora...» disse ele, entre dentes. «Então não ficou logo com uma ideia, quando viu o modelo? Não viu logo que se tratava de algo extremamente familiar, mas no entanto bastante estranho? Estamos na presença de uma aberração evolucionária. De qualquer coisa que poderá finalmente dar crédito à minha teoria.» Uma vez no escritório, Frock pegou logo num caderninho de notas, que trazia no bolso do casaco, e começou a escrever.

«Mas Professor, como poderia uma criatura dessa natureza...?» Margo parou, ao sentir que as mãos de Frock agarravam nas dela, com muita força.

«Minha cara, menina,» disse ele, «há mais coisas no céu e na terra, como Hamlet mencionou. Nem sempre temos que especular. Às vezes, basta-nos observar.» Falava baixo, mas tremia de entusiasmo. «Não podere-

mos perder esta oportunidade, está a ouvir-me? Maldita prisão de ferro esta onde estou! Ouça, Margo, terá que ser os meus olhos e os meus ouvidos. Terá que ir a todo o lado, pesquisar por tudo quanto é sítio, tornar-se uma extensão dos meus dedos. Não poderemos, de facto, perder esta oportunidade, está a perceber? E está disposta a ajudar-me?»

Nessa altura, apertou ainda mais a mão dela.

19

O velho monta-cargas da Secção 28 do Museu, cheirava sempre como se qualquer coisa aí tivesse morrido e apodrecido, pensou Smithback, enquanto tentava respirar pela boca.

O elevador era enorme, do tamanho de um estúdio de Manhattan. O ascensorista decorara-o com uma mesa, uma cadeira e ilustrações cortadas das revistas do Museu, onde se mostravam paisagens e cenas naturais. Estas tinham por tema um único assunto. Havia girafas a entrelaçarem os pescoços, insectos a acasalarem, um macaco a mostrar o traseiro e mulheres nativas de seios descaídos.

«Gosta da minha pequena galeria de arte?» perguntou o ascensorista, com um certo ar malicioso. Ele tinha cerca de sessenta anos e usava um capachinho cor de laranja.

«É sempre bom ver alguém tão interessado em História Natural» disse Smithback, com sarcasmo.

Ao sair, o cheiro a carne podre atingiu-o com uma intensidade redobrada, parecia dominar todo o ar, como o nevoeiro do Maine. «Como é que você consegue aguentar?» perguntou ele, quase sem fôlego, ao ascensorista.

«Aguentar o quê?» disse o idoso, alguns instantes depois, antes de ter fechado as portas.

Uma voz muito simpática ouviu-se ao fundo do corredor. «Seja bem-vindo!» disse um homem mais velho, gritando para abafar o som dos tubos de renovação do ar e entendendo a mão a Smithback. «Hoje só estamos a cozinhar uma zebra. Perdeu o nosso rinoceronte... Mas venha, de qualquer modo, entre por favor!» Smithback sabia que o seu pesado sotaque era austríaco.

Jost Von Oster era o encarregado da área de preparação osteológica, o laboratório do Museu em que as carcaças de animais eram reduzidas apenas aos ossos. Ele tinha mais do que oitenta anos, mas apresentava um aspecto tão rosado, tão bem-disposto e encorpado, que, a maior parte das pessoas pensava que ele era muito mais novo.